



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNU- ANÁPOLIS-CSEH NELSON DE ABREU JUNIOR
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES-PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO STRICTO SENSU INTERDISCIPLINAR EM TERRITORIOS E
EXPRESSÕES CULTURAIS DO CERRADO-PPGTECCER

EDJANE RODRIGUES NUNES

“SABER QUE VEM DA TERRA”:
MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE AS PRÁTICAS DOS RAIZEIROS(AS) NO SETOR
CENTRAL E NAS FEIRAS NA CIDADE DE ANÁPOLIS-GO ENTRE OS ANOS DE
2022 A 2024

ANÁPOLIS

2024

EDJANE RODRIGUES NUNES

**“SABER QUE VEM DA TERRA”:
MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE AS PRÁTICAS DOS RAIZEIROS(AS) NO SETOR
CENTRAL E NAS FEIRAS NA CIDADE DE ANÁPOLIS-GO ENTRE OS ANOS DE
2022 A 2024**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação PPGTECCER, da Universidade Estadual de Goiás, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais e Humanidades Territórios e Expressões Culturais no Cerrado.

Linha da Pesquisa: Linha 3 – Patrimônio e Expressões Culturais do Cerrado

Orientadora: Profa. Dra. Mary Anne Vieira Silva

ANÁPOLIS

2024



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, **CsA n.1087/2019** sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do autor / autora.

Dados do autor (a)

Nome Completo: Edjane Rodrigues Nunes

E-mail: edjanernunes@gmail.com

Dados do trabalho

Título: "SABER QUE VEM DA TERRA": MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE AS PRÁTICAS DOS RAIZEIROS(AS) NO SETOR CENTRAL E NAS FEIRAS NA CIDADE DE ANÁPOLIS-GO ENTRE OS ANOS DE 2022 A 2024.

Dissertação

Curso/Programa: Mestrado em Ciências Sociais e Humanidades-Programa de Pós-Graduação Strito Sensu Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais do Cerrado-PPGTECCER

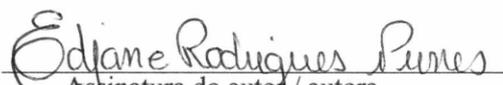
Concorda com a liberação documento

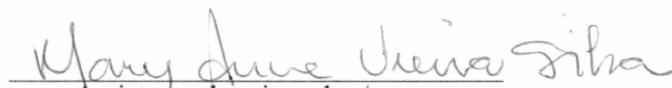
SIM

NÃO

Obs: Período de embargo é de um ano a partir da data de defesa

Anápolis, 23 de outubro de 2024


Assinatura do autor / autora


Assinatura do orientador /
orientadora

Ficha catalográfica

N972s

Nunes, Edjane Rodrigues.

“Saber que vem da terra” [manuscrito] : múltiplos olhares sobre as práticas dos raizeiros(as) no setor central e nas feiras na cidade de Anápolis-GO entre os anos de 2022 a 2024 – história e memória(1743-1944). / Edjane Rodrigues Nunes. - 2024.

118f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Mary Anne Vieira Silva.

Dissertação (Mestrado em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado), Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas – Nelson de Abreu Júnior, Anápolis, 2024.

Inclui bibliografia.

1.Geografia cultural – Cerrado goiano. 2.Fitoterápicos – Cerrado – Goiás(Estado). 3.Raizeiros – Cerrado – Anápolis(GO). 4.Plantas Medicinais – Cerrado - Anápolis(GO). 5.Dissertações – TECCER - UEG/UnUCSEH. I. Silva, Mary Anne Vieira. II.Título.

CDU 398.1(817.3Anápolis)(043)

Elaborada por Aparecida Marta de Jesus
Bibliotecária da UnUCSEH
CRB-1/2385



ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aos 23 dias do mês de outubro do ano de dois mil e vinte e quatro, a partir das 10:00 horas, na sala 201 da UnuCSEH – Nelson de Abreu Júnior, em formato **PRESENCIAL**, realizou-se a sessão de julgamento da dissertação da discente **EDJANE RODRIGUES NUNES.**, intitulada **“SABER QUE VEM DA TERRA”**:MULTIPLoS OLHARES SOBRE AS PRÁTICAS DOS RAIZEIROS(AS) NO SETOR CENTRAL E NAS FEIRAS NA CIDADE DE ANÁPOLIS-GO ENTRE OS ANOS DE 2022 A 2024”. A Banca Examinadora foi composta pelos seguintes Professores: Dra. Mary Anne Vieira Silva (Orientadora), Dr. Marcos Antônio Cunha Torres (PROMEP-UEG) (Examinador Externo), Dra. Divina Aparecida Leonel Lunas (Examinador Interno). Os membros da banca fizeram suas observações e sugestões, as quais deverão ser consideradas pelo discente e sua orientadora. Em seguida a Banca Examinadora reuniu-se, em sessão secreta, atribuindo ao discente os seguintes resultados.

Dra. Mary Anne Vieira Silva (Orientadora)

aprovado () reprovado.

Assinatura Mary Anne Vieira Silva

Dr. Marcos Antônio Cunha Torres (PROMEP-UEG) (Examinador Externo)

aprovado () reprovado.

Assinatura Antônio

Dra. Divina Aparecida Leonel Lunas (Examinador Interno)

aprovado () reprovado.

Assinatura Divina

Resultado Final: aprovado () reprovado.

Observações:

A discente irá aceitar as sugestões da banca

Reaberta a sessão pública, a Orientadora proclamou o resultado e encerrou a sessão às 12:00 horas, da qual foi lavrada a presente ata que vai ser assinada pelo discente e pelos membros da banca examinadora supracitada.

Discente: Edjane Rodrigues Nunes

À Santíssima Trindade

AGRADECIMENTOS

À Santíssima Trindade, por me conduzir nessa jornada e à Misericórdia Divina, a quem confiei este trabalho, pois somente Deus onipotente me sustenta em todas as minhas necessidades, por isso o meu eterno agradecimento pelo dom da minha vida.

À Maria Santíssima, que me auxiliou na minha caminhada com as orações e devoções ao seu nome, e que me ajudou a ter mais confiança para alcançar os meus ideais, os meus sonhos e confiar, piedosamente, na sua intercessão. Ao glorioso São José, meu santo de devoção, a quem recorro nas minhas necessidades espirituais e materiais.

Aos meus pais, José Nunes Filho e Eva Rodrigues Nunes, com quem aprendi que ser humilde vale a pena; aprendi a dar valor em tudo que conquistei até aqui. Sempre dizem que a maior herança que podem deixar para os filhos são os estudos, e por isso quero agradecê-los pelo apoio e incentivo: amo vocês. Muito obrigada.

A minha filha Cindy Maria, a quem tive a grande graça de tê-la como filha, quero te dizer que és o meu maior presente recebido de Deus. Digo-te que todo o esforço é por sua causa. Você me incentiva em tudo, não me deixando desistir. Obrigada por suportar a minha ausência. A mamãe te ama muito minha filha.

A minha irmã Aparecida (*in memoriam*), a quem posso contar com suas orações, sei que do alto do Céu está olhando por mim. Sinto saudades eternas de você. Quanta falta você faz para todos nós. Amo-te para sempre.

Ao meu irmão Sebastião, pelo incentivo para concluir mais uma etapa de estudo, pessoa muito querida, meu porto seguro, em quem confio todas as minhas alegrias e também todas as minhas tristezas. Meu carinho, também, à minha cunhada Márcia. Muito obrigada, amo vocês.

Aos meus amados e queridos sobrinhos (as): Eva Caroline, Daniel, Harlei, Sofia, Laura, Lucas, Catarina Maria e Estevão José, que fazem parte da minha vida. Sobrinhos estes que são como se fossem filhos, pelo seu carinho a mim demonstrado, que muito me alegra e me deixa feliz. Só posso dizer que amo vocês e obrigada por me suportarem,

A todas as pessoas da minha família, que torcem pelo meu sucesso. Aos meus amigos Frades Franciscanos da Imaculada, freis, que quais tive a alegria de conhecer há vários anos, meu muito obrigada pela constante oração.

A minha professora e querida orientadora, Dra. Mary Anne Vieira Silva, quero te dizer que tenho grande admiração e orgulho de tê-la como minha professora, pessoa com uma

grande sabedoria para transmitir conhecimentos, sempre esteve disposta a sanar todas as minhas dúvidas. Trabalhamos diretamente na organização do IV SETTE, 10 anos do TECCEER, e eu sempre observava a sua competência e determinação para realizarmos o evento. Você é muito competente, pois passamos por diversas etapas e ali estávamos, você é uma pessoa com um grande exemplo de superação e sua história de vida me motivou a concluir este trabalho. Agradeço a Deus pela sua vida e saúde. Muito obrigada por tudo.

Agradeço o professor Dr. Marcos Torres, que no seminário de aprimoramento, aceitou o convite para a minha avaliação, momento este que foi possível compartilhar de seu conhecimento para enriquecer o meu trabalho. E, novamente fará parte da banca de defesa. Meu muito obrigada.

Agradeço à professora Dra. Divina Lunas, por ter aceitado o convite de fazer parte da minha banca de qualificação e defesa da dissertação. Quero dizer que você é especial e não tenho nem palavras para dizer o quanto você é gentil. Trabalhamos juntas no processo seletivo do TECCER, e posteriormente na organização do IV SETTE. Obrigada por tudo.

Agradeço à professora Dra. Giuliana Vila Verde, por ter aceitado o convite para a minha qualificação, pelas contribuições para terminar com êxito a minha pesquisa. Meu muito obrigada.

A todos os professores do PPGTECCER, cada um com sua particularidade, na qual posso dizer que tenho um grande carinho por todos. Aos meus colegas de turma. Obrigada a cada um de vocês.

Aos coordenadores do TECCER, Dra Poliene e Dr. Eliezer, que em momentos de dúvidas, estavam sempre dispostos a sanar as dúvidas esclarecendo as normas quanto ao cumprimento do programa. A todos os servidores (seguranças, administrativo, limpeza) que trabalham para manter a universidade funcionando. Obrigada a cada um de vocês.

Em especial, agradeço a todos os entrevistados, por terem confiado e compartilhado seu conhecimento e suas histórias comigo! Este trabalho também é dedicado a vocês.

Agradeço à Universidade Estadual de Goiás, local onde fiz a graduação em Geografia e agora realizando o mestrado e, pelo apoio financeiro através da concessão da bolsa stricto-sensu, que tornou possível o desenvolvimento da pesquisa.

E, por fim, o meu agradecimento a CAPES, (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo apoio financeiro à pesquisa.

Desde os tempos medievos
Nossos sábios ancestrais
Quando surgia um problema
De doenças corporais
Seu médico e sua farmácia
Estavam na eficácia
Das plantas medicinais.

(...)

A casca de certas árvores,
A folhagem, as sementes
Trituradas, feito chá
Ou comendo emplastros quentes,
Quando uma doença aperta
Sendo na medida certa
Tem salvado muitos doentes.

(...)

Pra misturar uma planta
Com outra planta, depende
Da pessoa conhecer
Donde uma e outra descende,
Isso aí requer cultura
Porque senão a mistura
Em vez de curar ofende.

Quando um índio era atingido
Pela flecha duma besta
Ou a borduna acertava
O meio da sua testa
Pra curar o ferimento
Ia “ver” medicamento
Na farmácia da floresta.

(...)

“Todos” os medicamentos
Que o homem fabrica agora
Com nomes complicadíssimos
Bela embalagem por fora
E preços proibitivos
Têm seus princípios ativos
Nos atributos da flora.

Manoel Monteiro da Silva (1937-2014)

RESUMO

A pesquisa se situa no campo da Geografia Cultural, ciência que representa uma das áreas mais dinâmicas no campo da geografia, visto que estuda os produtos culturais, seus códigos e normas, analisando suas variações e transformações através dos espaços e lugares. Com isso, verifica-se, nesse contexto, a importância de conservar o Cerrado, porque é de onde vem a maioria das plantas medicinais. Tem como objetivo geral compreender os saberes e práticas populares de raizeiros no setor central e nas feiras em Anápolis-Go. Os objetivos específicos são identificar a origem e sucessão dos saberes e práticas populares dos raizeiros no setor central e nas feiras em Anápolis-Go; apontar as estratégias de inserção do saber popular na perspectiva do setor central e nas feiras em Anápolis-Go; analisar os meios que a população acessa o conhecimento sobre o uso das plantas medicinais. Sabe-se que a partir do conhecimento sobre as plantas medicinais foi criada legislação, que estabelece normas para a fabricação de medicamentos fitoterápicos. Diante deste contexto, a questão problema levantada foi: Quais as estratégias de permanência e continuidade dos saberes dos raizeiros na cidade de Anápolis no Estado de Goiás? A hipótese levantada foi que a resistência e a continuidade dos saberes dos raizeiros da cidade de Anápolis se devem ao comércio popular e as feiras realizadas nos bairros da cidade. A metodologia utilizada foi a pesquisa de campo, por meio de observações, entrevistas, registros fotográficos.

Palavras-Chave: Cerrado. Fitoterápicos. Raizeiro(a). Plantas Medicinais.

ABSTRACT

The research is in the field of Cultural Geography, a science that represents one of the most dynamic areas in the field of geography, since it studies cultural products, their codes and norms, analyzing their variations and transformations through spaces and places. With this, in this context, the importance of conserving the Savanna is verified, because it is where most medicinal plants come from. Its general objective is: To understand the knowledge and popular practices of herbalists in the central sector and in the markets in Anápolis-GO; The specific objectives: To identify the origin and succession of the knowledge and popular practices of the herbalists in the central sector and in the markets in Anápolis - GO; To point out the strategies for the insertion of popular knowledge from the perspective of the central sector and in the markets in Anápolis - GO; Analyze the means by which the population accesses knowledge about the use of medicinal plants. It is known that from the knowledge about medicinal plants, legislation was created where it establishes standards for the manufacture of herbal medicines. In this context, the problem question raised was: What are the strategies for the permanence and continuity of the knowledge of the Herbalists in the city of Anápolis in the State of Goiás? The hypothesis raised was that the resistance and continuity of the knowledge of the herbalists of the city of Anápolis are due to popular commerce and the markets held in the city's neighborhoods. The methodology used was field research, through observations, interviews, photographic records.

Keywords: Cerrado. Herbal Medicines. Herbalist. Medicinal Plants.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 Mapa dos Biomas Brasileiro	29
Ilustração 2 Domínios Morfoclimáticos do Brasil.....	31
Ilustração 3 Planta medicinal e suas substâncias responsáveis pelo efeito medicinal.	42
Ilustração 4 Alfavaca, Erva Cidreira de Capim e Bálsamo	52
Ilustração 5 Manjeriçõ, Hortelã Baiano e Folha Santa.....	53
Ilustração 6 Alecrim, Erva de Santa Maria e Babosa	53
Ilustração 7 Erva Cidreira de Folha, Guaco e Ora-pro-nóbis.....	54
Ilustração 8 Pariparoba e Acerola	55
Ilustração 9 Cana de Macaco-Hortelã-Coentro do Pará.....	58
Ilustração 10 Arruda, Ora-pro-nóbis e Poejo	59
Ilustração 11 Mapa de Localização do Município de Anápolis-Goiás	63
Ilustração 12 Mapa de Localização da Pesquisa	64
Ilustração 13 Variedades de plantas medicinais embaladas	70
Ilustração 14 Banca da R2-Local de venda	71
Ilustração 15 Mercado Municipal de Anápolis.....	72
Ilustração 16 Distribuição do Comércio no Mercado Municipal	72
Ilustração 17 Vergateza, Pé-de-perdiz e Barbatimão.....	74
Ilustração 18 Douradinha, Jatobá, Algodãozinho	75
Ilustração 19 Imburana, Mamacadela e variedade de plantas embaladas	76
Ilustração 20 Garrafadas preparadas pelo R4	77
Ilustração 21 Arnica, Quina, Canela de Ema	79
Ilustração 22 Disposição de plantas medicinais em comércio popular para venda	79
Ilustração 23 Plantas Comercializadas pelo R5	81
Ilustração 24 Feira do Bairro Jundiái.....	83
Ilustração 25 Variedade de Verduras e Frutas.....	83
Ilustração 26 Banca de Frutas e Temperos.....	84
Ilustração 27 Banca de Milho Verde e Peixe	85
Ilustração 28 Variedade de Plantas medicinais em pó e Folhas	86
Ilustração 29 Garrafas de Mel, gengibre e outros produtos	89
Ilustração 30 Sétima Edição do Encontro Raízes	91
Ilustração 31 Video sobre os raizeiros de Vão das Almas entre Terezina de Goiás e Cavalcanti	

Moinho em Alto Paraiso-Goiás	91
------------------------------------	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Linha do Tempo: Leis, Decretos, Portarias, Resoluções, Conferência, Consulta Pública das Plantas Medicinais e Fitoterápicos no Brasil.....	35
Quadro 2 Diferença entre Saber Popular x Saber Científico.....	47
Quadro 3 Ervas Medicinais no quintal da C1.....	51
Quadro 4 Ervas Medicinais no quintal da C2.....	57
Quadro 5 Descrição das plantas comercializadas pela R1.....	69
Quadro 6 Descrição das plantas comercializadas pela R2.....	70
Quadro 7 Plantas Medicinais para Impotência sexual.....	73
Quadro 8 Plantas Medicinais para Engravidar.....	73
Quadro 9 Plantas Medicinais para Depressão - Fitoterápicos.....	74
Quadro 10 Descrição de Plantas Comercializadas pelo R4.....	78
Quadro 11 Plantas comercializadas na Kombi do R5.....	81
Quadro 12 Plantas Medicinais Banca do Comerciante da Feira.....	87

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
CRFB	Constituição República Federativa do Brasil
DAIA	Distrito Agroindustrial de Anápolis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBIO	Instituto Chico Mendes da Biodiversidade
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico
RDC	Resolução da Diretoria Colegiada
UEG	Universidade Estadual de Goiás
MF	Medicamento Fitoterápico
PTF	Produto Tradicional Fitoterápico
PPCerrado	Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento no Bioma Cerrado
PNPMF	Política Nacional de Produtos Medicinais e Fitoterápicos
PANC	Planta Alimentícia Não Convencional
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OMS	Organização Mundial da Saúde
RENAME	Relação Nacional de Medicamentos Essenciais

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 1 - PLANTAS TÍPICAS DO CERRADO: OLHARES SOBRE OS INSTRUMENTOS REGULADORES E CONTROLES COMERCIAIS	22
1.1 – Olhares Históricos sobre os usos das plantas típicas do Cerrado em seus contextos socioespaciais.....	22
1.2. Uso das plantas típicas do Cerrado como produtos de comércio e funções medicinais e fitoterápicos e sua regulamentação.....	34
CAPÍTULO 2 - SABER POPULAR RELACIONADO AO USO DE PLANTAS MEDICINAIS E O SEU CULTIVO.....	46
2.1. Natureza e ancestralidade: entre o saber popular e o saber científico nos contextos dos usos de plantas.....	46
2.2. Interações socioculturais quanto ao uso das plantas medicinais cultivadas em quintais e típicas do cerrado.	49
CAPÍTULO 3- O ESPAÇO DOS RAIZEIROS: RUAS, MERCADO E FEIRA	63
3.1 Histórico da Cidade de Anápolis e o uso do território	63
3.2 As práticas dos Raizeiros(as) no setor central e nas feiras em Anápolis Goiás.....	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS.....	96
APÊNDICES	108

INTRODUÇÃO

A presente dissertação parte do saber de homens e mulheres que lidam, cotidianamente, com a arte do manuseio de plantas medicinais. As motivações que nos levaram a escolher este campo de pesquisa surgiram, inicialmente, pelo interesse em compreender esse universo, que permeiam as relações sociais e os conhecimentos advindos dos vários cotidianos. Antes de iniciar as entrevistas foi necessário passar pelo Comitê de Ética (CEP), da Universidade Estadual de Goiás, (UEG), conforme CAEE: 68790923.7.0000.8113 e número do parecer: 6.094.048. Toda a pesquisa que envolve diretamente com humano é necessária passar pela apreciação do comitê.

Na Geografia, os estudos sobre as plantas medicinais estão crescendo, tendo em vista que algumas pesquisas se concentram no uso da planta, a compreensão do espaço estabelecido e das redes de produção e comercialização e o processo de industrialização de ervas, cascas, folhas, e outros produtos como as garrafadas que são analisadas pelos pesquisadores. Neste estudo, pretende-se identificar os raizeiros de Anápolis-Goiás, sujeitos que detém este conhecimento sobre as plantas medicinais e seus usos, dando especial atenção às plantas do Cerrado mais procuradas na atualidade, considerando a crescente busca pela saúde de forma natural.

Nas feiras, no mercado central de Anápolis, e mesmo em algumas ruas e praças, é comum encontrar produtos peculiares como raízes ressequidas, folhas desidratadas e cascas de árvores. Trata-se dos populares “raizeiros”, que são especialistas na venda de plantas medicinais. Num ambiente em que as drogarias, com seus remédios industrializados, estão presentes em praticamente em cada esquina das principais ruas das cidades, não deixa de ser assombroso a existência de um local de venda para os raizeiros.

Os raizeiros são pessoas leigas que usam o saber tradicional sobre a biodiversidade do Cerrado, prometendo a cura de várias doenças e males por meio das raízes, cascas, resinas, óleos, folhas, argilas, água, e outros recursos naturais que compõem o conjunto amplo da medicina popular. É um saber intuitivo, pragmático, muitas vezes aliado a premissas místicas. Ironicamente, no Setor Central, sendo nas ruas, praças e Mercado Municipal da cidade de Anápolis, o maior polo farmacêutico do Centro-Oeste brasileiro, há várias bancas de raizeiros. Entre as plantas medicinais mais conhecidas e vendidas estão o Barbatimão, algodãozinho, pé-de-perdiz, arnica, dentre outros.

A maioria dos produtos é vendido de forma *in natura*, mas alguns são manipulados em forma de óleo, pomadas e garrafadas. É esse saber ancestral que conseguiu

perceber, por exemplo, no Barbatimão, uma árvore que floresce entre setembro e novembro, cuja casca, com suas qualidades anti-inflamatórias, é muito utilizada para a cicatrização de ferimentos e para a prática de “banho de assento”. Outra planta sempre presente nas bancas dos raizeiros é o algodãozinho. Suas folhas, flores, fruto e batata servem, dentre outras coisas, para tratar machas na pele, inflamações no útero e como depurativo no sangue. Já a raiz do pé-de-perdiz também possui qualidades anti-inflamatórias, sendo indicada como depurativo do sangue e para tratar o reumatismo.

O saber dos raizeiros não é de origem do mundo acadêmico, mas é transmitido de geração para geração, no entanto, ainda tem aqueles que comercializam e aprendem no dia a dia. É um conhecimento complexo, que envolve a identificação das plantas, a coleta das raízes, folhas, frutos, sementes, resinas, o preparo do produto para a comercialização, a identificação das suas propriedades curativas. Algumas plantas, como a frondosa sucupira estão cada vez mais raras. Outras, são facilmente encontradas nos quintais, como é o caso do bálsamo, arruda, hortelã da folha gorda, folha santa, guaco, alecrim, babosa, dentre outros.

Cada raizeiro(a) possui seus próprios saberes e práticas, que vão se moldando de acordo com suas necessidades e características culturais. Os saberes populares com as plantas, que antes era passado de geração para geração, na atualidade, nem todos os comerciantes de plantas medicinais aprenderam com seus ancestrais. Por exemplo, pode ser aprendido com um vizinho, um amigo ou mesmo aprendeu sozinho, e ao verificar os diversos pontos de venda, nem todos são conhecedores de como coletar corretamente a planta.

O raizeiro, profissional que manuseia e revende plantas medicinais, assume papel no cuidado e divulgação desse conhecimento. São pessoas conhecidas pela comunidade, têm espaço nas ruas. Estes preparam líquidos denominados “garrafadas”, revendem e orientam como usá-las para curar as mais diversas doenças apresentando, ou não, um conhecimento peculiar sobre o correto uso das plantas/raízes que vendem.

Por tanto, faz-se necessário a valorização das práticas culturais como forma de considerar as manifestações e expressões populares detentoras do contexto regional como fator de identidade cultural. Além disso, a temática escolhida tem importância direta para a compreensão dos saberes e práticas populares a partir da narrativa de raizeiros.

Apesar dos referidos estudos terem favorecido as práticas populares, o que caracterizaria raizeiras e raizeiros é o fato de que, dentro de sua função, eles realizam diagnósticos e prescrevem tratamentos e remédios à base de plantas medicinais que, na grande maioria das vezes, são preparados por eles mesmos. O termo varia de acordo com cada autor

que faz uso da expressão, e podemos citar alguns: *raizeiro, erveiro, ervateiro, especialista de ervas naturais e experiente*. (D'Almeida, 2018, p. 25).

Neste sentido, foi na tentativa de entender um pouco mais sobre os raizeiros(as), que a pesquisa demonstra a grande importância de conservar o Cerrado. A natureza vem sendo utilizada como fins terapêuticos por muito tempo e produtos minerais de plantas e animais contribuem para a saúde da humanidade.

Os povos originários(indígena), africanos, e europeus tiveram papel importante quanto ao uso de plantas medicinais, mas devemos considerar outros povos tradicionais que aqui vivem e contribuem para dar continuidade a esses saberes. O Brasil é um país miscigenado por diversos povos e comunidades tradicionais. Esses povos foram esquecidos pela modernidade, assim como em toda a América Latina. Tanto esses povos quanto a natureza e seus conhecimentos tradicionais, sua cultura e identidades foram desconsideradas na formação do Estado Moderno (Souza Filho, 2016).

No Brasil, antes mesmo de seu descobrimento, os povos nativos usavam plantas para a cura de doenças, para o preparo de corantes e para ajudar na pesca. Com a colonização, a utilização das plantas para cura de doenças, basicamente, apresentou influências, não só da cultura indígena, mas também da africana e européia (Rodrigues & Carvalho, 2001).

Para tanto, o reino vegetal compõe a maior contribuição para remédios e medicamentos, as plantas medicinais são formidáveis, tanto como fitoterápicos quanto para a descoberta de novos fármacos (Brasil, 2012). O uso de plantas medicinais é uma prática comum no Brasil. Os Raizeiros são conhecidos pelo seu saber sobre cultivo, preparo, indicação e comercialização de plantas medicinais. Já os comerciantes que vendem plantas medicinais adquirem conhecimento até mesmo com os consumidores que procuram diariamente as bancas para comprar algumas raízes, folhas, cascas etc.

Diante disso, a questão problema deste estudo gira em torno do seguinte questionamento:

“Quais as estratégias de permanência e continuidade dos saberes dos raizeiros na cidade de Anápolis no Estado de Goiás?”

Quanto ao recorte temporal, tratamos do tempo compreendido desde o início que da pesquisa, que foi o ano de 2022 até a defesa da dissertação, que será em 2024. O recorte espacial será na Cidade de Anápolis-Goiás. A hipótese levantada foi que a resistência e a continuidade dos saberes dos raizeiros da cidade de Anápolis se devem ao comércio popular e as feiras realizadas nos bairros da cidade.

Os objetivos desta dissertação acerca dessa fonte de saber têm como enfoque principal:

Objetivo geral:

- Compreender os saberes e práticas populares de raizeiros no setor central e nas feiras em Anápolis-Go;

Objetivos específicos:

- a) Identificar a origem e sucessão dos saberes e práticas populares dos raizeiros no setor central e nas feiras em Anápolis-Go;
- b) Apontar as estratégias de inserção do saber popular na perspectiva do setor central e nas feiras em Anápolis-Go;
- c) Analisar os meios que a população acessa o conhecimento sobre o uso das plantas medicinais.

A metodologia utilizada é a pesquisa de campo, através de observações, entrevistas e registros fotográficos. A finalidade de realizar um trabalho com a verdade de quem vivenciou os fatos que esta pesquisa deseja mostrar. As entrevistas são consideradas extremamente importantes para comporem a pesquisa que visa contribuir, de forma teórica e empírica, para os estudos sobre os raizeiros(as), tendo em vista que o saber popular sobre a medicina natural tem contribuído para a cura de muitas doenças.

Quanto aos procedimentos metodológicos, a pesquisa foi realizada em duas fases: na primeira fase, realizou-se a análise crítica da bibliografia existente e interpretação preliminar em dissertações, teses, revistas, jornais, artigos, dentre outras fontes. Na segunda fase, o momento do trabalho de campo, foi realizado as entrevistas com a aplicação de questionário, a análise crítica dos dados e a redação do texto final.

O momento de pesquisa de campo se classifica como uma abordagem qualitativa. De acordo Ludke e André (1986), a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos, estes obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada e, ao mesmo tempo, se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes da referida pesquisa.

A coleta de dados foi realizada com os raizeiros(as) no setor central, na feira de Anápolis/GO em data e horário previamente combinado com os participantes, que aceitaram, de forma livre e consentida, participar da pesquisa. Todas as entrevistas foram respondidas através de um questionário, obedecendo a concordância dos participantes, transcritas e submetidas à análise de conteúdo.

Inicialmente, estava previsto para serem entrevistadas (14) pessoas, entre raizeiros e consumidores, mas ao longo do trabalho de campo somente (11) participantes responderam ao questionário. Para identificar os raizeiros que foram entrevistados usamos a sigla R+1, número sequencial iniciando com número 1 (então para o raizeiro 1 ficou R1 e, assim, sucessivamente. Para identificar o consumidor, usamos a sigla C+1, número sequencial iniciando com o número 1 (então para o consumidor 1 ficou C1, e assim, sucessivamente.

Tracei um perfil sociológico dessa amostragem dentro do número geral de entrevistados. Em relação ao sexo foram 05 homens e 06 mulheres. Em relação à faixa etária, o público atingido foi de adultos entre 28 e 76 anos de idade.

No quesito opção religiosa, tendo em vista que foi solicitado que eles especificassem qual religião seria, e as mais citadas foram: católica, e evangélica. Em relação ao nível de escolaridade, a maior parte dos entrevistados possui apenas ensino fundamental e ensino médio, apenas três entrevistados possuem graduação de nível superior.

Não foi possível realizar entrevistas áudio-gravado, pois os participantes optaram em responder (oralmente a entrevista), e como a maioria solicitou que não divulgasse o nome e imagem, assim optamos por identificá-los através de siglas. Após o fechamento da pesquisa se configurou na análise dos dados coletados em entrevistas, relatórios de pesquisa de campo e desenvolvimento do texto. Nesse momento, realizei a interpretação dos fenômenos e atribuição de significados, tabulando os dados em formas de discussões tabelas, ilustrações, fotografias.

As discussões acerca da relação entre saberes e práticas, raizeiros(as), cerrado, plantas medicinais, fitoterápicos e território, oportunizam reflexões sobre a importância de identificar os aspectos que interligam essas disciplinas oferecidas do TECCER. Nessa perspectiva, esta pesquisa contribuirá diretamente para os estudos interdisciplinares.

Em relação a território, foi abordada uma interface entre o material e o imaterial. Como território material, tem-se o espaço em que alguns raizeiros de Anápolis se concentram. Os mercados e as feiras surgiram como espaços para comércio e para trocas culturais, e estas se dão a partir da interação entre diversos produtos no mesmo ambiente como alimentos, artesanato, plantas medicinais, raízes, doces caseiros e diversos outros produtos que representam o modo de vida e a subjetividade do seu produtor.

Para os autores Calixto e Ribeiro (2004), entre as espécies vegetais do Cerrado que são usadas pela população, aquelas com propriedades medicinais são as mais procuradas. Dessa maneira, oferece um papel importante na questão socioeconômica, tanto para as populações que vivem no meio rural, quanto as que vivem no meio urbano.

A biodiversidade do Cerrado oferece raízes, cascas, resinas, óleos, folhas, argilas, água, e outros recursos naturais que são mobilizados por suas populações para a prática da medicina popular (Dias & Laureano, 2009). No caso dos raizeiros não é incomum realizarem a extração (raízes, folhas, cascas etc.) de maneira predatória, provocando a degradação do Cerrado.

Uma dificuldade encontrada ao longo da pesquisa, que muito provavelmente foi sentida por outros pesquisadores, foi que, no decorrer do trabalho de campo, me deparei com várias situações, pois os raizeiros demonstram resistência em responder as perguntas do questionário, em sua maioria, por sentirem medo de ser de um órgão fiscalizador. Muitas vezes agendei dia e horário, mas quando chegava na hora, diziam que não iria participar e contribuir para a minha pesquisa.

Ao pesquisar as dissertações no PPGTECCER, não encontrei nenhuma que trata, especificamente, sobre as práticas de raizeiros, porém por ser um programa interdisciplinar e o estudo ser voltado para o Cerrado, encontrei uma variedade de trabalhos sobre vários temas tais como: plantas e frutos do cerrado, povos do cerrado, representações, agroindústria, dentre tantas outras.

Apresentamos previamente a construção textual, histórica e metodológica dos capítulos da dissertação: O primeiro capítulo dar-se-á o título: Plantas típicas do cerrado: Olhares sobre os instrumentos reguladores e controles comerciais. Este capítulo objetiva descrever o Cerrado, sua fauna e flora, e a Política Nacional de Plantas Medicinal e Fitoterápico e sua regulamentação, e ainda contempla o contexto histórico do uso de plantas medicinais para o tratamento de doenças. Para os raizeiros(as) da cidade é relevante a comercialização destas ervas, pois são hábitos tradicionais, uma vez que nesta região ainda existem algumas plantas que podem ser encontradas, mesmo que a vegetação venha sofrendo transformações ao longo dos anos.

O segundo capítulo apresenta a discussão sobre o saber popular relacionada ao uso de plantas medicinais e o seu cultivo. Neste contexto, será possível distinguir o saber popular do saber científico, uma vez que esse saber popular está ligado à natureza que remonta os tempos antigos. É importante a interação dos consumidores quanto ao uso das plantas medicinais típicas do cerrado e, através do questionário será possível compreender a procura de plantas medicinais para o tratamento alternativo.

O terceiro capítulo contemplará o objetivo principal desta dissertação, que é compreender os saberes e práticas populares de raizeiros no setor central e na feira em

Anápolis-Go; isso significa que é importante a preservação dos conhecimentos populares para a medicina desenvolver sua variedade de medicamentos.

CAPÍTULO 1 – PLANTAS TÍPICAS DO CERRADO: OLHARES SOBRE OS INSTRUMENTOS REGULADORES E CONTROLES COMERCIAIS

“Um povo sem conhecimento da sua história, origem e cultura é como uma árvore sem raízes”
 Marcus Mosiah Garvey (1887-1940)

Neste capítulo, abordaremos a importância de conservar o Cerrado. O Cerrado não é apenas vegetação; é um ambiente natural formado por um conjunto de fatores como clima, solo, água, relevo, fauna e flora. Podemos dizer que o Cerrado envolve vários contextos históricos e contraditórios, ou seja, é um território apropriado e disputado por atores sociais, que atuam a partir de suas escalas de poder e dinâmicas socioespaciais. Para entender esse ambiente, foi necessário analisar a legislação criada para regulamentar o uso das plantas medicinais e fitoterápicas (PNPMF). Também se tornou importante fazer um relato histórico do uso das plantas medicinais típicas do Cerrado para compreender essa prática dos raizeiros e raizeiras, especialmente na cidade de Anápolis.

1.1 – Olhares Históricos sobre os usos das plantas típicas do Cerrado em seus contextos socioespaciais

O conhecimento sobre o poder de cura, quanto ao uso de plantas medicinais, é tão antigo quanto a vida das primeiras comunidades humanas (Badke, 2008). Esse saber foi através do empirismo pelos povos antigos, ou seja, pelas primeiras civilizações, sendo transmitido entre as gerações através da oralidade e ainda pelos registros escritos.

Pode-se dizer que o uso de plantas medicinais é muito antigo, na antiguidade, na Grécia e em Roma, a medicina sempre esteve ligada à Botânica (Silva *et al.*, 2015). Ainda de acordo com a medicina, podemos citar Hipócrates¹, na obra, *Corpus Hippocraticum*, onde fez um resumo de cada medicamento a base de vegetais para tratar as mais diversas doenças. Considerado o pai da Medicina por causa de sua ética (Silva *et al.*, 2015).

¹ Sigerist escreveu, certa vez, que "tudo o que sabemos, com certeza, sobre Hipócrates é que ele viveu" (Sigerist, 1961). Pode-se concluir, no entanto, a partir da análise precedente, que Hipócrates, filho de Heraclides, nasceu em Cós e que uma parte importante de sua vida transcorreu nas últimas décadas do século V a.C; que ele era um "asclepiade", membro de uma espécie de corporação de médicos ligados por laços familiares ou profissionais; que aprendeu os rudimentos da profissão com o pai; que atuou em vários lugares ensinou medicina mediante pagamento, criou, desenvolveu ou divulgou conceitos inovadores a respeito da arte médica; que escreveu a respeito de assuntos médicos; que desfrutou, em vida, de grande renome; que morreu, possivelmente, durante uma de suas viagens, nas primeiras décadas do século IV a.C, e que pode ter sido enterrado em Larissa, na Tessália. (Ribeiro JR. p.15, 2005)

Tiveram ainda grande importância para o estudo das plantas medicinais no Brasil o Naturalista Francês Agostine Saint-Hilaire (1779-1853), passando com sua expedição no Centro, Sul e Sudeste do país. Já frei Vellozo, naturalista, brasileiro, começou a vida religiosa no Rio de Janeiro e, posteriormente, foi para São Paulo, onde trabalhou com os povos originários (Brasil, 2022).

De acordo com Almeida (2011), o homem primitivo dependia, essencialmente, da natureza para a sua sobrevivência e utilizou, especialmente, das plantas medicinais para se curar. Por volta de 1779 e 1853, Friedrich Wohler, médico Alemão, pesquisou plantas amazônicas brasileira. Pode-se dizer que, praticamente, com exceção do século XX, toda a história da cura se encontra fortemente ligada às plantas medicinais e aos recursos minerais.

Acredita-se que o registro mais antigo de todos é o Pen Ts'ao, de 2800 a.C., escrito pelo herborista chinês Shen Nung, que descreve o uso de centenas de plantas medicinais na cura de várias moléstias. A eficácia das drogas de origem vegetal é fato desde as mais remotas civilizações, na chamada “Matriz Geográfica” da civilização ocidental: o quadrante noroeste que envolvia Europa (Mar Mediterrâneo), África Setentrional (Vale do Rio Nilo), Ásia Ocidental (Mesopotâmia) e as regiões entre os rios Tigre e Eufrates. Os egípcios, sob a proteção de Imhotep, o Deus da cura, e a sapiência de seus inúmeros sacerdotes, muitos com funções médicas definidas, tornaram-se famosos pelos seus conhecimentos com os incensos, as resinas, as gomas e mucilagens que faziam parte da arte da mumificação. O egiptólogo alemão Yorg Ebers, no final do século XIX, ocasionalmente, teve acesso a um longo papiro datado de aproximadamente 1500 a.C., que após tradução passou para a história como “Papiro de Ebers”, um dos mais importantes documentos da cultura médica. O Papiro inicia com a audaciosa frase “Aqui começa o livro da produção dos remédios para todas as partes do corpo humano...” (Almeida, 2011, p.35-36).

A primeira definição sobre o uso de plantas, como medicamento no Brasil, foi feita por Gabriel Soares de Souza, um viajante português que chegou ao Brasil por meio das Índias Orientais e autor do *Tratado Descritivo do Brasil* (1587). Este tratado apresentava os produtos medicinais empregados pelos índios, incluindo “árvores e ervas da virtude”. Com a chegada dos primeiros médicos portugueses ao Brasil, entendeu a importância das plantas utilizadas pelos indígenas como medicamento devido à carência de medicamentos na colônia (Veiga & Pinto, 2002).

De acordo com os títulos 6 e 7 do *Tratado Descritivo do Brasil*, que tratam das árvores medicinais e das ervas medicinais, respectivamente, Soares de Souza fez uma correlação com plantas existentes em Portugal, no Brasil e na Espanha. O título 6 descreve árvores medicinais encontradas na Bahia, como bálsamo, copaíba, embaíba, caraobucú, caraobamirim, ubiracica, corneiba, canafístula, cuipeuna, mucunás, cipó das feridas e apareiba. O título 7 lista ervas medicinais como petume, pino, jeticuçu, pecacuem, manim, camará, urzes de Portugal, Cannas da Bahia, jaborandi, Caapiam, Jaborandiba ou Bétele,

Tararucu, meloeiros, cápeba, guaxima, caapiá, peipeçaba, Campuava ou menstrastos e Caamcuam (De Sousa & De Varnhagen, 1879).

Ao analisar as páginas onde constam árvores e ervas medicinais descritas, compreende-se que desde tempos antigos o uso de plantas medicinais já era uma prática enraizada. Na época de Gabriel Soares, o Brasil ainda não era visto como uma sociedade unificada, mas sim como um conjunto de comunidades. A influência dos jesuítas, indígenas e africanos, povos escravizados e livres contribuiu para o conhecimento e a popularidade das plantas medicinais (Almeida, 2011). O uso dessas plantas se concretizou e é utilizado até hoje, seja por razões financeiras, tradições familiares, motivos religiosos (fé) ou outros (Brasil, 2019).

No Brasil, o uso de plantas medicinais na cura de doenças é influenciado pelas culturas indígena, africana e européia. Essa diversidade deixou marcas nas diferentes áreas da cultura brasileira, tanto no aspecto material quanto espiritual. A busca é integrar essas práticas, conferindo-lhes caráter científico e visando não apenas a cura de doenças, mas a restauração do homem à sua vida natural (Da Conceição, 2011).

Segundo Almeida (2011), a chegada dos africanos ao Brasil trouxe diversas espécies vegetais, e levou plantas brasileiras para o continente africano. Os negros transplantaram o sistema de classificação botânica da África e inseriram plantas nativas do Brasil em sua cultura, adaptando-as às novas condições sociais.

Hoje em dia, determinados pesquisadores reúnem as manifestações de cura, que tem suas origens nas crenças e costumes africanos como Terapêutica Yorubá, vejamos:

São considerados Yorubá aqueles cuja origem está localizada no sudoeste da Nigéria. No Brasil, são conhecidos como “Nagô”. Na verdade, quanto à origem, não há uma distinção clara no referente à terapêutica. O principal referencial é a filosofia do tratamento, sempre diretamente relacionada com as tradições ritualísticas. As crenças Yorubá estão associadas com as práticas de cura natural. As questões fisiológicas raramente estão dissociadas da cura espiritual e da concepção de vida e de morte. As plantas estão sempre presentes através do uso das folhas, raízes, frutos e das árvores de várias representações simbólicas, bem como outros elementos naturais, insetos, cinzas, ossos, ovos e muitos outros objetos utilizados para a cura e prevenção de doenças. Uma pessoa doente ao beber um chá de uma determinada folha, deve sorver acreditando não somente nas propriedades medicinais químicas e/ou farmacológicas da planta, mas também no seu poder mágico ou espiritual. O pensamento Yorubá traz a crença no ancestral e em outros espíritos e deuses diretamente envolvidos no processo de cura (Almeida, 2011, p. 46).

A autora relata que de acordo com a mitologia Yorubá, plantas, assim como outros elementos terapêuticos e alimentícios, são consideradas riquezas que os deuses adaptaram para o homem. No Brasil, as heranças culturais em medicina popular, como as de origem oriental e européia são, especialmente, marcantes nas regiões Sul e Sudeste, onde

vivem imigrantes dessas origens. Nessas áreas, diversas plantas européias e asiáticas foram adaptadas e difundidas, tanto na medicina quanto na culinária regional (Almeida, 2011, p. 55).

De acordo com o ordenamento jurídico brasileiro juntamente com as Convenções Internacionais assinadas pelo Brasil e uma série de Decretos regulamenta os direitos dos povos e comunidades tradicionais. A Constituição Federal da República Brasileira,(CFRB/1988), por meio do artigo 215, define que o Estado proteja as manifestações culturais populares, indígenas e afro-brasileiras, e as de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

Art. 215 – O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais. § 1º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional [...] (Brasil, 1988).

Já no artigo 216, da CFRB1 (1988), define que Poder Público deve proteger o patrimônio cultural brasileiro, apreciando tanto os bens de natureza material quanto imaterial, considerando o jeito de se expressar, ser e viver dos diversos grupos que compõe a sociedade brasileira.

Estão sendo considerados “povos e comunidades tradicionais”, os povos indígenas (povos originários), as comunidades quilombolas, os extrativistas, os pescadores artesanais, os geraizeiros, veredeiros, vazanteiros, os apanhadores de flores sempre-vivas, os faiscaidores, dentre outros. Vejamos:

Art. 216 – Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - As formas de expressão;

II - Os modos de criar, fazer e viver;

III - As criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - As obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V- Os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1º O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

[...]

§ 4º Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.

§ 5º Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos (Brasil, 1988).

Os povos e comunidades tradicionais cada um com condições sociais, culturais e econômicas próprias. Esses grupos ainda mantêm relações específicas com o território e o meio ambiente no qual estão inseridos. Eles buscam garantir a sobrevivência das gerações

atuais sob os aspectos físicos, culturais e econômicos, ao mesmo tempo em que visam assegurar as mesmas possibilidades para as gerações futuras.

Conforme está disposto no art. 84, inciso VI, alínea “a” da CFRB/1988, permitiu a ao Presidente da República, publicar o Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, que instituiu a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais; Decreto nº 8.750, de 09 de maio de 2016, que institui o Conselho Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais; Decreto nº 11.481, de 06 de abril de 2006, que altera o Decreto nº 8.750, de 9 de maio de 2016, que institui o Conselho Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais.

De acordo com o disposto no Decreto nº 6.040, art.3º, § 1º, os povos e comunidades tradicionais podem ser definidos como:

Grupos, culturalmente diferenciados, e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (Brasil, 2007).

No decorrer da história, diversos povos e comunidades tradicionais lutaram pelos seus direitos. Podemos dizer que hoje existe o reconhecimento dos direitos básicos desses povos, principalmente pela Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que reconhece direitos importantes como o respeito à cultura, identidade e os conhecimentos tradicionais, dentre outros direitos (OIT, 1989).

No site do Ministério da saúde está em destaque a matéria que, de acordo com os Decretos n.º 8.750/2016; 11.481/2023, os povos e comunidades tradicionais reconhecidos nacionalmente são:

[...] andirobeiros; apanhadores de flores sempre vivas; caatingueiros; caiçaras; catadores de mangaba; cipozeiros; povos ciganos; comunidades de fundo e fecho de pasto; extrativistas; extrativistas costeiros e marinhos; faxinalenses; geraizeiros; ilhéus; morroquianos; pantaneiros; pescadores artesanais; povo pomerano; povos indígenas; benzedeiros; comunidades quilombolas; povos e comunidades de terreiro/povos e comunidades de matriz africana; quebradeiras de coco babaçu; raizeiros; retireiros do Araguaia; ribeirinhos; vazanteiros; veredeiros; caboclos; juventude de povos e comunidades tradicionais(Brasil, 2016/2023).

Valorizar povos e comunidades tradicionais nos permite refletir sobre a sua importância, uma vez que estes estão em territórios ameaçados pelo setor agropecuário, pelo garimpo, pelo desmatamento e ou mesmo locais que exploram a fauna, flora e recursos hídricos, e ainda contribuem para a preservação da conservação desses territórios e manutenção da biodiversidade. Neste sentido é preocupante o que vem acontecendo nos domínios do cerrado em específico.

Considerar que esses povos contribuem para a conservação e manutenção da biodiversidade, vale refletir sobre o artigo 84, inciso VI, alínea "a" da CF/1988, que permitiu ao Presidente da República dispor, mediante decreto sobre matéria, o que antes poderia somente ser cumprida por Lei. Foi neste sentido que o Presidente instituiu o Programa Nacional de Conservação e Uso Sustentável do Bioma Cerrado através do Decreto nº 5.577 de 08 de novembro de 2005 (Brasil, 2005).

Diversas ações já foram criadas para a defesa do cerrado, e se pode dizer que, mesmo com essas ações, a destruição continua, o agronegócio vem ganhando força para a lavoura e criação de gado, e com isso, as plantas típicas começam a desaparecer. Neste mesmo Decreto, os artigos 1º e 2º ainda permanecem em vigor, enquanto os demais já foram revogados, veja o que diz os artigos do referido Decreto:

Art. 1º Fica instituído, no âmbito do Ministério do Meio Ambiente, o Programa Nacional de Conservação e Uso Sustentável do Bioma Cerrado - Programa Cerrado Sustentável, com a finalidade de promover a conservação, a restauração, a recuperação e o manejo sustentável de ecossistemas do bioma cerrado, bem como a valorização e o reconhecimento de suas populações tradicionais. Art. 2º Compete ao Ministério do Meio Ambiente promover a supervisão e articulação institucional para a implementação do Programa Cerrado Sustentável (Brasil, 2005).

O Brasil tem histórico da necessidade de conservação das formações florestais e não florestais no Cerrado. O Código Florestal de 1934 inseriu obrigações de conservação tanto das “florestas como das demais formas de vegetação reconhecidas de utilidade às terras que revestem” (art. 2º do Decreto n. 23.793/1934). Posteriormente, foi revogado pelo Decreto nº 4.771/1965, e hoje, a atual Lei de Proteção da Vegetação Nativa – Lei nº. 12.651/2012, é a principal legislação em âmbito nacional que estabelece diretrizes sobre a conservação do Cerrado e demais biomas do Brasil (Brasil, 2023).

No uso da atribuição que lhe confere o art. 84, caput, inciso VI, alínea “a”, da CF/1988, e tendo em vista o disposto no art. 225, caput e nos § 1º, § 3º e § 4º, da Constituição, e para demonstrar o compromisso com a conservação da biodiversidade e o uso responsável dos recursos naturais e, diante do aumento expressivo nas taxas de desmatamento observadas nos últimos anos, o governo federal instituiu o Decreto nº 11.367, de 1º de janeiro de 2023, onde o Art. 1º, inciso III, cria o Plano de ação para prevenção e controle do Desmatamento (PPCerrado).

Institui a Comissão Interministerial Permanente de Prevenção e Controle do Desmatamento, restabelece o Plano de Ação para a Prevenção e Controle do Desmatamento na Amazônia Legal - PPCDAm e dispõe sobre os Planos de Ação para a Prevenção e Controle do Desmatamento no Cerrado, na Mata Atlântica, na Caatinga, no Pampa e no Pantanal. Art. 1º Este Decreto: I - institui a Comissão Interministerial Permanente de Prevenção e Controle do Desmatamento; II - restabelece o Plano de Ação para a Prevenção e Controle do Desmatamento na

Amazônia Legal - PPCDAm; e III - dispõe sobre os Planos de Ação para a Prevenção e Controle do Desmatamento no Cerrado, na Mata Atlântica, na Caatinga, no Pampa e no Pantanal (Brasil, MMA, 2023)

Entre os instrumentos normativos, é aprovar a PEC n. 504/2010, que altera o § 4º do art. 225 da Constituição Federal, para incluir o Cerrado e a Caatinga entre os biomas considerados patrimônio nacional, e definir uma legislação específica para o uso sustentável, a conservação e a recuperação do bioma. A Quarta Fase do PPCerrado foi implementada de 2023 a 2027, e espera o desmatamento zero até 2030.

No plano infraconstitucional, o Cerrado não possui Lei Federal que o ampara, como no caso da Mata Atlântica, que tem Lei específica para sua proteção. Em nível estadual, somente a Lei de Goiás, nº 18.104/2013, Art. 80, estabelece que fica reconhecido como Patrimônio Natural do Estado de Goiás o Bioma Cerrado. Apesar desse dispositivo, não há preocupação com sua proteção. No Estado de São Paulo, há uma lei que trata sobre a utilização e proteção do Cerrado, Lei nº 13.550/2009. Porém, os demais estados que compõe esse sistema biogeográfico fazem menção a ele, mas não demonstram qualquer tipo de preocupação com sua proteção.

Em termos de área, a região política brasileira mais relevante para o Cerrado é a Centro-Oeste, onde se localiza a área nuclear (“core”) do bioma. Atualmente, observa-se uma intensa produção bibliográfica proveniente de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal, embora a maior parte dessa produção seja recente. O aumento das pesquisas na região se intensificou após a mudança da capital para Brasília, em 1960. Até a metade da década de 1970, a principal produção científica sobre o Cerrado era concentrada na região Sudeste, com alguns trabalhos originários de Mato Grosso, Goiás e outras áreas.

O Bioma Cerrado ocorre, predominantemente, no Planalto Central Brasileiro e abrange quase 24% do território nacional. É reconhecido como a savana mais rica do mundo em biodiversidade, tendo permanecido, praticamente, inalterado até a década de 1950. No entanto, a partir da década de 1960, com a mudança da Capital Federal para Brasília e a expansão da rede rodoviária, a cobertura vegetal natural foi progressivamente substituída por pecuária e agricultura intensiva (IBGE, 2022).

A Agência Nacional de Notícias do IBGE lançou o mapa dos biomas brasileiros, e, de acordo com a sua classificação, o Cerrado cobre uma área de 2.036.448 km². No mapa (Ilustração 1), o Cerrado está destacado e abrange os Estados de Goiás, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, oeste de Minas Gerais, Distrito Federal, oeste da Bahia, sul do Maranhão, oeste do Piauí e porções do Estado de São Paulo. Também se observa que há, remanescentes, de Cerrado em outros estados, como o Paraná, e em áreas dentro de outros

biomas, como a Floresta Amazônica (ICMBio, 2023).

Ilustração 1 – Mapa dos Biomas Brasileiro



Fonte: IBGE (2013)

Quase toda a Região Centro-Oeste está incluída na Região Fitoecológica do Cerrado ou Savana. É importante destacar que o uso do termo "Savana" (ou "Sabana", em espanhol) originou-se do termo indígena caribenho "Habana" (Marchiori, 2004). Segundo vários autores, o termo foi introduzido na literatura fitogeográfica por Fernández de Oviedo y Valdés (1851-1855), que o utilizou para descrever os "lhanos" da Bacia do Orinoco, no norte da América do Sul (IBGE, 2012). No entanto, durante décadas, diversos autores usaram outros termos para se referir a essa vegetação.

O IBGE (2012), após realizar diversas considerações sobre os termos "Cerrado" e "Savana", optou por adotar o termo "Savana" em vez de "Cerrado", o qual passou a ser usado como sinônimo. Essa decisão foi baseada na justificativa de que a fitogeografia desse mosaico florestal apresenta características semelhantes às de áreas análogas na África e na Ásia.

A Savana ou Cerrado é um mosaico florístico complexo, reflexo de condições morfoclimáticas pretéritas. Esse bioma contém formações xeromorfas que ocorrem sob

diferentes tipos de clima, cobrindo solos lixiviados e aluminizados. Apresenta sinúrias de hemicriptófitos, geófitos, caméfitos e fanerófitos oligotróficos de pequeno porte, com ocorrência em toda a Zona Neotropical e, prioritariamente, no Brasil Central (IBGE, 2012).

O geógrafo Ab'Sáber, professor e especialista em geomorfologia, e um cauteloso observador da destruição das matas e ecossistemas brasileiros em sua obra intitulada "Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas, 2003" faz uma divisão dos Domínios Morfoclimáticos e Fitogeográficos, e definiu-os sendo: Domínio Amazônico; Domínio do Cerrado; Domínio Mares de Morro; Domínio da Caatinga; Domínio das Araucárias; Domínio das Pradarias e Faixas de Transição. E para demonstrar essa divisão na (ilustração 2) esta em destaque todos os domínios, porém o foco é o domínio do cerrado.

Ab'Sáber destaca que a composição florística da área nuclear dos cerrados (como os cerrados e cerradões) é bastante distinta daquelas das savanas africanas. Segundo ele, embora existam semelhanças, como os campestres de ocorrência limitada que têm características savanoides, as florestas de galeria, que podem ocupar planícies de inundação ou veredas (como as áreas de buritizais), apresentam uma vegetação diferenciada e específica do bioma Cerrado. Essa distinção é importante para compreender a complexidade e a singularidade do Cerrado em relação a outras savanas e ecossistemas semelhantes ao redor do mundo.

Dentro da escala paisagística observável diretamente pelo homem, o domínio dos cerrados apresenta cerrados e cerradões predominantemente nos interflúvios e vertentes suaves dos diferentes tipos de planaltos regionais. Faixa de campos limpos ou campestres sublinha as áreas de cristas quartzíticas e xistos aplainados e mal pedogenizados dos bordos de chapadões onde nascem bacias de captação de pequenas torrentes dotadas de forte capacidade de dissecação (centro-sul de Goiás). Por sua vez, as florestas-galeria permanecem amarradas rigidamente ao fundo aluvial dos vales de porte médio a grande (Ab'Sáber, 2003, p.118).

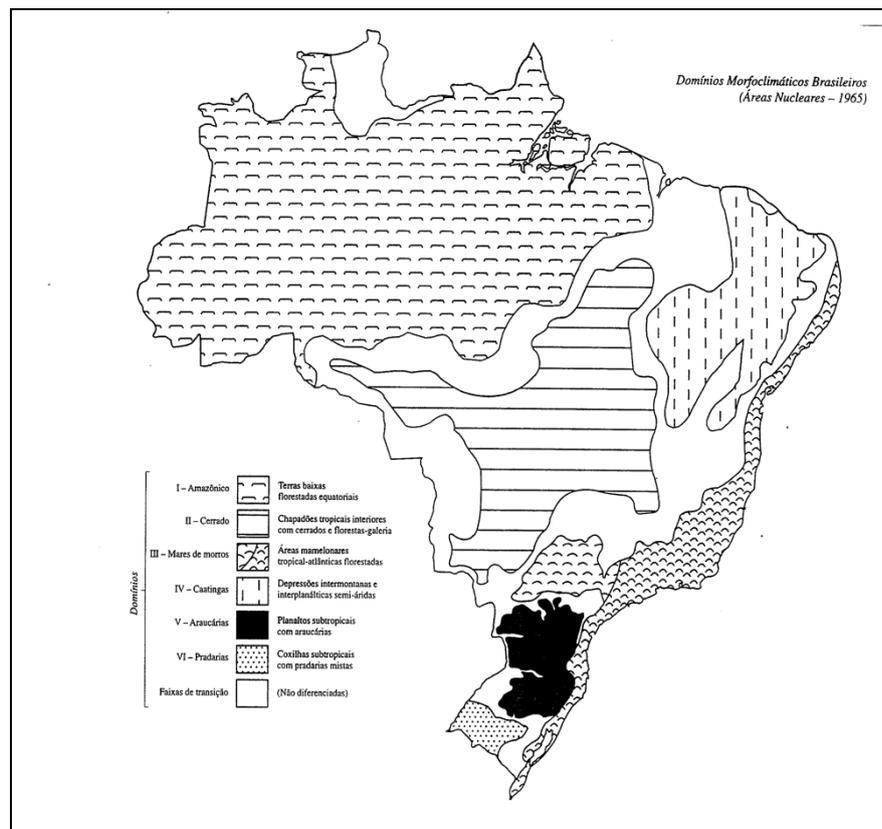
O autor considera que as áreas onde existiam os cerradões, que antes eram cobertos por florestas baixas com troncos finos e compridos foram, significativamente, modificadas pela ação humana. Essas áreas de cerradões tinham uma vegetação densa, mas hoje muitas dessas áreas foram transformadas por atividades como a pecuária e a agricultura.

Por outro lado, os cerrados ou "campos cerrados," formam um tipo de vegetação diferente. Embora compartilhem algumas características com os cerradões, como a presença de árvores esparsas e arbustos, a principal diferença é que os cerrados não escondem a superfície dos solos. Em vez disso, têm uma cobertura vegetal mais rala, permitindo que o solo seja mais visível.

No Brasil, ao longo das últimas três décadas, diversas regiões, especialmente no Cerrado, sofreram transformações significativas devido à implementação de novas

infraestruturas e à expansão das atividades econômicas. De acordo com Ab'Sáber (2003), essas mudanças foram impulsionadas pela transformação da produtividade do Cerrado e pela modernização dos meios de transporte e circulação de alimentos. A expansão de áreas agrícolas e pecuárias, juntamente com a construção e ampliação de rodovias, ferrovias e hidrovias, desempenhou um papel crucial na reconfiguração da paisagem e no desenvolvimento econômico dessas regiões.

Ilustração 2 – Domínios Morfoclimáticos do Brasil



FONTE: Ab'Sáber, (2003)

De acordo com o professor e antropólogo Altair Sales (2022), em sua obra intitulada, “Cerrado: Constelação do Meio-Dia”, ele faz um alerta sobre a devastação do cerrado, e diz que a partir de 1970, uma nova matriz territorial foi implantada na área do Cerrado, com consequências predatórias, acarretando, com isso, o desaparecimento dos cursos d'água. A expansão agrícola foi um fator para a destruição do cerrado, fazendo com que as populações migraram para os grandes centros, aumentando a miséria e a pobreza.

Altair Sales Barbosa (2022), faz uma classificação um pouco diferente de Ab'Sáber (2003), denominando de Sistemas Biogeográficos que tem a seguinte divisão: Domínio Equatorial Amazônico; Domínio Roraimo-Guianense; Domínio das Caatingas;

Domínio Tropical Atlântico; Domínio dos Planaltos Sul-Brasileiros; Domínios das Pradarias Mistas Subtropicais e Domínio dos Cerrados.

Estes domínios formam, na maior parte dos casos, emaranhados sistemas ecológicos interdependentes. Já o sistema do Cerrado, dos chapadões centrais do Brasil, pela posição geográfica, pelo caráter florístico, faunístico, geomorfológico e pela evolução da história constitui o ponto de estabilidade desses diversos ambientes, pois liga por intermédio de corredores hidrográficos, com esses e com outros ambientes continentais.

O Sistema Biogeográfico do Cerrado, por ter uma variedade de ambientes entre si, não pode ter uma unidade homogênea e pode ser subdividido em subsistemas específicos, uma vez são distintos pela fisionomia e composição vegetal e animal e outros fatores. Ele é composto por seis subsistemas, sendo eles: Subsistemas dos Campos; Subsistema do Cerrado Stricto Sensu; Subsistema do Cerrado; Subsistemas das Matas; Subsistema das Matas Ciliares e Subsistema das Veredas e Ambientes Alagadiços (Barbosa, 2022).

Os chapadões centrais do Brasil, cobertos pelo Sistema Biogeográfico do Cerrado, formam a cumeeira do Brasil e ainda da América do Sul, pois distribuem grande quantidade da água que alimenta as principais bacias hidrográficas do continente.

Pode-se dizer que o caos está acontecendo, as queimadas desordenadas estão acontecendo. No dia 11 de setembro comemora-se o dia do CERRADO, mas vamos comemorar a destruição do Bioma? Barbosa (2022) é bem realista em dizer que:

Onde houver modificação do solo a vegetação do cerrado não brota mais. O solo do cerrado é oligotrófico, carente de nutrientes básicos. Quando o agricultor e o pecuarista enriquecem esse solo, melhorando sua qualidade, isso é bom para outros tipos de planta, mas não para as do cerrado. Por causa disso, não há mais como recuperar o ambiente original, em termos de vegetação e de solo. Mas o mais importante de tudo isso é que as águas que brotam do cerrado são as mesmas águas que alimentam as grandes bacias do continente sul-americano. É daqui que saem as nascentes da maioria dessas bacias. Esses rios todos nascem de aquíferos (Barbosa, 2022, p. 216-217).

E ainda complementa dizendo que o cerrado já foi um deserto e tem toda a tendência de voltar a ser desértica, porém, a região já está totalmente povoada, não somos capazes de imaginar a grandiosidade dos problemas sociais e econômicos que virão por aí, além das doenças que estão ligadas a essa vasta degradação.

Chaveiro e Castilho (2010) destacam que no domínio do Cerrado são encontradas diversas formas de relevo, como chapadas, serras e áreas planálticas. Entre as chapadas, mencionam a Chapada dos Veadeiros em Goiás, a Chapada dos Guimarães no Mato Grosso e a Chapada Diamantina na Bahia. Além dessas chapadas, o Cerrado também abriga serras como a Serra Dourada, Serra da Mesa e Serra de Caldas em Goiás, e a Serra da Canastra em

Minas Gerais. O relevo do Cerrado é caracterizado ainda por extensas áreas planálticas, vales férteis e regiões mais baixas, como as planícies do rio Araguaia.

O Cerrado é conhecido como a "caixa d'água" do Brasil, sendo o berço de importantes bacias hidrográficas, como as do Araguaia/Tocantins, Platina e São Francisco. O clima predominante na região do Cerrado é subtropical e semiúmido, com duas estações bem definidas: uma úmida, durante o verão chuvoso, e outra seca, no inverno. “O solo, geralmente deficiente em nutrientes, é rico em ferro e alumínio. Esses fatores influenciam a formação de uma vegetação típica do Cerrado” (Chaveiro & Castilho, 2010, p. 39-40).

Diante da densa discussão sobre a referida classificação, destaca-se, dentre vários estudos, o mapeamento ocorrido sobre esses ambientes do Brasil, realizados, em especial, no Projeto Radambrasil, no período compreendido entre 1974 e 1990, posteriormente integrados ao Banco de Dados Geográficos do IBGE. Esses dados históricos têm sido largamente utilizados no Brasil, no Estado de Goiás, por exemplo, Anápolis: na folha SE.22-X-B-II é possível encontrar toda a descrição para se realizar pesquisas do espaço físico da área, inclusive a vegetação (CPRM).

No caso da vegetação, o princípio orientador do conhecimento sobre o tema tomou como referência a Zona [...] uma área caracterizada por famílias endêmicas, como por exemplo: Zona Neotropical – território compreendido entre o México e a Patagônia (Argentina), estando aí incluído o Brasil (IBGE, 1992).

Das mais variadas espécies vegetais do Cerrado brasileiro, diversas plantas são utilizadas por comunidades tradicionais de cada região, devido às extraordinárias propriedades medicinais que possuem, além de algumas ter propriedade alimentícia “não convencional”, com características nutricionais, evidenciando que, além de seu valor ecológico, o Cerrado está entrelaçado com o patrimônio cultural e histórico dos povos.

No próximo item, abordaremos a importância da regulamentação do uso de plantas medicinais e remédios caseiros. Nas ruas do setor central das cidades, é comum encontrar farmácias, supermercados, lojas de produtos naturais, barracas de mercados populares, erveiros e raizeiros, além de outros locais como feiras, onde é possível adquirir diversos tipos de itens vegetais. No entanto, muitos desses produtos não possuem padronização legal ou científica. O mercado de produtos naturais está em crescimento no Brasil e no exterior, o que ressalta na necessidade de uma regulamentação adequada para garantir a segurança e a eficácia desses produtos.

1.2. Uso das plantas típicas do Cerrado como produtos de comércio e funções medicinais e fitoterápicos e sua regulamentação

É importante reconhecer que a Constituição da República Federativa do Brasil (CRFB/1988) garante a todos o direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, como condição eficaz à sadia qualidade de vida, atribuindo ao Poder Público e à sociedade o dever de defendê-lo e conservá-lo para as gerações presentes e futuras. Para garantir a efetivação desse direito, a CRFB/1988, determina ao Poder Público, dentre outras obrigações, que crie espaços territoriais e seus componentes a serem, sobretudo, protegidos em todas as unidades da Federação (Art. 225, § 1º, III).

Art. 225. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações. § 1º - Para assegurar a efetividade desse direito, incumbe ao Poder Público: I - preservar e restaurar os processos ecológicos essenciais e prover o manejo ecológico das espécies e ecossistemas; II - preservar a diversidade e a integridade do patrimônio genético do País e fiscalizar as entidades dedicadas à pesquisa e manipulação de material genético; III - definir, em todas as unidades da Federação, espaços territoriais e seus componentes a serem especialmente protegidos, sendo a alteração e a supressão permitidas somente através de lei, vedada qualquer utilização que comprometa a integridade dos atributos que justifiquem sua proteção; [...] VI - promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente; VII - proteger a fauna e a flora, vedadas, na forma da lei, as práticas que coloquem em risco sua função ecológica, provoquem a extinção de espécies ou submetam os animais a crueldade. § 4º - A Floresta Amazônica brasileira, a Mata Atlântica, a Serra do Mar, o Pantanal Mato-Grossense e a Zona Costeira são patrimônio nacional, e sua utilização far-se-á, na forma da lei, dentro de condições que assegurem a preservação do meio ambiente, inclusive quanto ao uso dos recursos naturais (Brasil, 1988).

Como aponta Espínola e Arruda (2008), apesar de o equilíbrio do meio ambiente ser um dever constitucional conforme a CRFB, a atual base capitalista tem gerado uma série de problemas ambientais, como a perda da biodiversidade e desastres ambientais. Além disso, o crescimento desordenado da população e a exploração intensiva da natureza têm contribuído para a segregação social, marginalizando aqueles com menor poder aquisitivo. Neste contexto, a natureza é frequentemente tratada como um meio para satisfazer as necessidades e desejos humanos, muitas vezes em detrimento da sua conservação e do bem-estar das comunidades mais vulneráveis.

No Brasil, a regulamentação de plantas medicinais e seus derivados é responsabilidade da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Criada em 1999, a Anvisa é uma autarquia vinculada ao Ministério da Saúde e tem a missão de proteger e promover a saúde da população. Ela atua garantindo a segurança sanitária de produtos e

serviços, incluindo medicamentos fitoterápicos e outros produtos derivados de plantas medicinais. A agência estabelece normas e diretrizes para assegurar que esses produtos sejam seguros, eficazes e de qualidade para o consumo.

Desde 1978, na Conferência Internacional sobre Cuidados Primários em Saúde, no Cazaquistão, foi elaborado o documento apelidado de Declaração Alma-Ata. A Organização Mundial de Saúde (OMS) tem se posicionado em relação à valorização das plantas medicinais, considerando que 80% da população mundial as usa para o tratamento e cura de doenças (Brasil, 2015). O (Quadro 1) apresenta a linha do tempo de alguns dos vários documentos legais que regulamentam o uso, a coleta, a fabricação e o armazenamento de plantas medicinais e fitoterápicos no Brasil.

Quadro 1 Linha do Tempo: Leis, Decretos, Portarias, Resoluções, Conferência, Consulta Pública das Plantas Medicinais e Fitoterápicas no Brasil

Ano	Documento	Principais Informações
1973	Lei nº 5.991, De 17 de Dezembro de 1973.	Dispõe sobre o Controle Sanitário do Comércio de Drogas, Medicamentos, Insumos Farmacêuticos e Correlatos, e dá outras Providências.
1976	Lei nº 6.360, De 23 de Setembro de 1976	Dispõe sobre a Vigilância Sanitária a que ficam sujeitos os Medicamentos, as Drogas, os Insumos Farmacêuticos e Correlatos, Cosméticos, Saneantes e Outros Produtos, e dá outras Providências.
1978	Alma Ata, 1978	A Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde, promover a saúde de todos os povos do mundo.
1982	Portaria nº 212, De 29 de Dezembro de 2010	Proposta de Política Nacional de Plantas Medicinais e Medicamentos Fitoterápicos
1996	10ª Conferência Nacional de Saúde.	Autorizaram o SUS as práticas de Fitoterapia/Plantas Medicinais, Homeopatia, acupuntura.
1998	Portaria nº 3.916, De 30 de Outubro de 1988	Aprova a Política Nacional de Medicamentos.
1999	Criação da ANVISA	Formação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária para regulamentar e supervisionar produtos e serviços relacionados à saúde, incluindo fitoterápicos.
2004	Resolução RDC nº 48	Dispõe sobre o registro de medicamentos fitoterápicos.
2004	Resolução nº 338	Aprova a Política Nacional de Assistência Farmacêutica.
2006	Lei nº 5.813, De 22 de Junho de 2006	Aprova a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e dá outras providências (PNPMF).
2006	Portaria nº 971, de 03 de maio de 206	Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde.
2008	Portaria nº 2.960, de 09 de dezembro de 2008	Aprova o programa nacional de plantas medicinais e fitoterápicos e cria o comitê nacional de plantas medicinais e fitoterápicos.
2009	Resolução RDC nº 298	Dispõe sobre a aprovação da Farmacopéia Brasileira, 6ª edição.
2009	Relatório RENISUS)	Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse do Sistema Único de Saúde (SUS).
2010	Instrução Normativa nº 5	Pensando na segurança e eficácia de medicamentos fitoterápicos, a ANVISA estabeleceu uma lista de referências bibliográficas.
2010	Consulta Pública nº 85	Apresentar críticas e sugestões relativas à proposta de Resolução que dispõe sobre as Boas Práticas de Processamento e Manipulação de Plantas Medicinais e Fitoterápicos em Farmácias Vivas.
2010	Resolução RDC nº 14	Dispõe sobre o registro de medicamentos fitoterápicos.
2010	Resolução RDC nº 10	Dispõe sobre a notificação de drogas vegetais junto à Agência Nacional

		de Vigilância Sanitária (ANVISA) e dá outras providências.
2010	Resolução RDC nº 17	Dispõe sobre as Boas Práticas de Fabricação de Medicamentos.
2010	Portaria nº 886 MS, De 20 de Abril de 2010	Foi instituído que as Farmácias Vivas devem realizar todas as etapas, desde o cultivo, coleta, processamento, armazenamento de plantas medicinais e dispensação de preparações magistrais.
2011	Resolução RDC nº 60	Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira.
2012	Resolução RDC nº 1	Estabelece as diretrizes nacionais da Relação Nacional de Medicamentos Essenciais (RENAME) no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS).
2013	Decreto nº 8.077, De 14 de Agosto de 2013	Dispensando as plantas medicinais, sob a forma de droga vegetal, de registro.
2013	Resolução RDC nº 69	Boas Práticas de Fabricação de Insumos farmacêuticos Ativos.
2013	Resolução RDC Nº 18	Dispõe sobre as boas práticas de processamento e armazenamento de plantas medicinais, preparação e dispensação de produtos magistrais e oficinais de plantas medicinais e fitoterápicos em farmácias vivas no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS).
2014	Resolução RDC nº 26	Dispõe sobre o registro de medicamentos fitoterápicos e o registro e a notificação de produtos tradicionais fitoterápicos.
2014	Instrução Normativa nº 2/14	Publica a “Lista de medicamentos fitoterápicos de registro simplificado” e a “Lista de produtos tradicionais fitoterápicos de registro simplificado”
2016	Resolução RDC nº 84	Memento Fitoterápico da Farmacopéia Brasileira.
2017	Portaria nº 849, De 27 de Março de 2017	Ministério da Saúde ampliou para 19 o número de procedimentos oferecidos pela PNPIC.
2018	Portaria nº 702, De 21 de Março de 2018	Ministério da Saúde totalizando 29 práticas integrativas e complementares.
2019	Resolução RDC nº 301	Dispõe sobre as Diretrizes Gerais de Boas Práticas de Fabricação de Medicamentos.
2021	Resolução RDC nº 575	Aprova a Errata nº 01 da Farmacopéia Brasileira, 6ª edição, de que trata a Resolução de Diretoria Colegiada - RDC nº 298, de 12 de agosto de 2019.
2022	Resolução RDC nº 609	Farmacopéia Brasileira 6ª edição.
2022	Resolução RDC nº 126	Dispõe sobre as mudanças pós-registro de medicamentos fitoterápicos e de produtos tradicionais fitoterápicos.
2023	Resolução RDC nº 678	Atualiza o Formulário de Fitoterápicos da Farmacopéia Brasileira, 2ª edição, de que trata a Resolução de Diretoria Colegiada - RDC nº 463, de 27 de janeiro de 2021.
2023	Resolução RDC nº 788	Aprova a Errata nº 02 da Farmacopéia Brasileira, 6ª edição, de que trata a Resolução de Diretoria Colegiada - RDC nº 298, de 12 de agosto de 2019.
2023	Resolução RDC nº 833	Atualiza o Formulário de Fitoterápicos da Farmacopéia Brasileira, 2ª edição, de que trata a Resolução de Diretoria Colegiada - RDC nº 463, de 27 de janeiro de 2021.
2024	Decreto nº 12.026, De 21 de Maio de 2024	Institui o Comitê Nacional de Plantas Medicinal e Fitoterápico - CNPMF. A iniciativa tem o objetivo de retomar o monitoramento e avaliar a implementação da Política e do Programa Nacional de Plantas Medicinal e Fitoterápico no Sistema Único de Saúde (SUS).

Fonte: Nunes (2024) Organizado pela autora

A Resolução da Diretoria Colegiada – RDC, de 26 de dezembro de 2014, da ANVISA estabelece normas para o controle e regulamentação de medicamentos fitoterápicos. Na Seção II, a resolução define o que são medicamentos fitoterápicos e seus requisitos.

§ 1º São considerados medicamentos fitoterápicos os obtidos com emprego exclusivo de matérias-primas ativas vegetais cuja segurança e eficácia sejam

baseadas em evidências clínicas e que sejam caracterizados pela constância de sua qualidade.

§ 2º São considerados produtos tradicionais fitoterápicos os obtidos com emprego exclusivo de matérias-primas ativas vegetais cuja segurança e efetividade sejam baseadas em dados de uso seguro e efetivo publicados na literatura técnico científica e que sejam concebidos para serem utilizados sem a vigilância de um médico para fins de diagnóstico, de prescrição ou de monitorização (Brasil, 2014).

A partir de 2006, o Brasil vivenciou um marco significativo na regulamentação e reconhecimento das plantas medicinais e fitoterápicos. Esse novo tempo, a história dessas práticas pode ser associado a diversas iniciativas e normativas que foram implementadas nesse período.

Em 2022, para celebrar os 15 anos da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, o Ministério da Saúde promoveu uma exposição especial no edifício sede e em seus anexos. Esta exposição, que ocorreu de janeiro a abril, foi uma oportunidade para destacar e refletir sobre a trajetória e os avanços no campo das plantas medicinais e fitoterápicos no Brasil (BRASIL, 2022b).

A exposição apresentou uma linha do tempo detalhada que ilustrou a evolução histórica das plantas medicinais e fitoterápicos no Brasil, desde os conhecimentos tradicionais indígenas e populares até as mais recentes regulamentações e inovações científicas. Os visitantes puderam explorar a história das plantas medicinais, que inclui o uso ancestral por povos indígenas e comunidades tradicionais, além da integração dessas práticas no sistema de saúde pública e na medicina moderna (BRASIL, 2022b).

A exposição destacou as principais etapas na regulamentação e formalização dos fitoterápicos no Brasil, incluindo a criação da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos em 2006, e a evolução das normativas e diretrizes ao longo dos anos. A exposição incluiu amostras de produtos fitoterápicos e tecnologias relacionadas, permitindo aos visitantes visualizarem e entenderem melhor os produtos regulamentados e as práticas associadas. Este evento foi um marco importante para o setor, refletindo a importância crescente das plantas medicinais e fitoterápicos na saúde pública brasileira e celebrando os avanços realizados ao longo dos anos (BRASIL, 2022b).

A Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, aprovada por meio do Decreto nº 5.813, de 22 de junho de 2006 (Brasil, 2006), estabelece diretrizes e linhas para o desenvolvimento de ações pelos diversos parceiros em torno de objetivos comuns voltados à garantia do acesso seguro e uso de plantas medicinais e fitoterápicos em nosso país (Brasil, 2006). No referido Decreto consta em seu objetivo geral e específico:

Objetivo Geral:Garantir à população brasileira o acesso seguro e o uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos, promovendo o uso sustentável da biodiversidade, o desenvolvimento da cadeia produtiva e da indústria nacional. **Objetivos Específicos:**Ampliar as opções terapêuticas aos usuários, com garantia de acesso a plantas medicinais, fitoterápicos e serviços relacionados à fitoterapia, com segurança, eficácia e qualidade, na perspectiva da integralidade da atenção à saúde, considerando o conhecimento tradicional sobre plantas medicinais.Construir o marco regulatório para produção, distribuição e uso de plantas medicinais e fitoterápicos a partir dos modelos e experiências existentes no Brasil e em outros países.Promover pesquisa, desenvolvimento de tecnologias e inovações em plantas medicinais e fitoterápicos, nas diversas fases da cadeia produtiva.Promover o desenvolvimento sustentável das cadeias produtivas de plantas medicinais e fitoterápicos e o fortalecimento da indústria farmacêutica nacional neste campo.Promover o uso sustentável da biodiversidade e a repartição dos benefícios decorrentes do acesso aos recursos genéticos de plantas medicinais e ao conhecimento tradicional associado (Brasil, 2006).

Para concluir os objetivos foi preciso traçar 17 diretrizes e ainda ações que foram propostas para serem desenvolvidas. Vejam as diretrizes:

1. Regular o cultivo, o manejo sustentável, a produção, a distribuição e o uso de plantas medicinais e fitoterápicos, considerando as experiências da sociedade civil nas suas diferentes formas de organização.
2. Promover a formação técnico-científica e capacitação no setor de plantas medicinais e fitoterápicos.
3. Incentivar a formação e a capacitação de recursos humanos para o desenvolvimento de pesquisas, tecnologias e inovação em plantas medicinais e fitoterápicos.
4. Estabelecer estratégias de comunicação para divulgação do setor plantas medicinais e fitoterápicos.
5. Fomentar pesquisa, desenvolvimento tecnológico e inovação com base na biodiversidade brasileira, abrangendo espécies vegetais nativas e exóticas adaptadas, priorizando as necessidades epidemiológicas da população.
6. Promover a interação entre o setor público e a iniciativa privada, universidades, centros de pesquisa e organizações não-governamentais na área de plantas medicinais e desenvolvimento de fitoterápicos.
7. Apoiar a implantação de plataformas tecnológicas piloto para o desenvolvimento integrado de cultivo de plantas medicinais e produção de fitoterápicos.
8. Incentivar a incorporação racional de novas tecnologias no processo de produção de plantas medicinais e fitoterápicos.
9. Garantir e promover a segurança, a eficácia e a qualidade no acesso a plantas medicinais e fitoterápicos.
- 10. Promover e reconhecer as práticas populares de uso de plantas medicinais e remédios caseiros.**
11. Promover a adoção de boas práticas de cultivo e manipulação de plantas medicinais e de manipulação e produção de fitoterápicos, segundo legislação específica.
12. Promover o uso sustentável da biodiversidade e a repartição dos benefícios derivados do uso dos conhecimentos tradicionais associados e do patrimônio genético.
13. Promover a inclusão da agricultura familiar nas cadeias e nos arranjos produtivos das plantas medicinais, insumos e fitoterápicos.
14. Estimular a produção de fitoterápicos em escala industrial.
15. Estabelecer uma política intersetorial para o desenvolvimento socioeconômico na área de plantas medicinais e fitoterápicos.
16. Incrementar as exportações de fitoterápicos e insumos relacionados, priorizando aqueles de maior valor agregado.
17. Estabelecer mecanismos de incentivo para a inserção da cadeia produtiva de fitoterápicos no processo de fortalecimento da indústria farmacêutica nacional (Brasil, 2006).

A décima diretriz, reconhece as práticas populares quanto ao uso de plantas medicinais e os remédios caseiros. Cabe aqui dizer que os conhecimentos populares estão amparados pela Lei que o regulamenta (Brasil, 2006, p.23). Essas diretrizes têm o seu desdobramento nas seguintes ações:

10.1 Criar parcerias do governo com movimentos sociais visando ao uso seguro e sustentável de plantas medicinais; 10.2 Identificar e implementar mecanismos de validação e/ reconhecimento que levem em conta os diferentes sistemas de conhecimento (tradicional/popular x técnico/científico); 10.3 Promover ações de salvaguarda do patrimônio imaterial relacionado às plantas medicinais (transmissão de conhecimentos tradicional entre gerações); 10.4 Apoiar as iniciativas comunitárias para a organização e reconhecimento dos conhecimentos tradicionais e populares (Brasil, 2006, p. 28).

Observa-se que os objetivos da PNPMF e sua diversidade de características e propósitos com percepções distintas de interesses, discursos e valores. Apesar de ser relativamente recente, surgem reflexões de possíveis conflitos em sua prática. Conforme relata Czermainski (2009, p. 112):

Em relação a promover e reconhecer as práticas populares de uso de plantas medicinais e remédios caseiros ilustra a contribuição dos formuladores com representação identificada com as práticas populares, introduzindo o termo “remédio caseiro”. Esse é outro dos maiores desafios da PNPMF, pois o reconhecimento dos remédios caseiros inquieta a indústria, dificulta a vigilância e a legislação farmacêutica e não incorpora à formação em saúde vigente, onde ainda prevalecem o tecnicismo e os enfoques na saúde individual. Isso se entendido do ponto de vista de implantação no sistema, pois se assim for, há conflito de legislação e exige muito do fluxo político para promover o entendimento, a tolerância e distensionar as arenas e a negociação no sentido dos limites do direito à opção terapêutica e os interesses do mercado.

Para promover e reconhecer as práticas populares, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) criou recentemente o documento com orientações sobre o uso de fitoterápicos e plantas medicinais. Nele, explica o conceito de que “as plantas medicinais são aquelas capazes de aliviar ou curar enfermidades e têm tradição de uso pela população ou comunidade” (Brasil, 2022, p.12).

O documento serve como uma ferramenta educativa, fornecendo informações claras sobre o que são plantas medicinais e como devem ser utilizadas. Isso ajuda a informar, tanto os profissionais de saúde quanto o público geral sobre o uso adequado e seguro dessas plantas. Ele não só reforça a importância do conhecimento tradicional e das práticas populares, mas também assegura que esses recursos sejam utilizados de maneira segura e informada. Isso é crucial para garantir a eficácia dos tratamentos e proteger a saúde dos consumidores, ao mesmo tempo em que valoriza e preserva práticas culturais e tradicionais.

Dourado, (2005) destaca que a comercialização de plantas medicinais é uma atividade notável no cenário brasileiro, refletindo a interação entre a tradição popular e o mercado moderno. O comércio de plantas, realizado por raizeiros e raizeiras, não só preserva práticas culturais, mas também atende a uma demanda crescente por tratamentos naturais e tradicionais.

O Brasil tem a maior biodiversidade mundial, e as plantas são usadas como matéria-prima na fabricação de fitoterápicos e outros medicamentos; as plantas também são usadas em práticas populares e tradicionais, como remédios caseiros e comunitários, conhecido como medicina tradicional (Brasil, 2016). Pode-se dizer que o Brasil é possuidor de rica diversidade cultural e étnica que resultou em acumulação abundante de informação e técnicas tradicionais, passados de geração a geração, entre os quais tem destaque os saberes sobre manejo e o uso de plantas medicinais (Brasil, 2016).

Neste sentido a articulação Pacari se mostra interessada em ter seus remédios caseiros reconhecidos como um bem cultural. Este ofício de raizeiras e raizeiros do cerrado se encontra em processo de instrução para registro junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como bem imaterial². A Farmacopéia do cerrado é um livro organizado pela Articulação Pacari para que pudesse contemplar os saberes dos povos dos Estados de Goiás (GO), Tocantins (TO), Minas Gerais (MG), e Maranhão (MA), respectivamente.

A iniciativa de registrar e documentar as práticas de uso de plantas medicinais é fundamental, não apenas para a preservação cultural, mas também para a valorização do conhecimento tradicional e sua integração com a ciência moderna. A Farmacopéia do Cerrado serve como uma referência para futuras pesquisas e para a promoção dos saberes tradicionais.

As pesquisadoras relatam que no Estado de Goiás, na região do rio vermelho, foram encontradas 164 plantas medicinais, e que as plantas a serem pesquisadas foram Algodãozinho e Pé-de-perdiz. Para iniciar a escolha das plantas a serem estudadas, foi realizado um levantamento das principais plantas medicinais conhecidas pelas pesquisadoras populares. Vejamos:

(...)Ao total, foram citados 146 nomes de plantas que têm uso comum na medicina popular da região: açoita cavalo, algodãozinho, amarelinha, angico, araticum cagão, araticum marolo, arnica, aroeira, assapeixe, azedinha, azeitona preta, babaçu, bacupari, barbatimão, barba de bode, baru, baunilha, bico de tucano, buriti, cabeça

²Ofício de Raizeiras e Raizeiros no Cerrado (Farmacopeia Popular do Cerrado)

Processo: 01450.010388/2006-15 Data: 06/09/2006

Proponente: Articulação Pacari - Plantas Medicinais do Cerrado

Estados: Goiás, Mato Grosso, Maranhão, Tocantins; Distrito Federal, Bahia e Minas Gerais

de perdiz, cabo verde, cainca, cagaita, cajuzinho, calunga, canela de ema, cansação, capim meloso, capim navalha, capim reis, capitão, carapiá, caroba, carobinha, carrapicho, catuaba, chá de frade, chapadinha, chapéu de couro, ciganinha, cipó bálsamo, cipó cabeludo, cipó chumbo, cipó de fogo, cipó faleira, cipó maravilha, cipó moela de frango, cipó parreira, cipó prata, cipó são João, cipó suma, cipó unha de gato, congonha de bugre, coquinho baboso, coquinho de santo antônio, cravinho, cruzeiro de são Pedro, curriola, douradão, douradinha, erva de passarinho, esporão de galo, faveiro ou fava de arara, fedegoso, gabiroba, galinha arrupiada, gervão, goiabinha do campo, GonçalvesAlves, gravatá, gravadeira ou feijão cru, guapeva, guatambu, imbaúba, imbé, imburana, impossível, indaiá, infalível, ipê amarelo, ipê branco, ipê-roxo, jaborandi do cerrado, jalapa, japecanga, jatobá, jequitibá, jurubebinha do campo, João da costa, lixeira, lixeirinha, lobeira, macaúba, mamacadela, maminha de porca, manacá, mandioquinha, mangaba, maria podre, marmelada, marmelada branca, maruleite, milome, moleque-duro, moreira, mulungu, murici, negramina, nó de cachorro, nó de porco, pacari, pata de vaca, pau d'óleo, pau manco, pau santo, pé de perdiz ou minuano, pequi, piãozinho, pimenta de macaco, porrete malina, quina amargosa, quina doce, rabo de tatu, roseta, ruibarbo, sabão de bugre, sangra d'água, sangue de cristo, sassafras, sene do campo, sete sangrias, sete folhas, sofre dos rins quem quer, sucupira, sussumaré, taia do campo, tapuia do campo, tiborna, tingui, tiú, velame branco, velame amarelo, velame vermelho, veludo, vergatesa e vinhático (Dias; Laureano,2009, p.185-186).

A partir dos critérios que foram definidos, os grupos escolheram 29 plantas, e dessas, novamente, fizeram uma nova seleção, relacionaram as 10 mais conhecidas e, por fim, ficaram somente 06 plantas: o velame branco, seguida pelo pé de perdiz, algodãozinho, maruleite, douradinha e jatobá. O projeto para a pesquisa previa o estudo inicial de duas plantas. A definição de quais seriam essas plantas, a partir das 6 selecionadas, ficou para ser feita ao longo do trabalho de campo (Dias & Laureano, 2009).

Portanto, lembramos a importância da identificação correta das espécies das plantas utilizadas na fitoterapia e da utilização, conforme as indicações, a fim de garantir a segurança e a eficácia das plantas medicinais. Na Relação Nacional de Medicamentos Essenciais (RENAME) de 2020, que é um documento elaborado pelo Ministério da Saúde desde 1964, com última atualização em 2022, apresenta uma lista oficial de medicamentos essenciais, orientações para a prescrição e oferta desses medicamentos nos serviços do SUS. Nele constam 12 medicamentos fitoterápicos vejamos:

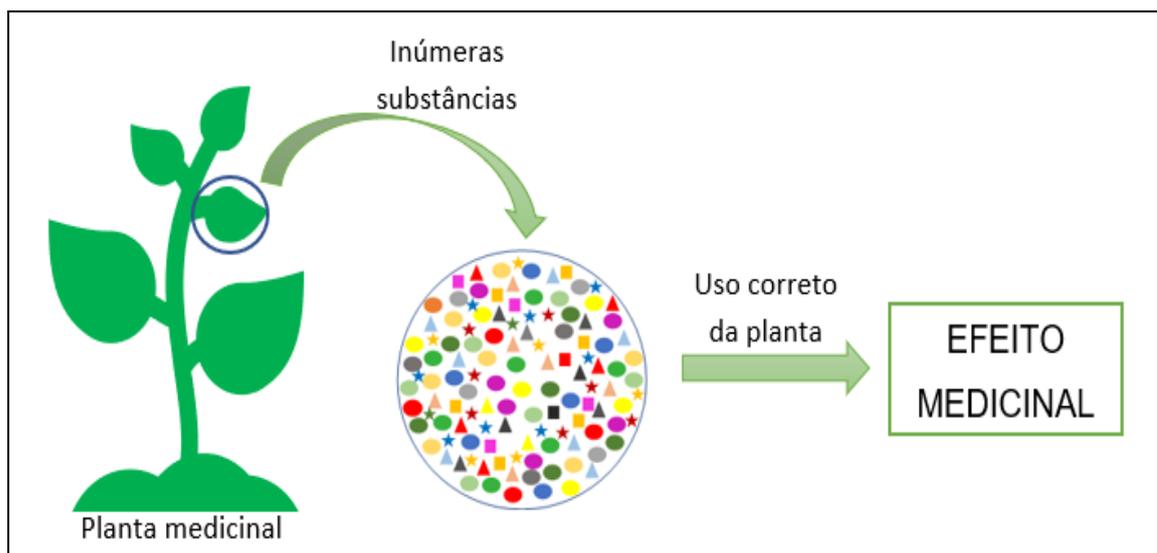
- 1-Alcachofra (*Cynara scolymus* L.);
- 2-Aroeira (*Schinus terebinthifolius* Raddi);
- 3-Babosa (*Aloe vera* (L.) Burm.f);
- 4-Cáscara-sagrada (*Rhamnus purshiana* D.C.);
- 5-Espinheira-santa (*Maytenus officinalis* Mabb.);
- 6-Guaco (*Mikania glomerata* Spreng.);
- 7-Garra-do-diabo (*Harpagophytum procumbens*);
- 8-Hortelã (*Mentha x piperita* L.);
- 9- Isoflavona de soja (*Glycine max* (L.) Merr.);
- 10-Plantago (*Plantago ovata* Forssk.);
- 11-Salgueiro (*Salix alba* L.);
- 12-Unha-de-gato (*Uncaria tomentosa* (Willd. ex roem. & Schult.).

Fonte: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/sectics/pnpmf/orientacao-ao-prescritor/fitoterapicos-e-homeopaticos-na-rename>, Acesso em:19 ago 2024

A inclusão de medicamentos fitoterápicos na RENAME reflete uma tentativa de padronizar e regulamentar o uso dessas substâncias no SUS, garantindo que apenas produtos seguros e eficazes sejam oferecidos à população. A RENAME, 2020, é uma ferramenta essencial para promover o acesso a medicamentos fitoterápicos de qualidade e assegurar que esses produtos sejam utilizados de maneira segura e adequada no contexto da saúde pública.

Para entender a complexidade das plantas medicinais, (Ilustração 3), é importante considerar que essas plantas contêm uma grande variedade de substâncias químicas. Cada uma dessas substâncias pode exercer diferentes efeitos no organismo e, muitas vezes, elas interagem entre si para produzir um efeito terapêutico desejado. Se usadas corretamente, essas plantas podem oferecer benefícios significativos no tratamento e na prevenção de doenças(Brasil, 2022a).

Ilustração 3 Planta medicinal e suas substâncias responsáveis pelo efeito medicinal.



Fonte: Brasil, 2022 a.

A correta identificação e conhecimento sobre a planta, (ilustração 3), incluindo o nome científico, local de coleta e condições de uso, são fundamentais para garantir a eficácia e a segurança dos tratamentos fitoterápicos. Isso minimiza riscos e assegura que as propriedades medicinais da planta sejam aproveitadas de maneira adequada.

As plantas medicinais devem ser distribuídas secas, embaladas, identificadas pelo nome botânico em farmácias e ervanarias³ e, como não são regulamentadas como medicamentos, não podem ter justificações terapêuticas ou medicinais, desta maneira não

³ Estabelecimento que comercializa ervas medicinais

podem ter bulas e/ou boletim, contendo informações de uso, pois estas informações são permitidas apenas aos medicamentos(Brasil, 2022a).

Os Fitoterápicos são remédios feitos com plantas medicinais e são comercializados em formas farmacêuticas: cápsulas, comprimidos, pomadas ou mesmo xaropes. Estes medicamentos são compostos pela planta ou seus derivados e outras substâncias, tendo em vista suas diferentes funções. As formas farmacêuticas dos fitoterápicos podem conter a planta seca onde é conhecida como Droga Vegetal, ou a partir de outros produtos obtidos dela, na qual se dá o nome de Derivados Vegetais (Brasil, 2022a).

Sabe-se que no Brasil têm dois tipos de fitoterápicos: os manipulados e os industrializados. Os manipulados são aqueles feitos em farmácias de manipulação que, por sua vez, são autorizados pela vigilância sanitária. Além disso, existe um tipo de farmácia específica para manipulação de fitoterápicos, denominadas Farmácias Vivas⁴(Brasil, 2022a). O Professor Francisco José de Abreu Matos⁵, foi o grande idealizador da criação das farmácias vivas.

O Ministério da Saúde, Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), através da RDC N° 26, DE 13 DE MAIO DE 2014, dispõe sobre o registro de medicamentos fitoterápicos e o registro e a notificação de produtos tradicionais fitoterápicos. O objetivo desta RDC em seu artigo 1º estabelece que:

Art. 1º Esta Resolução define as categorias de medicamento fitoterápico e produto tradicional fitoterápico e estabelece os requisitos mínimos para o registro e renovação de registro de medicamento fitoterápico, e para o registro, renovação de registro e notificação de produto tradicional fitoterápico (Brasil, 2014).

E ainda de acordo com essa RDC em seu artigo 2º em seus respectivos parágrafos se aplica aos medicamentos fitoterápicos industrializados, sendo eles Medicamentos Fitoterápicos (MF) e Produtos Tradicionais Fitoterápicos(PTF).

Art. 2º Esta Resolução se aplica a produtos industrializados que se enquadram nas categorias de medicamentos fitoterápicos e produtos tradicionais fitoterápicos.

§ 1º São considerados medicamentos fitoterápicos os obtidos com emprego exclusivo de matérias-primas ativas vegetais cuja segurança e eficácia sejam

⁴As Farmácias Vivas são estabelecimentos públicos de saúde, onde se cultiva, coleta, processa, armazena, manipula e dispensa plantas medicinais e fitoterápicos. Na página eletrônica do Ministério da Saúde é possível verificar se há em determinado município serviço de atendimento em fitoterapia e a disponibilização de fitoterápicos no Sistema Único de Saúde (SUS). (Brasil, 2022).

⁵Dr. Matos era farmacêutico-químico, formado pela Faculdade de Farmácia do Ceará em 1945. Foi um dos fundadores da Universidade Federal do Ceará (UFC). Filho, neto e bisneto de farmacêuticos, era doutor em Farmacognosia, livre-docente e professor emérito. Ele criou o Projeto Farmácias Vivas. Revolucionário, de imensurável voltagem social e sentido científico, as Farmácias Vivas promovem a utilização correta de plantas medicinais e seus extratos, baseada em estudos científicos, com o objetivo de tratar diversas doenças. (<https://crfce.org.br/2024/05/21/dia-nacional-da-planta-medicinal-homenagem-ao-centenario-do-prof-francisco-jose-de-abreu-matos-21-de-maio/>).

baseadas em evidências clínicas e que sejam caracterizados pela constância de sua qualidade.

§ 2º São considerados produtos tradicionais fitoterápicos os obtidos com emprego exclusivo de matérias-primas ativas vegetais cuja segurança e efetividade sejam baseadas em dados de uso seguro e efetivo publicados na literatura técnico-científica e que sejam concebidos para serem utilizados sem a vigilância de um médico para fins de diagnóstico, de prescrição ou de monitorização.

§ 3º Os produtos tradicionais fitoterápicos não podem se referir a doenças, distúrbios, condições ou ações consideradas graves, não podem conter matérias-primas em concentração de risco tóxico conhecido e não devem ser administrados pelas vias injetável e oftálmica.

§ 4º Não se considera medicamento fitoterápico ou produto tradicional fitoterápico aquele que inclua na sua composição substâncias ativas isoladas ou altamente purificadas, sejam elas sintéticas, semissintéticas ou naturais e nem as associações dessas com outros extratos, sejam eles vegetais ou de outras fontes, como a animal.

§ 5º Os medicamentos fitoterápicos são passíveis de registro e os produtos tradicionais fitoterápicos são passíveis de registro ou notificação.

§ 6º Os medicamentos e produtos obtidos de fungos multicelulares e algas deverão ser avaliados conforme esta Resolução até que tenham regulamentação específica.

§ 7º Conforme previsto no Art. 22 do Decreto nº 8.077, de 14 de agosto de 2013, as plantas medicinais sob a forma de droga vegetal, doravante denominadas chás medicinais, serão dispensadas de registro, devendo ser notificadas de acordo com o descrito nesta Resolução na categoria de produto tradicional fitoterápico.

§ 8º Os chás medicinais notificados não podem conter excipientes em suas formulações, sendo constituídos apenas de drogas vegetais.

§ 9º Não são objeto de registro ou notificação as preparações elaboradas pelos povos e comunidades tradicionais do país sem fins lucrativos e não industrializadas (Brasil, 2014).

Os Fitoterápicos industrializados são aqueles fabricados por indústrias farmacêuticas, e devem seguir as normas da Anvisa antes de serem comercializados. Podem ser divididos em duas classes: Medicamento Fitoterápico (MF) e Produto Tradicional Fitoterápico (PTF). O que os diferencia é somente na maneira como foi comprovada sua segurança e eficácia à Anvisa, tendo em vista que cumprem os mesmos requisitos de qualidade (Brasil, 2022a).

Segundo Lorenzi e Matos (2008), o uso adequado de plantas medicinais para fins terapêuticos exige uma seleção criteriosa das espécies, baseada em sua eficácia e segurança, seja por meio da tradição popular ou validação científica. A identificação correta das plantas é essencial para garantir que sejam usadas de forma segura e eficaz. O uso inadequado de plantas, seja por identificação incorreta ou falta de conhecimento sobre suas propriedades, pode representar um problema significativo para a fitoterapia, comprometendo a segurança dos usuários e a eficácia dos tratamentos.

Este capítulo proporcionou uma visão abrangente sobre a rica história e os diversos usos das plantas típicas do Cerrado, revelando, portanto, quanto essas ervas desempenham papéis importantes, tanto em contextos socioespaciais quanto no comércio e na medicina. A partir da análise das práticas históricas, exploramos como o Cerrado, com sua

biodiversidade única, tem sido um recurso vital para as comunidades locais, oferecendo soluções medicinais.

Podemos concluir este capítulo dizendo que o estudo das plantas do Cerrado, tanto em seus contextos históricos quanto atuais, oferece uma visão valiosa sobre como os recursos naturais podem ser utilizados. O futuro dos produtos fitoterápicos e medicinais do Cerrado dependerá da continuidade do diálogo entre os saberes tradicionais, as práticas comerciais e as exigências regulamentares. A preservação e o uso responsável dessas plantas não apenas honram a herança cultural das comunidades locais, mas também contribuem para um mercado consciente e sustentável.

No próximo capítulo será discutido como o saber popular e o saber científico se entrelaçam e influenciam a prática e a regulamentação das plantas medicinais. Em resumo, as interações socioculturais no uso de plantas medicinais cultivadas em quintais e típicas do Cerrado refletem uma rica combinação de tradições culturais e necessidades contemporâneas.

CAPÍTULO 2 – SABER POPULAR RELACIONADO AO USO DE PLANTAS MEDICINAIS E O SEU CULTIVO

“O saber a gente aprende com os mestres e os livros. A sabedoria se aprende é com a vida e com os humildes”
Cora Coralina (1889- 1985)

Este capítulo visa compreender como o uso de plantas medicinais para o tratamento de doenças, que nem sempre está associado à constatação de seu efeito, está ligado ao uso caseiro de plantas medicinais, aos saberes tradicionais, a medicina popular, isto quer dizer, a partir das experiências e saberes passados de geração para geração e, em sua maioria, transmitidos de maneira oral. Diferenciar o saber popular do saber científico, bem como entender o uso de plantas típicas do cerrado, e também as que são encontradas em quintas dos consumidores de plantas medicinais.

2.1. Natureza e ancestralidade: entre o saber popular e o saber científico no contexto dos usos de plantas

Quando tudo era meio natural, o homem escolhia da natureza suas partes consideradas fundamentais para a vida, desta maneira, valorizando, os lugares e as culturas, que formavam a base material da vida do grupo. Esse meio natural genérico era utilizado pelo homem sem grandes modificações. As técnicas de trabalho se uniam com as dádivas da natureza, com a qual se relacionavam sem outra interferência. As mudanças impostas às coisas naturais já eram técnicas, entre as quais a domesticação de plantas e animais aparece como um momento definido: o homem mudando a natureza, impondo-lhe leis (Santos, 2004, p. 235-236).

De acordo com Morimoto e Salvi (2009), a interação entre seres humanos e natureza é essencial para a estruturação e sobrevivência das sociedades. Os humanos, ao se organizarem em sociedade, criam métodos variados para obter o sustento necessário à vida, utilizando os recursos naturais disponíveis. Nesse relacionamento, a natureza não apenas fornece os recursos vitais, mas também é moldada pelas atividades humanas. Assim, a interação entre homem e natureza é um processo dinâmico, onde a exploração e as mudanças ambientais provocadas pelos humanos influenciam, continuamente, o meio ambiente e, por sua vez, são influenciadas por ele.

O Saber Científico do século XVI ao século XIX passou por transformações significativas, marcadas por uma transição de modelos de conhecimento medieval para abordagens mais experimentais e racionalistas. No século XVII, a ciência se consolidou como uma prática que exigia rigor lógico e uma metodologia sistemática, resultando no estabelecimento de Leis universais. No século XVIII e início do século XIX, o saber científico continuou a se expandir e se institucionalizar, com a fundação de academias e sociedades científicas que promoviam a troca de idéias e o compartilhamento de descobertas (Cantoni, 2012).

O saber científico do século XX foi marcado por avanços revolucionários em diversas áreas do conhecimento, transformando a forma como entendemos o mundo e a natureza. Já o século XXI está sendo caracterizado por uma intensa interação entre as novas tecnologias e a crescente especialização das áreas de conhecimento (Cantoni, 2012).

No ano de 1772, no Rio de Janeiro, no reinado do vice-rei Dom Luiz de Almeida Portugal, é constituída a Academia Científica, que recebia título de Sociedade de História Natural e Academia Fluminense Médica, cirúrgica, botânica, farmacêutica, sendo realizados alguns estudos, mas que eram muito fracos e que faziam a medicina no Brasil vagarosa (De Sousa, 2021).

Existe uma diferenciação dos sistemas de informação quanto à maneira em que se apropriam da natureza. A ciência difere do popular, uma vez que o objetivo dos cientistas é responder a questões de pesquisa claramente definidos. O saber popular tem um interesse mais voltado ao cotidiano e tem por objetivo melhorar a prática e os fazeres do dia a dia, as técnicas, os manejos que melhorem as práticas cotidianas (Nascibem, 2022). A seguir, em destaque no Quadro 2, estão importantes características entre o saber popular e científico.

Quadro 2 Diferença entre Saber Popular x Saber Científico

Saber Popular	Saber Científico
Linguagem simples e concreta, baseada no cotidiano das pessoas e nos seus afazeres.	Linguagem complexa e abstrata, distanciada muitas vezes do cotidiano.
Construção se dá no dia a dia, através das práticas cotidianas, do manejo da terra, em práticas fitoterápicas, observação e imitação.	Basear-se-ia em rígidos métodos em sua construção, que lhe atribuem confiabilidade e validade.
Transmitido de geração em geração, pertencente à cultura de um povo, de uma sociedade, de uma comunidade, normalmente perpetuada na transmissão oral de ensinamentos.	Transmitido em escolas e universidades, através do ensino regular, bem como em livros, artigos, sites de divulgação científica, e outros sistemas especializados.
Empirismo, ligação estreita entre aquilo que se vê e se toca, e aquilo que se aceita como uma verdade.	Sistema complexo pautado em diálogo entre teorias preexistentes que subsidiam a construção de outras teorias, que permitem enxergar melhor a prática, de onde é possível ver os limites dos modelos.

<p>Uma vez sendo, intimamente, ligada ao sensorial, aquilo que é palpável é amplamente aceito como uma verdade inquestionável, quase um dogma.</p>	<p>Seus conhecimentos são questionáveis, uma vez que a ciência é cética, logo, a não existência de dogmas é uma característica essencial para ampliação do conhecimento pois, ao questionar um paradigma é que se pode se abrir a outros conhecimentos.</p>
--	---

Fonte: Nascibem (2022) – Adaptado pela autora.

Os saberes populares são aqueles que as pessoas acumulam durante sua vida e servem para explicar e entender aquilo que está ao seu redor. Os autores Lakatos e Marconi (2003, p.75) fazem uma definição do saber popular como aquele “transmitido de geração em geração por meio da educação informal e baseado em imitação e experiência pessoal”.

Esta definição destaca a natureza do saber popular como um conhecimento não formal, transmitido através de práticas e experiências acumuladas ao longo do tempo, e frequentemente, compartilhado de maneira oral e informal dentro das comunidades.

Os saberes populares não possuem o mesmo rigor científico e nem sempre trazem a verdade científica almejada, mas carregam grande riqueza cultural e experiência de vida. Por não terem o mesmo rigor da ciência, esses saberes podem incorporar elementos mágicos, mitos, superstições e outras crenças, oferecendo uma rica perspectiva cultural, embora não tenham o mesmo respaldo acadêmico em suas interpretações (Nascibem, 2022).

Na relação entre o saber popular e o saber científico, a grandeza ideológica presente na discussão, frequentemente, distingue o saber ancestral como algo inferior, designado de senso comum. O saber popular é algo que vai além da simples comprovação ao experimental. Esse saber se acumulou e se enriqueceu ao longo do crescimento quantitativo e qualitativo da humanidade e seus avanços (Silva, *et al.*, 2015).

Analisamos que a semelhança entre o saber popular e o científico assume um caráter histórico e geográfico, refletindo uma visão colonial do conhecimento. No entanto, a variação desse saber ainda carrega marcas dessa colonialidade até os dias atuais. Dessa forma, raizeiros enfrentam dificuldades para uma efetiva inclusão no território da saúde, principalmente devido à relação conflituosa com o saber científico (Nery, 2021).

De acordo com Santos (2008), um dos principais fatores que distanciam o conhecimento científico do senso comum é o rigor. Enquanto o conhecimento científico se forma a partir de uma observação sistemática e rigorosa dos fenômenos naturais, o senso comum se desenvolve a partir de observações que não são sistemáticas e são mais flexíveis. Ambos, no entanto, utilizam a observação, embora, de maneiras diferentes.

Uma das grandes conexões entre o conhecimento popular e o científico reside no fato de que a ciência, frequentemente, se baseia no conhecimento popular para identificar as

características medicinais das plantas. Esse processo busca confirmar ou refutar a eficácia das espécies com fins terapêuticos, validando o uso dessas plantas de acordo com critérios científicos (Araújo *et al.*, 2014). No entanto, é importante destacar que, como mencionado por Nery (2021), há uma problemática de colonização do saber, onde o conhecimento popular é apropriado sem o devido reconhecimento e respeito às suas origens e contextos culturais.

Comprando o saber popular e saber científico, nota-se a presença de diversas formas de poder. Segundo o autor, “a compartimentalização de saberes e da reconstrução da paisagem vão permitir a apropriação por parte do sistema colonial, dos princípios farmacológicos de vários produtos, omitindo-se os atores intervenientes nesse processo, como se nunca tivessem existido” (Meneses, 2000, p.27).

De acordo com Cunha (2007), existe uma desconexão significativa entre o saber popular e o saber científico. O saber científico é, muitas vezes, visto como absoluto e definitivo, enquanto o saber popular é mais flexível e tolerante. Frequentemente, o saber científico se apropria do saber popular, transformando-o em ciência, especialmente no campo da farmacologia. No entanto, há uma tendência de não reconhecer, adequadamente, a contribuição do saber popular nesse processo.

A medicina popular é, essencialmente, uma "medicina de saber local", caracterizada pela transmissão oral e gestual dos conhecimentos. Esses saberes são, frequentemente, compartilhados dentro das famílias e vizinhanças, refletindo práticas empíricas e conhecimentos acumulados ao longo do tempo. A medicina popular se manifesta no cotidiano e utiliza receitas, majoritariamente, vegetais, baseadas em práticas empíricas e tradições locais. Isso é exemplificado pela declaração de uma informante: “(...) a erva-cidreira tem de ser usada para as pessoas que têm a pressão arterial normal, se usada com excesso pode ser prejudicial (...)” (consumidora 1, 76 anos) (Pasa, 2011).

Assim o saber popular, é baseado em práticas e tradições acumuladas ao longo do tempo, é transmitido oralmente e inclui conhecimentos empíricos sobre as propriedades das plantas e suas aplicações práticas. Por sua vez, o saber científico se fundamenta em métodos rigorosos de pesquisa e validação, incluindo estudos clínicos e experimentais, busca comprovar a eficácia e segurança das plantas medicinais através de evidências empíricas e análises controladas (Palma, 2011).

2.2. Interações socioculturais quanto ao uso das plantas medicinais cultivadas em quintais e típicas do cerrado

De acordo com os relatos dos informantes, após o uso contínuo de remédios caseiros e plantas medicinais, é possível notar melhoras nos tratamentos, e muitas mulheres preferem o uso de produtos naturais, evitando o uso de antibióticos. Os remédios caseiros são preparações que utilizam plantas medicinais e/ou substâncias derivadas de animais como banha de porco, sebo de carneiro, entre outros, e insumos, como cachaça, vinho e rapadura(Dias & Laureano,2009).

Essas práticas refletem um conhecimento tradicional sobre o uso de plantas e outros ingredientes naturais para o cuidado com a saúde, transmitido de geração para geração, e adaptado às necessidades e preferências das comunidades. A escolha por remédios caseiros pode ser motivada por uma percepção de eficácia, menor custo, ou um desejo de evitar os efeitos colaterais dos medicamentos convencionais.

Durante as entrevistas realizadas com consumidores de plantas medicinais, observou-se que muitos têm um conhecimento considerável sobre o uso das plantas típicas do Cerrado. Esse conhecimento é adquirido através da experiência pessoal, tradições familiares e instruções passadas de geração para geração. Além disso, mesmo que esses consumidores busquem locais que comercializam essas plantas, muitos ainda cultivam diversas espécies de “ervas medicinais” em seus próprios quintais.

Esse cultivo doméstico não só proporciona acesso a plantas frescas e de qualidade, mas também permite aos consumidores um controle mais direto sobre as condições de cultivo e a produção dos remédios caseiros. Entre as espécies cultivadas, muitas são nativas do Cerrado, como a barbatimão, conhecida por suas propriedades anti-inflamatórias, e a erva-cidreira, utilizada para diversos propósitos terapêuticos.

O cultivo em quintais também reflete um desejo de manter a tradição e a autonomia no cuidado da saúde, utilizando conhecimentos que, muitas vezes, não são reconhecidos formalmente pela medicina científica, mas que têm uma profunda importância cultural e prática para essas comunidades.

Ao iniciar a entrevista com a primeira usuária, identificada como C1, e também conhecedora de plantas medicinais, ela respondeu de forma espontânea às perguntas sobre o uso e consumo dessas plantas. Durante a entrevista, C1 forneceu informações valiosas sobre o conhecimento popular, refletindo sua experiência pessoal e a tradição cultural em que está inserida. Vejamos:

Eu tenho 76 anos sou casada há 55 anos, sou católica, tenho três filhos, morava em uma cidade pequena e me mudei para Anápolis há mais de 46 anos. Chegando aqui, moramos em vários lugares da cidade, de aluguel, mas depois de tantas mudanças, com a ajuda de filhos, moro em casa própria e aprendi conhecer e usar plantas medicinais com a minha mãe desde quando era criança. Para cada dor, ou

desconforto uso um tipo de planta(relato da C1).

O processo de transmissão de conhecimento entre pai e filho começa desde o nascimento. Conforme Fontoura (2006), as atividades realizadas pelos filhos começam por orientações e esclarecimentos dos pais. Os filhos escutam, observam e, após isso, começam a praticar o que foi observado nos pais. As atividades envolvidas vão desde atividades básicas até as mais complexas. No (quadro 03) consta as ervas medicinais encontradas no quintal da consumidora 1, onde ela descreve o nome popular da planta, a parte usada e a indicação. A família e nome científico foram pesquisados em sites conforme a fonte descrita logo abaixo do quadro.

Quadro 3 - Ervas Medicinais no quintal da C1

Nome Popular	Família	Nome Científico	Parte Usada	Indicação
Alfavaca	Lamiaceae	<i>Ocimum gratissimum</i>	Folhas ou flores	Tosse, gripe, resfriado
Erva Cidreira de Capim	Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i>	Folha	Calmante natural para dormir
Bálsamo	Crassulaceae	<i>Myroxylon peruiferum</i>	Folha	Usado para dor de ouvido
Manjeriçã	Lamiaceae	<i>Ocimum basilicum</i>	Folha	Cansaço, depressão, tempero
Babosa	Asphodelaceae	<i>Aloe Vera</i>	Folha	Anti-inflamatório, cabelo, cicatrizante, feridas.
Folha Santa	Crassulaceae	<i>Bryophyllum pinnata</i>	Folha	Dor no estômago, irritações na pele, inflamações.
Hortelã Folha Gorda	Lamiaceae	<i>Plectranthus amboinicus (Lour.)</i>	Folha	Tosse, gripe, anti-inflamatório
Alecrim	Lamiaceae	<i>Rosmarinus Officinalis L</i>	Folha	Temperos, coração, dores, calmante, xampu
Erva Santa Maria ou Mastruz	Amaranthaceae	<i>Dysphania ambrosioides</i>	Folhas e sementes	Bom para vermes, má digestão,
Erva Cidreira de Folha	Verbenaceae.	<i>Lippia alba (Mill.)</i>	Folha	Pressão arterial, gases, gripe
Ora-pro-nóbis	Cactaceae	<i>Pereskia aculeata</i>	Folha	Anemia, emagrecimento, anti-inflamatório.
Pariparoba	Piperaceae	<i>Piper umbellatum L</i>	Folha	Dor no estômago, azia, má digestão.
Guaco	Asteraceae	<i>Mikania laevigata Sch. Bip. Ex Baker</i>	Folha	Gripe, tosse, trata o aparelho respiratório em geral.
Acerola	Malpigiaceae	<i>Malpighia emarginata</i>	Fruta	Vitamina C

Fonte: Re flora, Dataplant -Nunes (2024) organizado pela autora

De acordo com as lembranças da usuária C1, ela observou que quando se mudou para sua atual residência, havia um terreno próximo, acima da rua de sua casa, que era rico em

plantas medicinais como assa-peixe, sene e douradinha. No entanto, esse terreno foi aterrado, resultando na destruição da vegetação dessas plantas típicas do Cerrado.

Após a entrevista com a usuária C1, de 76 anos, foi possível perceber o extenso conhecimento que ela possui sobre o uso das ervas medicinais. Ela relatou que as plantas cultivadas em seu quintal foram plantadas tanto por ela quanto por sua filha. As seguintes plantas foram identificadas e fotografadas, conforme as (Ilustrações 4 a 8):

Ilustração 4 Alfavaca, Erva Cidreira de Capim e Bálamo



Fonte: Nunes (2023).

O nome alfavaca é dado a várias plantas do mesmo gênero, tem o cheiro de cravo-da-índia, podendo atingir até 2m de altura, flores lilás ou brancas, muito cultivado em hortas a partir das sementes, originário do oriente, mas se encontra em todo Brasil, é usado para gripes e resfriados. Conhecida como “erva cidreira de capim, ou capim limão”, é uma erva perene. Toda a planta espalha um aroma, semelhante ao do limão, reproduz por divisão de touceira, é aromático e usado para febre, calmante, estimulante, expectorante, e o seu óleo possui ação antibacteriana. O Balsamo é uma planta herbácea, suculenta, ramificada, de origem mexicana, e atinge até 60 cm de altura, folhas carnosas e são capazes de enraizar. É usado para úlceras, gastrite, dor de ouvido e dor de estômago (Grandi, 2014).

Ilustração 5 - Manjeriço, Hortelã Baiano e Folha Santa



Fonte: Nunes (2023).

Manjeriço é uma planta herbácea, originária da Europa e conhecida no Brasil inteiro pelo cheiro agradável. Planta bastante ramificada desde o caule, pode ser usada na culinária como tempero e ainda como xarope. A hortelã da folha gorda ou Malvarisco é uma planta aromática, com folhas simples. Apresentam nervuras evidentes no dorso, são grossas e suculentas. As flores são azuladas claras ou rosadas. Pode ser usada para tosse, rouquidão, e inflamações da boca e garganta. A folha santa, ou folha da fortuna pode medir até 1,5 m de altura, multiplica-se com as sementes ou mesmo as folhas caindo no solo enraizam, é usada em queimaduras e lesões na pele e gastrite (Grandi, 2014; Baracuhy, *et al.*, 2016).

Ilustração 6 - Alecrim, Erva de Santa Maria e Babosa



Fonte: Nunes (2023)

Alecrim é um arbusto que pode medir até 2m de altura, e é bastante ramificado, com flores brancas lilás, possui cheiro aromático e sabor levemente amargo, podendo ser usado para doenças na pele, resfriado, inflamações do fígado e dos rins, febre, depressão, queda de cabelo, cicatrizante, dentre outras doenças. Erva de Santa Maria ou Mastruço,

encontrada no Brasil e em toda América Tropical, suas folhas superiores são menores, as flores são masculinas e femininas, se desenvolve melhor quando exposto ao sol, podendo ser usada como vermífugo, e vias respiratórias e, ainda, por causa do cheiro forte, serve para eliminar insetos.

Babosa, ou Aloe Vera, originária das Ilhas de Sucotrina (África) e das Costas do Mar Vermelho, essa planta possui caule lenhoso, sendo que as folhas podem ser lisas ou ter espinhos, com flores amarelo esverdeados, podendo ser usado como vermífugo, doenças da pele e couro cabeludo, hemorroidas, cicatrizante e para o estômago (Grandi, 2014). A Babosa (ilustração 6), e o guaco (ilustração 7) estão entre os fitoterápicos que fazem parte da Lista de Registro Simplificado de Fitoterápicos (LRSF) da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), e que são usados no SUS.

Ilustração 7 - Erva Cidreira de Folha, Guaco e Ora-pro-nóbis



Fonte: Nunes (2023)

Erva Cidreira de Folha, ou erva cidreira verdadeira, planta vivaz ramificada, com folhas aéreas, flores que variam do branco ao lilás, aparecem nos meses de junho e julho, respectivamente, indicado como calmante natural, febres, resfriados, é uma planta herbácea, perene, que pode crescer até cerca de 1 a 2 metros de altura. Suas folhas são ovais e serrilhadas, com uma textura que pode variar de lisa a rugosa. O aroma das folhas é semelhante ao da erva cidreira de capim, um pouco mais suave. Ela é nativa das regiões tropicais e subtropicais da América do Sul. (Lorenzi; Matos, 2008, Grandi, 2014).

O guaco é uma planta medicinal bastante usada na medicina tradicional no Brasil e em outros países da América Latina, sendo muito utilizado para tratar problemas respiratórios, como tosse, bronquite, asma e resfriados. Todavia, o uso do guaco deve ser feito

com cautela, especialmente, em grandes quantidades ou por períodos prolongados, devido ao risco de toxicidade. (Lorenzi; Matos, 2008, Grandi, 2014).

A Ora-pro-nóbis, é uma planta nativa da América do Sul, bastante popular no Brasil, especialmente em Minas Gerais. O nome vem do latim e significa "rogai por nós", pois a planta costuma crescer perto de muros de igrejas. É uma planta de fácil cultivo e muito resistente, com folhas verdes comestíveis que são ricas em nutrientes. Em algumas regiões, a planta é vista como uma "PANC" (Planta Alimentícia Não Convencional)(Lorenzi; Matos, 2008, Grandi, 2014).

Ilustração 8 - Pariparoba e Acerola



Fonte: Nunes (2023)

A pariparoba é uma planta medicinal nativa da América do Sul, muito encontrada em regiões do Brasil. Também conhecida como caapeba ou pariparoba, com folhas grandes, arredondadas e com textura macia, são utilizadas na medicina popular. Elas possuem um cheiro característico e são utilizadas na preparação de remédios caseiros. As flores são pequenas e discretas, o fruto é uma pequena baga. É usada para problemas digestivos, inflamações, diurético e problemas de fígado (Lorenzi & Matos,2008).

A acerola também conhecida como cereja-das-Antilhas, é uma fruta tropical originária da América Central, largamente cultivada no Brasil. Rica em nutrientes, especialmente vitamina C, ela tem conquistado cada vez mais popularidade por seus benefícios à saúde. A acerola é uma das frutas com maior concentração de vitamina C, e pode ajudar a diminuir o colesterol ruim, é anti-inflamatória, rica em fibra e melhora a digestão, importante para a saúde dos olhos (Lorenzi & Matos, 2008).

Além dessa variedade de plantas medicinais encontradas em seu quintal, ainda

relatou que quando precisa de outras, se desloca até o mercado municipal, ou nas bancas, nas ruas do setor central ou mesmo na feira do Jundiá. Esses são locais onde se encontra uma variedade de produtos, tais como: Barbatimão, douradinha; assa-peixe; sene, manacá, mamacadela, dentre outros produtos que só é possível encontrar visitando esses locais.

Quando estava para concluir a pesquisa, a C1 relatou, ainda, a receita de um xarope para gripe que ela mesma faz usando as ervas que tem em seu quintal e também algumas que ela as compra, que por sua vez, são encontradas em locais que comercializa.

Modo de fazer: Um quilo de açúcar queimado, um litro de água, 10 folhas de guaco, um punhado de folhas de assa-peixe, 02 limões cortado em cruz, folhas de hortelã baiano, um punhado de cravo, um punhado de canela. Primeiro, queima o açúcar, depois coloca a água e todos os demais ingredientes para ferver. Logo após ferver e o caldo tiver grosso, desliga o fogo e acrescenta alguns ramos de alecrim. Modo de Usar: Tomar uma colher de sopa três vezes ao dia (C1, 76 anos).

De acordo com a receita do xarope, a C1 comentou que a pessoa que faz o uso pode ter cura da bronquite e da pneumonia. Por ser remédio caseiro e natural, o uso deve ser diariamente, tomando uma colher de sopa de 3 a 4 vezes por dia.

Ao iniciar a entrevista com a C2, ela respondeu dizendo que tem 68 anos, residente em Anápolis há muitos anos, viúva e mãe de três filhos, veio de uma pequena cidade do interior de Goiás, compartilhou durante a entrevista que adquiriu seu conhecimento sobre o uso de plantas medicinais com sua mãe. Ela destacou a eficácia e o poder de cura que acredita serem quase "milagrosos" ao utilizar essas plantas. Em relação à sua prática atual, ela mencionou que ainda é possível encontrar essas plantas medicinais nas proximidades do bairro onde mora.

E ainda de acordo com C2, ela citou algumas plantas que usa sendo: chá de hortelã, que é bom para o estômago e má digestão; orégano, que é bom para gastrite e pressão alta; erva cidreira, calmante e relaxante; fava de sucupira, antibiótico natural e anti-inflamatório; casca de jatobá também é anti-inflamatório.

Demonstra um profundo conhecimento prático sobre essas plantas e seus usos, baseando-se em tradições passadas por sua mãe, ela ainda relata que tem preferência por medicamentos naturais porque são mais acessíveis; uns ela tem em seu próprio quintal, que ela chama de ervas medicinais; outros, que ela busca no mato perto da sua casa, ela chama de plantas medicinais, sendo elas: Pé-de-Perdiz, mamacadela, velame branco, algodãozinho, cagaita, murici, barbatimão e mais uma variedade de outras plantas.

Como está descrito no site da UFMG, plantas medicinais são aquelas utilizadas na preparação de remédios, e que milhares de espécie vegetal são usadas no preparo de remédios

caseiros em todo o mundo. Ervas medicinais são aquelas plantas que podem ser aromáticas ou mesmo de uso medicinal, por exemplo, a hortelã.

Durante a entrevista com a C2, ela descreveu, detalhadamente, o processo de preparação, e relata como ela faz a garrafada que ela mesma está usando para aliviar as dores, e as infecções. Durante a nossa conversa e de acordo com o questionário da entrevista, a C2 relatava as ervas que tem plantadas (Quadro 04), em seu quintal. Observei a variedade e ela descreveu, bem como a indicação de tratamento de doenças.

Modo de fazer: Uma garrafa de vinho branco (pode usar a marca que quiser), mas ela usa o moscatel branco, coloca um punhado de casca de romã, um punhado de casca de sucupira, e casca de jatobá, deixa curtir por um mês e começa a tomar.
Modo de usar: tomar uma colher de sopa três vezes ao dia (C2, 68 anos).

A C2 compartilhou detalhes sobre sua experiência com o uso da garrafada e suas percepções sobre a medicina tradicional em comparação com a medicina moderna:

Quadro 4 - Ervas Medicinais no quintal da C2

Nome Popular	Família	Nome Científico	Parte Usada	Indicação
Alfavaca	Lamiaceae	<i>Ocimum gratissimum L.</i>	Folha	Tosse, gripe, resfriado.
Guiné	Phytolaccaceae	<i>Petiveria alliacea L.</i>	Folha	Corta Tosse e expectorante.
Arruda	Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i>	Folha	Vermífugo, abortiva, cólica menstrual.
Alecrim	Lamiaceae	<i>Rosmarinus Officinalis L.</i>	Folha	Evita infarto, dor no peito
Manjerição	Lamiaceae	<i>Ocimum basilicum</i>	Folha	Ansiedade, depressão, tempero.
Poejo	Lamiaceae	<i>Mentha pulegium</i>	Folha	Cólica, tosse, recém-nascido.
Hortelã	Lamiaceae	<i>Mentha spicata</i>	Folha	Tosse, gripe, resfriado.
Erva Cidreira de Folha	Limaceae	<i>Melissa officinalis</i>	Folha	Calmante, ansiosa, relaxante.
Cana-de-macaco	Cactaceae	<i>Costus spicatus</i>	Folha	Diurética, cálculo renal.
Tanchagem	Plantaginaceae	<i>Plantago major L.</i>	Folha	Infecção urinária e infecção de útero.
Erva Santa Maria ou Mastruz	Amaranthaceae	<i>Dysphania ambrosioides</i>	Folha	Vermífugo.
Coentro do Pará	Apiaceae	<i>Coriandrum Sativum L.</i>	Folha	Prevenir o AVC e o infarto.
Carqueja	Asteraceae	<i>Baccharis trimera</i>	Folha	Tosse, gripe, resfriado.

Ora-pro-nóbis	Cactaceae	<i>Pereskia aculeata</i>	Folha	Imunidade baixa, gripe.
Hortelã Elevante	Lamiaceae	<i>Menta x villosa Huds</i>	Folha	Vermífugo.
Hortelã da Folha Gorda	Lamiaceae	<i>Plectranthus amboinicus (Lour.)</i>	Folha	Gripe, tosse.
Mentrasato	Lamiaceae	<i>Ageratum conyzoides</i>	Folha	Ansiedade, cólicas menstruais e depressão.
Uva	Vitaceae	<i>Vitis vinifera</i>	Fruta	Colesterol, fortalecimento das artérias.

Fonte: Dataplant /Reflora -Nunes (2023) organizado pela autora

As ervas medicinais estão por toda parte, e quando já estava quase finalizando a entrevista, foi fotografado algumas das muitas variedades que estão espalhadas em seu quintal, e as mesmas são plantadas em vasos, vasilhas velhas ou no chão (Ilustração 9e10).

É importante compreender que o saber popular surge da experiência cotidiana, observação direta e práticas transmitidas de geração em geração dentro de uma comunidade. Na maioria das vezes, oral, passando de pais para filhos e através das práticas culturais e tradições. Neste caso, podemos dizer que os consumidores de plantas medicinais fazem o uso por ser uma tradição muitas vezes de família.

Já o saber científico, por sua vez, é construído através do método científico, que envolve observação, experimentação. Este conhecimento é transmitido através de publicações acadêmicas, ensino formal e divulgação científica. Em resumo, enquanto o saber popular é um conhecimento enraizado na cultura e experiência cotidiana, o saber científico é construído a partir de métodos rigorosos e evidências verificáveis. Ambos têm valor e podem se complementar, contribuindo para um entendimento mais completo do mundo e para soluções mais eficazes em diversas áreas (Cunha, 2007).

Ilustração 9 Cana de Macaco-Hortelã-Coentro do Pará



Fonte: Nunes, (2023)

A Planta medicinal Cana de Macaco é uma planta perene, podendo atingir de 1 a 2m de altura. As folhas são alternas, membranáceas, com bainhas papiráceas de 25 a 40cm de comprimento e de 6 a 10cm de largura. As inflorescências são dispostas em espigas terminais, estrobiliformes, com brácteas vermelhas e flores rosadas. Indicada como depurativa, diurética, tônica. Usada também no combate a gonorréia, sífilis, nefrite, picada de insetos, irritação vaginal, e no tratamento da bexiga, diabetes e úlceras (Baracuhy, *et al.*, 2016).

O Hortelã, planta pequena, herbácea, aromática e rasteira, possui haste ramosa e quadrangular nas cores verde ou roxa purpúrea. As folhas são simples, arredondadas na base e ainda tem forte odor característico. As flores são pequenas e dispostas em espigas curtas e terminais de cores roxas e claras. Usada para diarreias, vermífugo e corrimento vaginal. É originária da Europa e aclimatada no Brasil (Baracuhy, *et al.*, 2016).

O coentro-do-Pará é uma planta herbácea que, geralmente, tem um crescimento rasteiro. Ao contrário de outras plantas que podem crescer verticalmente e atingir alturas consideráveis, o coentro-do-Pará se desenvolve de maneira mais horizontal, formando uma cobertura densa no solo. É tipicamente rasteiro e se espalha ao longo do solo, formando uma espécie de mato ou tapete vegetal. Isso o torna adequado para cobrir áreas e criar uma vegetação densa. Usos e benefícios: é utilizada na medicina tradicional para tratar várias condições, como problemas digestivos, dores e inflamações (Matos, 2012).

Ilustração 10 Arruda, Ora-pro-nóbis e Poejo



Fonte: Nunes, (2023)

Arruda é uma planta aromática, pequena, com altura de até 90 cm, e muito ramificada. Suas folhas são compostas, pinadas, de folíolos lisos e de cor verde azulada. As flores são pequenas, amareladas, produz óleo essencial amarelo-esverdeado, de sabor amargo e odor desagradável. Usada para sintomas menstruais, doenças do fígado, dor de ouvido,

verminose, inflamações, febre e câimbras. Não é recomendável para gestantes (Baracuhy, *et al.*, 2016).

Ora-pro-nóbis é uma planta suculenta, que pode crescer como um arbusto ou uma trepadeira, com ou sem espinhos. Essa da (ilustração 10, segunda imagem) não tem espinhos, suas folhas são ovais e podem ser verdes ou acinzentadas. A forma "sem espinho" é mais fácil de manejar. Produz flores pequenas e, geralmente, de cor rosa ou branca, que são bastante ornamentais e atraem polinizadores. Tem sido utilizada na medicina popular para tratar uma variedade de condições, incluindo problemas digestivos, inflamações e até mesmo como apoio na recuperação de doenças (Matos, 2014).

O Poejo é uma planta herbácea, perene, que cresce cerca de até 10 cm de altura. Tem folhas pequenas ovais e rasteiras com uma textura levemente rugosa e um aroma característico. Produz flores pequenas de cor roxa ou lilás. Originária da Europa, Ásia e partes da África do Norte, a planta também é cultivada em várias regiões do mundo, incluindo as Américas. O poejo é usado para aliviar problemas de gripes, resfriados, tosses, bronquites como expectorante (Grandi, 2014).

Após concluir a entrevista, conversamos ainda sobre como as doenças estão se manifestando nas pessoas. Não tem idade, são crianças, jovens e adultos, logo após o surto da doença do COVID 19, percebemos o aumento no uso de plantas medicinais, porque as pessoas querem se curar desse mal. Assim, estes saberes, que foram repassados oralmente através da ancestralidade, que na maioria são negros, e perpetuaram até os dias de hoje, estão caindo no esquecimento. Praticamente, o repasse destes saberes não está sendo passado para as futuras gerações devido à falta de políticas públicas que promovam a valorização e reconhecimento desses bens.

Ao iniciar a entrevista com a C3, esta que é uma consumidora regular de plantas medicinais, respondeu que tem interesse pela medicina natural e procuram sempre as bancas, locais de venda de variedade de plantas medicinais para cuidar da sua saúde. C3 valoriza o poder curativo das plantas e faz o uso de infusões de ervas, como a chá de calêndula para aliviar alergias na pele. Ela gosta de estudar e aprender sobre as diferentes propriedades das plantas, muitas vezes consultando livros especializados ou vendo vídeos no YouTube sobre a fitoterapia. C3 respondeu às perguntas da seguinte forma:

Sou uma mulher de 42 anos, casada, e mãe de um filho, católica, tenho ensino médio completo, uso plantas medicinais há 10 anos. Natural de Anápolis/Goiás, tenho preferência por medicamentos naturais porque acredito no poder que a planta possui. Uso algumas plantas medicinais como: Pé-de-Perdiz, usado para infecção; algodãozinho, infecção; velame branco, depurativo do sangue, e ainda faço uso de chás caseiro diariamente (fala da C3).

A Consumidora C3 prefere comprar as suas ervas na feira, local este que conhece há muitos anos e tem muitas variedades e opções (tem casca, pó, flores, folhas, frutos). Além de consumir, C3 cultivava algumas plantas medicinais em casa, como a “babosa e o alecrim”, que lhe permite ter acesso imediato a remédios caseiros. Ela acredita que o uso de plantas medicinais é uma forma de conectar com a natureza e de adotar um estilo de vida mais saudável e sustentável.

Agora, a entrevista é com C4, que é casado, eletricitista, católico, 55 anos, ensino médio incompleto, natural de Anápolis Goiás, e se interessa profundamente pelo cuidado com a saúde de forma natural. Recentemente, através de um amigo, começou fazer uso de plantas medicinais, confiando nas suas qualidades medicinais para tratar pequenos problemas de saúde.

Consome chás caseiros feitos a partir de plantas como: gengibre, que é anti-inflamatório; erva cidreira, calmante natural; guaco, gripe, tosse e resfriado. Relatou que passou a ter preferência por uso de plantas medicinais, e por isso, ele também faz uso de Viagra, um medicamento que o ajuda a lidar com questões relacionadas à saúde sexual. Os locais que compram esses produtos são as bancas do setor Central e no Mercado Municipal de Anápolis.

Iniciando a entrevista com a consumidora C5, ela respondeu que é casada, enfermeira, tem 32 anos de idade, é católica, natural de Goiânia-Goiás, e aprendeu a usar plantas medicinais com sua avó materna. Então, pedi para que ela me contasse um pouco e ela respondeu que sua avó teve um papel fundamental para o conhecimento que ela tem sobre as plantas medicinais.

Desde pequena, passava muito tempo com ela no jardim, aprendendo sobre as diferentes ervas que ela cultivava. Ela me ensinou sobre o uso de camomila, para acalmar o estômago, e o alecrim, para a memória. Essas lições não foram apenas sobre o uso das plantas, mas também sobre o cuidado e o respeito que devemos ter com a natureza.

Eu uso porque me faz bem, e desde pequena eu tomava chazinhos caseiros. Hoje faço uso de garrafadas preparadas para infecção e sempre compro em bancas do Mercado Municipal, e ainda compro outras como: a cavalinha, que se usa a folha, e serve como diurética; sucupira, usa a semente, é bom para infecção de garganta; barbatimão, usa a casca e serve como anti-inflamatório; camomila se usa a flor e é bom para o sono e é calmante. E ainda complementa dizendo que em seu quintal cultivava em vasos, a hortelã, o alecrim e erva cidreira e usa, diariamente, para fazer chás (fala da C5).

Neste capítulo, descobrimos a conexão entre o saber médico, o saber científico e o uso de plantas medicinais. Vimos como a medicina tradicional e a ciência moderna oferecem

perspectivas sobre o valor das plantas medicinais, refletindo tanto a sabedoria ancestral quanto as descobertas contemporâneas.

O cultivo de plantas medicinais em quintais nos conecta com a natureza, mas representa, também, uma prática que pode ser enriquecedora, tanto para a saúde física quanto mental. No caso, ao entrevistar os consumidores(as), ter um jardim de ervas medicinais em casa oferece a oportunidade de colocar em prática o conhecimento sobre as plantas, tendo em vista que ainda permite experimentar, diretamente, os benefícios de suas propriedades.

No próximo capítulo, examinaremos a trajetória das práticas dos raizeiros de Anápolis, seus conhecimentos sobre a comercialização de plantas medicinais. Analisaremos como o uso do território, não só influenciou o cultivo e a coleta de plantas medicinais, mas também, como essas práticas ajudaram a definir a identidade cultural da cidade.

CAPÍTULO 3 –O ESPAÇO DOS RAIZEIROS: RUAS, MERCADO E FEIRAS

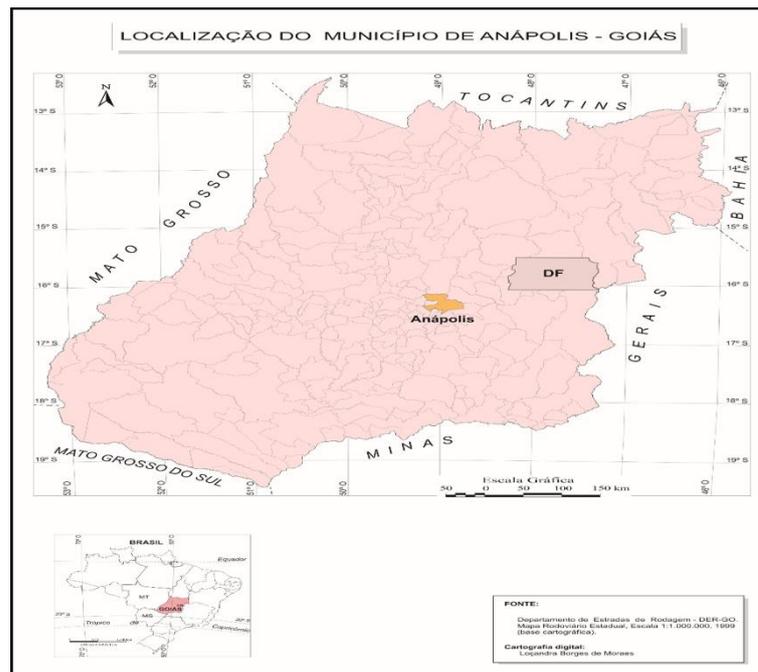
Medicina do Cerrado, ela é rica e poderosa, porque quase toda espécie tem uma ação milagrosa, curando muitas doenças, por ser medicamentosa.
(Antônio Alencar Sampaio)

Este capítulo apresenta o resultado da pesquisa realizada com os raizeiros(as) do setor Central e da feira. Os dados, aqui descritos, são baseados a partir de entrevistas orais com alguns dos possuidores do saber, pois os raizeiros(as) são conhecedores em diferenciar os ambientes do Cerrado, identificar suas plantas medicinais, coletar a parte medicinal da planta, diagnosticar doenças, preparar e indicar remédios caseiros. É importante também descrever a história da cidade de Anápolis, e assim compreender esse universo tão diverso, no qual estão inseridos esses raizeiros e raizeiras

3.1 Histórico da Cidade de Anápolis e o uso do território

O município de Anápolis, (Ilustração 11), localiza-se no estado de Goiás (região Centro-Oeste do Brasil). Está a 50 km da cidade de Goiânia (capital estadual) e a 150 km de Brasília (capital federal).

Ilustração 11 Mapa de Localização do Município de Anápolis-Goiás



Fonte:DER-GO (2022)

limpo, e foi aí que nos instalamos. (...) Foi nesse galpão que encontrei os mercadores de Araxá. Eles percorriam as fazendas levando cobertores, chumbo para caça e outros artigos, que trocavam por bois. O gado assim adquirido era posto a engordar nas excelentes pastagens de usa terra e depois vendidos aos mercadores da Comarca de S. João del. Rei, os quais, como já foi explicado em outro relato, vão todos os anos comprar bois no distrito de Araxá. O proprietário da Fazenda da Antas falou-me demoradamente sobre o missionário capuchinho que era então motivo de todas as conversas. Alguns sacerdotes protestavam contra a pressa exagerada com que o povo se dispôs a seguir o Padre Joseph, a se confessar com ele e a ouvir suas exortações. É bem verdade que os padres da região, quando subiam ao púlpito, pregavam a mesma doutrina que ele, mas seria necessário que tivessem a mesma conduta. A comparação entre eles e o missionário tinha feito desse digno sacerdote um profeta e um santo, capaz de fazer milagres. Afirmava-se ter ele predito que ia chover em agosto, o mês em que estávamos e me foi impossível convencer o meu hospedeiro que eu conhecia suficientemente o missionário, com que passara alguns dias, para ter certeza de que ele não poderia ter dito semelhante coisa (Saint-Hilaire, 1975, p. 15 e 16).

O relato do naturalista descreve como a população da região onde ele se hospedou tinha uma vocação comercial. Outro fato importante narrado foi como a religiosidade era presente no dia a dia daquela população.

Todos os anos as pessoas que residiam nessa região faziam festas em homenagem à Nossa Senhora Sant'Ana. As comemorações aconteciam na casa do Sr. Manoel Rodrigues da Silva. Hoje, esse local é a Igreja Santana. A presença da religião na vida dos moradores deu origem e explica o início da cidade (Azeredo filho, 1938).

Para entender sobre a dinâmica dos aspectos socioeconômicos e como foi esse processo é preciso voltar no tempo. A origem da cidade de Anápolis remonta ao início do século XIX, período em que o Brasil estava deixando de ser colônia de Portugal. As primeiras décadas que marcaram o início do povoado de Santana das Antas viram o Brasil viver momentos de crise econômica em meio à formação de sua identidade como nação (Fausto, 1995).

Para Rodrigues *et al.* (2017), um dos fatores mais importantes, que contribuiu para o surgimento do povoado de Santana, foi a sua localização geográfica estratégica, pois esse povoado estava próximo às principais cidades como Pirenópolis, Silvânia e Cidade de Goiás, no final do século XIX. Pode-se dizer que essa região era rota de passagem de tropeiros e caixeiros viajantes que saíam do litoral em direção às regiões mineradoras.

De acordo com Carlos (2001), o uso da terra ou do solo decorre das necessidades de sobrevivência do homem, sejam elas para produzir, consumir ou habitar. Neste sentido, Almeida e Freitas (1996) pontuam que esse uso pode ser agrícola, urbano ou industrial. A cobertura do solo, por sua vez, refere-se às estruturas constituídas na superfície, tendo em vista que os naturais podem ser a vegetação natural, os lagos e cursos d'água; quanto aos

produtos da ação antrópica, tem-se plantações perenes ou sazonais, solo descoberto, áreas pavimentadas, edificações ou mesmo lagos.

O crescimento demográfico e econômico e o posicionamento geográfico estratégico da cidade localizada no centro do país ocasionaram incentivos e fomentos municipais e estaduais à criação do Distrito Agroindustrial de Anápolis (DAIA). Implantado em meados da década de 1970, o DAIA abriga hoje um dos maiores polos farmacêuticos do Centro-Oeste brasileiro.

É de suma importância dizer que a cidade possui a sede da Universidade Estadual de Goiás (UEG), onde oferece vários cursos e centenas de vagas. E ainda existem diversas outras instituições privadas de ensino superior. Além de Anápolis ser considerada o polo das indústrias farmacêuticas, é ainda visto como o polo educacional. Com isso, Anápolis recebe diversos estudantes que vêm de outras cidades vizinhas para estudar.

O território é esta parcela do espaço, enraizada numa mesma identidade e que reúne sujeitos com o mesmo sentimento. A fronteira demarca o território, marca o espaço de sobrevivência e o espaço de coragem. Para Haesbaert (1997, p. 37):

Esta distinção entre território como instrumento do poder político e território como espaço de identidade cultural, instrumento de um grupo cultural e/ou religioso, é fundamental no mundo contemporâneo, dentro do debate entre universalistas e multiculturalistas (defensores do respeito às diferenças culturais) (Haesbaert, 1997, p. 37).

De acordo com o autor, o território ainda pode ser um lugar de ritual, espalhar valores e confrontar crenças.

O território deve ser visto na perspectiva não apenas de um domínio ou controle politicamente estruturado, mas também de uma apropriação que incorpora uma dimensão simbólica, identitária e, porque não dizer, dependendo do grupo ou classe social a que estivermos nos referindo, afetiva (Haesbaert, 1997, p.41).

Território é um novo modelo que responde certo número de funções geográficas, sociais e políticas que se insere no universo da memória, das reproduções e dos valores. Santos (1996) entende território como sendo uma configuração territorial definida historicamente, área e ou porção do espaço, Estado-nação e conjunto de lugares com uma constituição material. Acerca disso diz que:

A configuração territorial é dada pelo conjunto formado pelos sistemas naturais existentes em um dado país ou numa dada área e pelos acréscimos que os homens superimpuseram a esses sistemas naturais. A configuração territorial não é o espaço, já que sua realidade vem de sua materialidade, enquanto o espaço reúne a materialidade e a vida que a anima (Santos, 1996, p.51).

O espaço contém o território moldado, configurado, o território compreende aos complexos naturais e às construções e também obras feitas pelo homem tais como estradas,

plantações, fábricas, casas, cidades etc. O território é construído, historicamente, cada vez mais, como negação da natureza natural. A materialidade do território é, assim, definida por objetos que têm uma gênese técnica e social, juntamente com um conteúdo técnico e social. Assim, Santos (2002, p.96), ainda relata

O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. Quando se fala em território, deve-se, pois, de logo, entender que se está falando em território usado, utilizado por uma dada população (Santos, 2002, p.96).

Há porções de territórios com objetos e ações. Santos (1996, p.271) denomina de “territórios locais normativos” e para entender o território é preciso recortar o espaço. Para entender o espaço em que se encontra localizado os raizeiros(as), é necessário compreender o território ao qual está inserido.

Rogério Haesbaert (2005) conceitua o território desde sua origem, trabalhando as concepções etimológicas, próprias do cerne de seu significado:

(...) “o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois, etimologicamente, aparece tão próximo de terra-territorium quanto de térreo-território(terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente, para aqueles que, com esta dominação, ficam alijados da terra, ou no ‘territorium’ são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por extensão, podemos dizer que, para aqueles que têm o privilégio de usufruí-lo, o território inspira a identificação (positiva) a efetiva ‘apropriação’” (Haesbaert, 2005, p.6775 anais).

Assim, para Haesbaert (2005), território teria dois significados. O primeiro estaria relacionado à questão própria do poder político e, a outra, ao sentido de dominação, de apropriação. O autor entende que apropriar-se de um determinado espaço seria vivê-lo, construí-lo, relacionando-o.

Um dos autores precursores na abordagem do território foi Claude Raffestin (1993). Merece destaque na sua obra o caráter político do território, bem como a sua compreensão sobre o conceito de espaço geográfico, pois o entende como substrato, um palco pré-existente ao território. Nas palavras do autor “é essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território”.

O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente [...] o ator “territorializa” o espaço (Raffestin, 1993, p.143).

Dentro do ponto de vista destacado pelo autor, o território é tratado, sobretudo, com destaque político-administrativo, isto é, como o território nacional, espaço físico onde se

localiza uma nação; um espaço onde se delimita uma ordem jurídica e política; um espaço medido e marcado pela importância do trabalho humano com suas linhas, limites e fronteiras.

3.2 As Práticas dos Raizeiros(as) no setor Central e nas feiras em Anápolis-Goiás

Os atendimentos realizados pelos raizeiros se dão, geralmente, no próprio local em que vendem as raízes. Os preparos de alguns medicamentos são feitos em sua própria residência. Conforme a especialidade do raizeiro, ele pode receitar um remédio pronto, dar a receita para a pessoa preparar o remédio em casa, ou ainda, entre outras coisas, indicar dietas e banhos.

Como ressalta as autoras Dias e Laureano (2009), a medicina popular é um começo de cura utilizado pelo povo para o tratamento de seus diversos males. A sua prática é baseada no conhecimento tradicional, no uso de diversos recursos como remédios caseiros, dietas alimentares, banhos, benzimentos, orações, aconselhamentos, aplicação de argila, entre outros.

Os raizeiros, por sua vez, são geralmente filhos, netos que aprendem desde cedo a conhecer e identificar as plantas medicinais e conhecer seus benefícios, e alguns aprendem sozinhos no contato dia a dia com as pessoas. Durante o trabalho de campo no setor Central, iniciando pela Rua Rui Barbosa, depois Mercado Municipal e Praça Americano do Brasil, foi possível identificar bancas que comercializam plantas medicinais, sendo elas embaladas por eles mesmos, e ainda tem as que já chegam embaladas.

Somente cinco raizeiros quiseram responder o questionário e também pediram para não serem identificados, deixando, porém, fotografar algumas folhas, raízes, e cascas que são comercializadas por eles. Plantas e remédios internacionais também foram citados. São conhecidos e bastante procurados. Algumas da Bolívia e Peru, mas, a maioria comercializada chega dos biomas brasileiros, com destaque para o bioma do Cerrado, sendo trazidas pelas distribuidoras. A primeira raizeira entrevistada dar-se-á a denominação de R1, como foi dito, anteriormente, ela preferiu que não fosse divulgado o seu nome, mas respondeu o questionário conforme descrito abaixo:

Tenho 44 anos, sou evangélica, nasci em Alvorada do Norte, comercializo plantas há 25 anos, aprendi este ofício com o meu sogro. Eu não vou no mato buscar essas plantas, porque, em sua maioria, já vem embaladas e vem de outros estados, como Bahia, Minas Gerais dentre outros, e há ainda outras que eu mesmo embalo em saquinhos de plásticos transparentes, e a maioria já chegam secas (Fala da R1).

No (Quadro 05) está descrito as principais plantas que são mais procuradas pelos consumidores todos os dias na banca do raizeiro R1.

Quadro 5 Descrição das plantas comercializadas pela R1

Nome Popular	Família	Nome Científico	Parte Usada	Indicação
1-Espinheira Santa	Celastraceae	<i>Maytenus ilicifolia</i>	Folha	Gastrite, azia, queimação.
2-Camomila	Asteraceae	<i>Matricaria chamomilla L</i>	Flor	Calmante para dormir.
3-Douradinha	Malvaceae	<i>Waltheria Communis</i>	Folha	Rins, infecção urinária.
4-Pau Tenente	Simaroubaceae	<i>Quassia amara L.</i>	Casca	Diabete, Colesterol, gordura no fígado.
5-Cavalinha	Equisetaceae	<i>Equisetum L</i>	Folha	Diurética, infecção de urina.
6-Sucupira	Fabaceae	<i>Pterodon emarginatus</i>	Semente	Infecção de garganta.
7-Senne	Fabaceae	<i>Senna alexandrina</i>	Folha	Para intestino.
8-Assapeixe	Asteraceae	<i>Vernonanthura polyanthes</i>	Folha	Bronquite, pneumonia, tosse.
9-Alecrim	Lamiaceae	<i>Rosmarinus Officinalis L</i>	Folha	Calmante, queda de cabelo.
10-Barbatimão	Fabaceae	<i>Stryphnodendron Mart</i>	Casca	Cicatrizante, anti-inflamatório, infecção.
11-Uxi-Amarelo	Humiriaceae	<i>Endopleura</i>	Casca	Cisto, mioma infecção.
12-Algodãozinho	Apocynaceae	<i>Asclepias Curassavica L</i>	Batata	Cicatrizante, inflamação de útero e ovário.
13-Amburana	Fabaceae	<i>Amburana Cearensis</i>	Casca/Semente	Gases e cólicas.
14-Quina	Solanaceae	<i>Sploanium Pseudoquina</i>	Casca	Anemia, apetite, amarelão.
15-Guatambu	Apocynaceae	<i>Apisdosperna duckei Huber</i>	Casca	Diabete, colesterol.
16-Pacari	Lythraceae	<i>Lafoensia pacari</i>	Folha	Rins e urina.
17-Hibisco	Malvaceae	<i>Hibiscus L.</i>	Flor	Diurético, para emagrecer.
18-Juá Verdadeiro	Rhamnaceae	<i>Ziziphus joazeiro Mart.</i>	Casca	Queda de cabelo e clarear os dentes.

Fonte: Dataplant/Reflora - Nunes (2023), organizado pela autora.

Durante a entrevista, R1 ainda diz que prepara várias garrafadas, sendo elas: para reumatismo; fraqueza sexual; infecção e que todas são preparadas e curtidas no vinho branco. O local considerado de grande importância para a aquisição de plantas medicinais são os quintais. Muitas são cultivadas diretamente no chão, ou em canteiros, baldes, bacias e latas velhas, e vasos. No seu quintal ela tem a carqueja, que serve para estômago, fígado e diabetes, e tem também, a babosa, que serve para queda de cabelo, hemorroidas e infecções interna e externas.

Na (ilustração 13), primeira imagem podemos observar a diversidade de plantas medicinais, sendo cascas, folhas, raízes que são comercializadas pelas R1, e outras foram citadas, de acordo com a segunda imagem, estas já chegam embaladas pelos fornecedores.

Ilustração 13-Variades de plantas medicinais embaladas



Fonte: Nunes, (2023).

Continuando com as entrevistas, desta vez será a vez da segunda raizeira R2. Ela é muito simpática e concordou em responder o questionário, mas pediu para não divulgar a sua imagem. Segue o relato abaixo:

Tenho 58 anos, solteira e sou da cidade de São Miguel do Araguaia, católica, e trabalhado com plantas medicinais há mais de 30 anos. Aprendi este ofício com meu avô materno, criei meus filhos vendendo plantas. Quando eles eram pequenos, eu os trazia todos os dias comigo, colocava eles para dormir debaixo da barraca de raízes, aqui eles brincavam e passava o dia; depois foi crescendo, e daí tive que colocar eles na escola. Hoje já são adultos, as plantas chegam aqui para serem embaladas e todas são naturais. Antigamente, eu mesma ia no mato para colher as folhas, cascas e raízes, mas hoje em dia não consigo buscar (Fala da R2).

Durante a entrevista, a R2 descreveu algumas plantas que ela comercializa em sua banca, além de outros produtos e que todos os dias algum consumidor procura para comprar. No Quadro 6 consta a descrição do que ela relatou.

Quadro 6 Descrição das plantas comercializadas pela R2

Nome Popular	Família	Nome Científico	Parte Usada	Indicação
1-Barbatimão	Fabaceae	<i>Stryphnodendron Mart</i>	Casca	Anti-inflamatório, infecção.
2-Cavalinha	Equisetaceae	<i>Equisetum</i>	Folha	Retenção de Líquido, Rins.
3-Arnica	Asteraceae	<i>Jungia Floribunda Less</i>	Caule	Anti-inflamatório.
4-Douradinha	Malvaceae	<i>Waltheria Communis</i>	Folha	Infecção urinária.

5-Congonha de Bugre	Cardopteridaceae	<i>Citronella mucronata</i>	Folha	Mal circulação e pressão alta.
6-Espinheira Santa	Celastraceae	<i>Maytenus ilicifolia</i>	Folha	Úlcera, Gastrite e refluxo.
7-Mamacadela	Moraceae	<i>Brosimum gaudichaudii</i>	Casca	Depurativo do sangue, vitiligo.
8-Rabo de Tatu	Orchidaceae	<i>Cryptopodium andersonii</i>	Raiz	Estômago, dor de cabeça.
9-Casca Sagrada	Rhamnaceae	<i>Rhamnus purshiana</i>	Casca	Intestino preso.
10-Casca de Jatobá	Fabaceae	<i>Hymenaea courbaril L</i>	Casca	Infecção de próstata.

Fonte: Dataplant/Reflora –Nunes, (2023), organizado pela autora.

Após a descrição das plantas, R2 ainda conseguiu descrever espécies que possuem em seu quintal como erva cidreira, carqueja, ora-pro-nóbis, açafraão, dentre outras que não se lembrava no momento. Na (Ilustração 14) se observa a banca na qual a R2 comercializa uma variedade de produtos.

Ilustração 14 Banca da R2-Local de venda

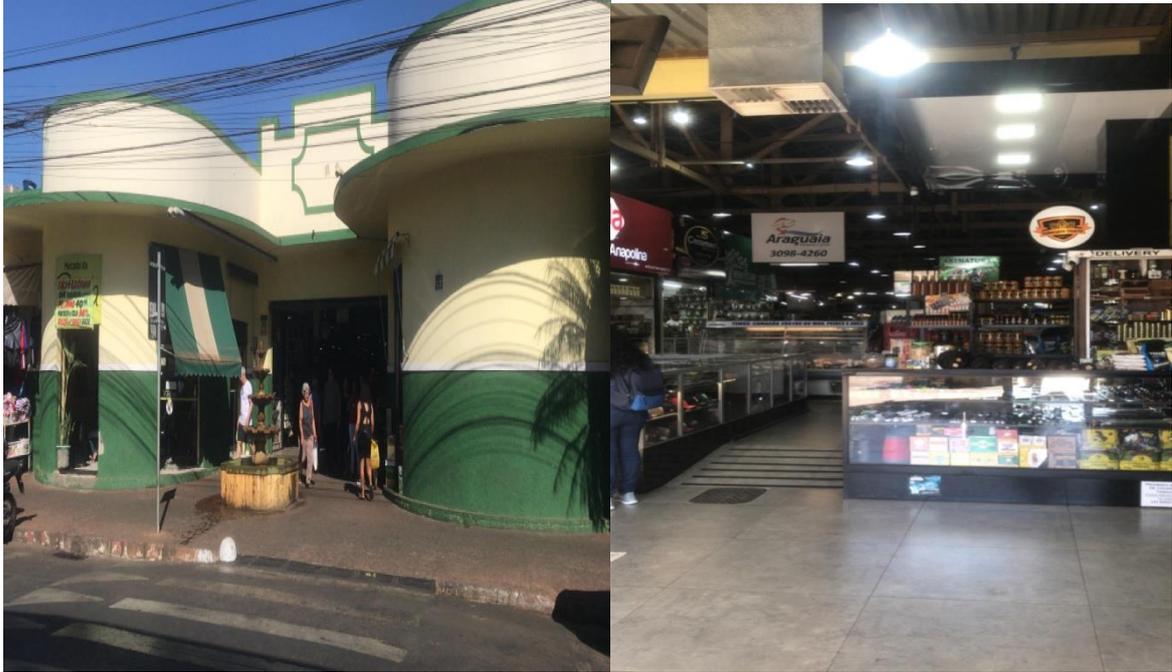


Fonte: Nunes, (2023)

R2 menciona que o conhecimento sobre as plantas pode ser multiplicado observando os ensinamentos passados de geração em geração, leitura de alguns livros sobre a planta e também o lidar, diariamente, vai aprendendo para qual finalidade cada planta pode ser usada.

Outro local onde as entrevistas foram realizadas foi no Mercado Municipal Carlos de Pina. Este, foi fundado em 25 de dezembro de 1951. No ano de 1984, foi tombado como patrimônio histórico (Anápolis, 2022). Na ilustração 15 encontra-se a fachada da entrada na rua General Joaquim Inácio, e início da entrada do mercado.

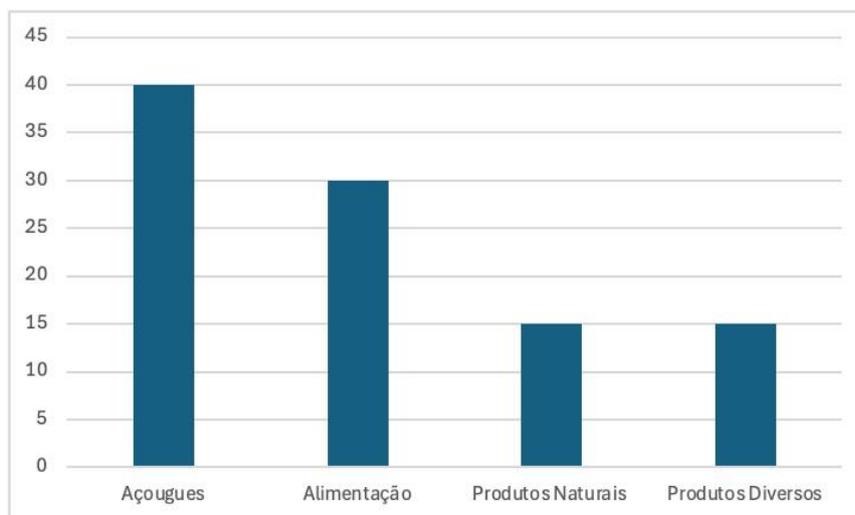
Ilustração 15 Mercado Municipal de Anápolis



Fonte: Nunes, (2024).

Nas dependências do mercado consta 108 comerciantes atuando, sabe-se que passa por lá, em média, 1,5 mil pessoas diariamente. De acordo com a Ilustração 16, os produtos mais procurados são: carnes, frios e laticínios (40%), seguidos pela alimentação (30%), os produtos naturais (15%), e por fim, os diversos produtos (15%) (Anápolis, 2022).

Ilustração 16 Distribuição do Comércio no Mercado Municipal



Fonte: Anápolis, (2022) adaptado pela autora Nunes, (2023)

Dentre os variados tipos de comércio localizados no Mercado Municipal, é

perceptível a variedade de produtos que são comercializados naquele espaço. A entrevista foi realizada somente com dois raizeiros que disponibilizaram de seu tempo para responder as perguntas referentes às práticas realizadas no local. O Raizeiro denominado de R3 aceitou responder as perguntas do questionário:

Tenho 49 anos, sou evangélico, praticamente sou raizeiro desde que nasci e aprendi tudo com meu pai. Me lembro que quando tinha 04 anos de idade, meu pai já me levava para o cerrado para colher as plantas medicinais e, assim fui aprendendo sobre o benefício de cada planta em relação ao tratamento de doenças (Fala do R3).

O raizeiro dividiu em três grupos de plantas medicinais as mais comercializadas em sua banca. Das várias plantas, ele relatou as mais procuradas todos os dias (Quadro 07), e ainda completou que as mais procuradas são as plantas para a impotência sexual, seguido da (Quadro 08), que são as plantas para engravidar e (Quadro 09), são para a depressão e acrescentou dizendo que a depressão é o mal do século, principalmente, depois da pandemia do COVID 19.

Quadro 7 Plantas Mediciniais para Impotência sexual

Nome Popular	Família	Nome Científico	Parte Usada	Indicação
1-Catuaba	Bignoniaceae	<i>Anemopaegma Mirandu</i>	Casca	Afrodisíaco.
2-Pau de Tenente	Equisetaceae	<i>Equisetum L</i>	Folhas e cascas	Anemia, apetite sexual.
3-Castanha de Baru	Fabaceae	<i>Dipteryx alata Vogel</i>	Castanha	Viagra Natural.

Fonte: Dataplant/Reflora – Nunes, (2023) organizado pela autora.

Quadro 8 Plantas Mediciniais para Engravidar

Nome Popular	Família	Nome Científico	Parte Usada	Indicação
1-Pé de Perdiz	Euphorbiaceae	<i>Croton antisyphiliticus Mart</i>	Raízes e folhas	Infecções do útero e ovário e depurativo do sangue.
2-Algodãozinho	Apocynaceae	<i>Asclepias Curassavica L</i>	Raízes	Cicatrizante, inflamação no útero e ovário.
3-Velame Branco	Euphorbiaceae	<i>Croton Fuvus Martius</i>	Raízes	Purgante, vermífugo.
4-Uxi Amarelo	Humiriaceae	<i>Endopleura</i>	Casca	Cisto, mioma, infecção.
5-Unha de Gato	Rubiaceae	<i>Uncaria tomentosa</i>	Casca, folhas e raízes	Anti-inflamatório; distúrbios menstruais.
6-Barbatimão	Fabaceae	<i>Stryphnodendron Mart</i>	Casca	Anti-inflamatório, infecção.

Fonte: Dataplant/Reflora – Nunes, (2023) organizado pela autora

Quadro 9 Plantas Medicinais para Depressão - Fitoterápicos

Nome Popular	Família	Nome Científico	Parte Usada	Indicação
1-Passiflora	Passifloraceae	<i>Passiflora</i>	Folhas e talos	Ansiedade, agitação.
2-Valeriana	Caprifoleaceae	<i>Valeriana Officinalis</i>	Raízes	Ansiedade, estresse.
3-Ginkgo obo	Ginkgoaceae	<i>Ginkgo biloba</i>	Folhas	Memória e Alzheimer.

Fonte: Dataplant/Reflora –Nunes, (2023) organizado pela autora.

O Raizeiro R3 ainda relatou que prepara garrafadas. Quando a pessoa vai ao local e conversa com ele sobre o que realmente precisa, ele já prepara, e citou algumas das quais ele faz, sendo garrafada para anemia, infecção de urina, para engravidar, e impotência sexual e uma variedade de outros preparos que são procuradas, diariamente, em sua banca. Na entrevista, ele diz que não tem em seu quintal nenhuma planta que vende no mercado.

Após a entrevista, foi possível verificar a quantidade de plantas medicinais (folhas, cascas, flores e raízes) que são comercializadas, e que a cada minuto chega consumidor com queixa, sendo dor ou outro motivo. Nas (Ilustrações 17 a 19) pode-se perceber a quantidade de plantas medicinais que existe em sua banca, e logo após a entrevista, foi fotografado alguns produtos expostos para a venda, sendo eles embalados e outros, encontram-se a granel, ou seja, estão soltos. Essa grande variedade permite ao usuário acesso em um lugar centralizado.

Ilustração 17 Vergateza, Pé-de-perdiz e Barbatimão



Fonte: Nunes, (2023).

A Vergateza é originária do Paraná, e a planta é recomendada para impotência sexual, como tônico poderoso, energético e estimulante do sistema nervoso, insônia e falta de

memória (Carlini & Frochten, 1988). Os raizeiros citam dois tipos, A pé de perdiz lisa e a peluda, sendo que elas têm o mesmo valor medicinal, tendo em vista que o uso da lisa é para a mulher e, o uso da peluda é para o homem. Floresce entre os meses de maio e novembro e contém frutose sementes. As partes usadas para a preparação de remédios caseiros são as folhas e as raízes frescas ou secas (Dias & Laureano, 2009).

O barbatimão ou babatimão é uma árvore de quase 3 a 5 metros de altura. A casca do tronco é marrom escura, grossa, cascuda, enrugada e guarda umidade. A parte de fora da casca apresenta rachaduras. A época da floração é na primavera, entre os meses de setembro, outubro e novembro. Por ser uma planta forte, é usada a entrecasca seca em pequenas quantidades no preparo de remédios caseiros. Pode ser usado como cicatrizante de feridas da pele, gastrite, úlcera, infecção no útero, corrimento vaginal, coceira e sangramento proveniente de extração de dente (Dias & Laureano, 2009).

Ilustração 18 Douradinha, Jatobá, Algodãozinho



Fonte: Nunes, (2023).

A Douradinha do Campo dá semente somente uma vez ao ano, são rugosas e amareladas. É uma herbácea, de caule quadrangular, o qual mede quase 10 cm de altura, cheia de ramos desde a base, com flores azul-purpúreo, usada para o reumatismo, cólicas renais, pressão, tosse, bronquite, tumores, sífilis etc. É originária da África, da Ásia, Austrália e em quase todo o mundo (Lainetti & Britto, 1980).

Jatobá, árvore nativa do Brasil de grande porte, pode ser encontrada na Amazônia, Mata Atlântica e Cerrado, possui flores brancas grandes, e os frutos são legumes que mede, em média, 13 cm de comprimento e tem a cor marrom escura. A casca é conhecida por suas propriedades medicinais e utilidade na medicina popular, especialmente na América Latina e nas regiões tropicais, e sua casca tem sido usada por comunidades indígenas e rurais há

séculos, empregada na forma de infusões, chás ou tinturas. São usados para os sistemas digestivo e respiratório, tratar feridas e infecções da pele (Grandi, 2014).

O algodãozinho é uma planta de talos compridos, brota uma batata que se parece com a mandioca ou mesmo com a batata doce. Os raizeiros afirmam que existem dois tipos de algodãozinho: o branco e o roxo. A casca do talo é fina, áspera, de cor marrom-avermelhada e possui saliências, parecidas com verrugas. A cor do talo do algodãozinho roxo é mais avermelhada e do algodãozinho branco é mais amarelada. As folhas, tanto do branco quanto do roxo, são iguais e parece com folhas do algodão de quintal. As flores são semelhantes, e floresce a partir do mês de maio e até o mês de setembro. As flores são amarelas com pequenas manchinhas vermelhas e não possuem cheiro. Os primeiros frutos aparecem, geralmente, no mês de julho, e continuam nascendo até o mês de setembro, e suas sementes são pequenas (Dias & Laureano, 2009).

Ilustração 19 Imburana, Mamacadela e variedade de plantas embaladas



Fonte: Nunes(2023).

Saint-Hilarie, em suas viagens pelas províncias do Rio de Janeiro e Bahia, descreveu a imburana com tronco geralmente inclinado, coberto de um córtex arruivado, que se destaca aos pedaços e deixa ver, por espaços, a nova casca, cuja cor é de um bonito verde. Como essas diversas árvores estavam sem folhas, quando as observei, não pude determinar a que família pertence (Sant-Hilarie, 1875).

Mamacadela, pequena árvore com raízes de cor vermelha, podem atingir até 8m em Goiás e Tocantins, suas flores são amarelas, fruto amarelo alaranjadas, com poupa carnoso, muito doce, é usada como depurativo do sangue, gripe, bronquite, circulação, vitiligo, coração e cérebro. Para as crianças não deve ser curtido no vinho, somente em chás (Grandi, 2014).

Ao final, R3 disse que a transmissão dos saberes sobre o conhecimento dessa

prática diz que é passado de geração em geração, mas que deveria ter investimento e apoio do Governo para manter essa tradição que tanto ajuda, e que ele acredita na cura através do uso dessas plantas medicinais.

Desta vez a entrevista foi o jovem conhecedor das raízes que denominei de Raizeiro 4, ou seja, R4. Após uma longa conversa em sua banca no Mercado Municipal, entre um atendimento de cliente e outro, fiz perguntas de acordo com as normas da entrevista, e ele respondeu:

Sou evangélico, tenho 28 anos, casado, e trabalho com plantas medicinais há mais de 20 anos. Este ofício de ser raizeiro aprendi com meu bisavô, meu avô, e meu pai, etambém com meus tios. Algumas plantas que são vendidas na minha banca, eu vou no mato colher, mas a maioria vem de outros estados como Bahia, Minas Gerais, Mato Grosso e etc. (Fala Raizeiro R4).

E ainda relatou que muitas vêm de fora do país, porém não citou qual seria essa planta. Outras podem ser encontradas no interior de Goiás, como, por exemplo, em Planalmira, que tem diversidade de plantas como algodãozinho, manacá, pacajá, jatobazinho do campo, pé-de-perdiz, dentre outras tantas que podem ser encontradas naquela região. Foi possível ainda identificar os mais variados tipos de garrafadas preparadas pelo R4 (Ilustração 20), sendo elas: Coquetel do Cerrado; Viagra Natural; Ervas do Cerrado; Amargo do Cerrado dentre outras.

Ilustração 20 Garrafadas preparadas pelo R4



Fonte: Nunes, (2023).

No (quadro 10), podemos identificar as principais plantas que R4 descreveu, relatando o nome popular, a parte que usa da planta e qual a sua indicação. Já finalizando a entrevista, perguntei ao R4 se ele cultivava algumas plantas em seu quintal, e ele descreveu que

tem erva cidreira; carqueja; insulina; ora-pro-nóbis; açafão, das quais ele que cultiva em canteiros no chão, em latas e bacias. O ofício de ser raizeiro, conhecer a planta e ir ao campo é tradição, mas que, com as novas tecnologias, pode ser pesquisado via internet e ainda ler livros relacionados ao uso.

Quadro 10 Descrição de Plantas Comercializadas pelo R4

Nome Popular	Família	Nome Científico	Parte Usada	Indicação
1-Assapeixe	Asteraceae	<i>Vernonanthura polyanthes</i>	Folha	Gripe, bronquite e tosse.
2-Algodãozinho	Apocynaceae	<i>Asclepias Curassavica L</i>	Batata	Cicatrizante, inflamação de útero e ovário.
3-Douradinha	Rubiaceae	<i>Palicourea coriacea</i>	Folha	Infecção de urinária.
4-Arnica	Asteraceae	<i>Jungia Floribunda Less</i>	Talo	Antibiótico; anti-inflamatório e doenças crônicas.
5-Ipê Roxo	Bignoniaceae	<i>Handroanthus Albus</i>	Casca	Tratamento do Câncer.
6-Barbatimão	Fabaceae	<i>Stryphnodendron Mart</i>	Casca	Anti-inflamatório, infecção e cicatrizante.
6- Quina	Rubiaceae	<i>Sploanium Pseudoquina</i>	Casca	Queda de Cabelo.
7- Guago	Asteraceae	<i>Mikania glomerata</i>	Folha	Tosse, asma, bronquite e tosse.
8-Mamacadela	Moraceae	<i>Brosimum gaudichaudii</i>	Folhas, casca e raiz	Depurativo do sangue e vitiligo.
9-Canela de Ema	Velloziaceae	<i>Vellozia Squamanta</i>	Caule	Dor na Coluna e Reumatismo.

Fonte: Re flora/Dataplant – Nunes, (2023) - organizado pela autora.

As plantas medicinais que comercializa em sua banca, 50% são verdes e 50% são desidratadas. Algumas, ele mesmo colhe e embala, e outras já compram embaladas para revender. Em sua banca é possível ver a quantidade de outros produtos que comercializa, são várias marcas que ali se encontra, úteis para diversos tipos de doenças de quem os procura todos os dias. As (ilustrações 21 e 22), R4, diz que na sua banca, encontra uma vasta seleção de plantas medicinais, cuidadosamente selecionadas e embaladas para garantir que mantêm todas as suas propriedades naturais. Cada planta tem os seus benefícios únicos.

Ilustração 21 Arnica, Quina, Canela de Ema



Fonte: Nunes, (2023).

Ilustração 22 Disposição de plantas medicinais em comércio popular para venda



Fonte: Nunes, (2023)

A arnica brasileira, também conhecida como arnica do mato, é uma planta medicinal nativa do Brasil e da América do Sul, embora seja chamada de "arnica", não pertence ao mesmo gênero da arnica montana, que é a espécie europeia mais conhecida. No entanto, ambas compartilham propriedades medicinais semelhantes, especialmente no tratamento de dores e inflamações. Arnica brasileira é uma planta muito valorizada na fitoterapia tradicional e continua a ser objeto de estudos científicos para entender melhor suas propriedades e potenciais aplicações terapêuticas, é uma planta herbácea, de caule ereto e

robusto, que pode atingir até 1,5 metros de altura. Suas folhas são em formato de lança, verdes e ásperas. As flores são pequenas, de cor amarela (Matos, 2007).

A quina é uma planta medicinal conhecida por suas propriedades antimaláricas e febrífugas, e seu uso remonta há séculos, nativa das regiões tropicais das Américas, especialmente das áreas montanhosas da América do Sul. Existem várias espécies de quina e ela pode atingir de 5 a 15 metros de altura; suas folhas são opostas, ovais e grandes, de cor verde brilhante. Produz flores pequenas, de cor branca ou rosa, organizadas em cachos. A casca do tronco é o principal componente medicinal, usada no tratamento da malária, foi o primeiro tratamento eficaz conhecido contra essa doença, além disso, reduz a febre e é analgésica (Matos, 2007).

A Canela de Ema é um arbusto com caule coberto por bainhas de folhas velhas, sendo elas simples, com flores solitárias, com pétalas lilases, frutos secos, usa-se como anti-inflamatória, e picadas de cobras (Severino *et al.*, 2021). Na época da queimada do Cerrado, essa é uma planta que resiste.

A pesquisa é importante para conhecer a história desses raizeiros espalhados pela cidade de Anápolis. Agora, partindo para nova entrevista, o local é a praça Americano do Brasil, denominada de praça do avião, localizada em frente ao terminal urbano de Anápolis, e quem passa por este local pode notar a presença de uma Kombi, que ali está há muitos anos.

Ao iniciar a entrevista com o raizeiro 5, denominado de R5, tivemos uma longa conversa e durante as respostas do questionário, R5 respondeu:

Nasci na cidade de Ariclemes, no estado de Rondônia. Sou casado, evangélico, tenho o ensino médio completo, e exerço a profissão de raizeiro já tem seis anos. Apreendi com meu amigo, que é o dono da Kombi, as plantas vêm de vários locais, do estado de Goiás, sendo que algumas, o dono da banca que colhe no Cerrado; outras vem do Pará, Bahia, Minas Gerais, Amazonas etc., a maioria das raízes, folhas e cascas, nós que embalamos em sacos plásticos transparente (Fala do R5).

E ao responder de que forma o conhecimento sobre as plantas pode ser multiplicado, ele disse que lendo livros sobre plantas, e que o uso, também, é uma forma de multiplicar o conhecimento, e trabalhando com o comércio de raízes aprende com o usuário. Durante a entrevista, chega os usuários a procura de alguma planta medicinal, sendo que uns queriam informações sobre alguns produtos, e outros já sabiam o que queriam, e outros chegavam indicados por alguém, que já faz o uso das plantas medicinais. Na (ilustração 23), observa-se a variedade de plantas medicinais que são comercializadas.

Ilustração 23 Plantas Comercializadas pelo R5



Fonte: Nunes (2024).

Ao descrever as principais plantas medicinais comercializadas e para qual finalidade que cada uma é usada, ele relatou conforme o (quadro 11), o nome popular e qual as pessoas perguntam sobre a determinada planta, R5, fez uma descrição detalhadas de algumas plantas medicinais que são comercializadas em seu ponto de venda,

Quadro 11 Plantas comercializadas na Kombi do R5

Nome Popular	Família	Nome Científico	Parte Usada	Indicação
1-Assapeixe	Asteraceae	<i>Vernonanthura polyanthes</i>	Folha	Gripe, bronquite e tosse.
2-Casca Sagrada	Rhamnaceae	<i>Rhamnus purshiana</i>	Casca	Fígado, digestão e regular o intestino.
3-Pau Tenente	Equisetaceae	<i>Equisetum L</i>	Casca	Serve para diabete.
4-Mulungu	Fabaceae	<i>Erythrina Ulei Harns</i>	Casca	Insônia e calmante.
5-Congonha de Bugre	Vochysiaceae	<i>Vochysia Rucanarum Mart</i>	Folha	Circulação, coração e pressão.
6-Barbatimão	Fabaceae	<i>Stryphnodendron Mart</i>	Casca	Anti-inflamatório, infecção e cicatrizante.
7-Douradinha	Rubiaceae	<i>Palicourea coriacea</i>	Folha	Infecção urinária.
8- Guago	Asteraceae	<i>Mikania glomerata</i>	Folha	Tosse, asma e bronquite.
9-Mamacadela	Moraceae	<i>Brosimum gaudichaudii</i>	Casca	Depurativo do sangue e vitiligo.
10-Cragiru	Bignoniaceae	<i>Arrabidaia Chica</i>	Folha	Infecção de rins, bexiga e urina.
11-Erva Santa Maria	Amaranthaceae	<i>Dysphania ambrosioides</i>	Folha	Inflamação e vermífugo.
12-Sene	Fabaceae	<i>Senna alexandrina</i>	Folha	Regulador de intestino.

13-Quebra Pedra	Phyllanthaceae	<i>Phyllanthus acutifolius</i>	Folha	Infecção e para os rins.
14-Espinheira Santa	Celastraceae	<i>Maytenus ilicifolia</i>	Folha	Gastrite, ânsia, refluxo e infecção de urina.
15-Ibisco	Malvaceae	<i>Hibiscus</i>	Flor	Diurético e para emagrecer.
16-Alfazema	Lamiaceae	<i>Lavandula dentata L</i>	Semente	Calmante.
17-Pé-de-Perdiz	Euphorbiaceae	<i>Croton antisiphiliticus Mart</i>	Raiz	Infecção urinária.
18-Jambolão	Myrtaceae	<i>Syzygium cumini</i>	Folha	Diabete.
19-Carapiá	Moraceae	<i>Dorstenia cayapia</i>	Raiz	Sinusite, renite e dor de cabeça.
20-Sucupira	Fabaceae	<i>Pterodon emarginatus</i>	Semente	Infecção de garganta.
21-Imburana	Burseraceae	<i>Commiphora leptophloeos</i>	Semente	Chagas e arritmia cardíaca.

Fonte: Re flora/Dataplant – Nunes, (2023) - organizado pela autora.

Algumas plantas que são comercializadas e que foram citadas acima, como a erva-santa-maria, e cragiru podem ser encontradas no quintal de sua casa. Desta maneira, é importante manter a tradição quanto o cultivo dessas plantas medicinais.

Após a pesquisa com os raizeiros do setor Central, realizada nas ruas, no mercado e na praça, a próxima etapa será explorar as feiras da cidade de Anápolis, Goiás. No entanto, devido à dificuldade em encontrar vendedores de plantas medicinais nas feiras, o estudo será focado apenas na feira do bairro Jundiáí.

No Brasil, algumas cidades surgiram de feiras, como Caruaru, em Pernambuco, Campina Grande, na Paraíba, ou Feira de Sant'Anna, na Bahia. Desde o período colonial, onde se definem as diretrizes para a fundação das cidades, já fazia referência a necessidade de se estipular um dia para a feira, para que se pudesse abastecer de gêneros a população. Assim, as feiras livres logo se constituíram como as principais responsáveis pelo fornecimento de alimentos das cidades brasileiras (Madeira, 2007, p.19).

Os dias da semana, no calendário da igreja católica, nos países de língua portuguesa, incluíram a palavra feira no final de cada um dos dias entre o domingo e o sábado. O apostolado de São Martinho de Braga retirou origem pagã dos nomes dos dias que homenageavam astros, e substituiu por números e incluiu também o termo “*feria*”, referindo-se à semana da Páscoa de Jesus na qual todos os dias eram feriados e, com isso, apenas os mercados e feiras funcionavam ao ar livre (Lucena, 2016, p.56).

O Bairro Jundiáí surgiu na década de 1940, pela Sociedade Imobiliária de Anápolis Ltda., cujo objetivo era urbanizar a região e resolver problema habitacional daquela época. Logo após a criação de Goiânia, muitas pessoas estavam chegando para o Estado de

Goiás, sobretudo, Anápolis, e não tinham como residir e, assim, ficavam em pensões e também nos hotéis existentes. O bairro Jundiaí teve, inicialmente, outro nome, sendo Bairro João Dahy (De Souza; Da Luz, 2012).

Ilustração 24 Feira do Bairro Jundiaí



Fonte: Nunes, (2024)

O local servia como ponto de encontro para aquelas pessoas que visitam a feira, um local de participação, na qual todos possam se encontrar, muitas vezes, para saborear um delicioso pastel com um caldo de cana.

Na cidade de Anápolis acontece todos os dias as feiras livres. Em alguns bairros, acontece duas vezes por semana, como é o caso da feira do bairro Jundiaí, aos domingos e quinta-feira (ilustração 24). Existem vários locais desses pontos de feiras livres, sendo eles em locais fixos cobertos, ou mesmo aqueles que são em ruas, praças da cidade.

De acordo com o geógrafo brasileiro que mais contribuiu com os estudos sobre a rede urbana e localidades centrais, define as feiras como mercados periódicos, conforme Corrêa, (1995)

[...] aqueles núcleos de povoamento, pequenos, via de regra, que periodicamente se transformam em localidades centrais: uma ou duas vezes por semana, de cinco em cinco dias [...] fora dos períodos de intenso movimento comercial esses núcleos voltam a ser pacatos núcleos rurais, com a maior parte da população engajada em atividades primárias (Corrêa, 1995, p. 66).

As feiras são definidas como modalidade de comércio apontada pela periodicidade, em geral, nos núcleos urbanos, onde acontece a venda de diversos produtos. Nas feiras livres acontece a socialização, mesmo daquele que nada produz. Muitas vezes, o

comerciante da feira compra para revenda. Por isso, é importante conhecer os produtos que serão comercializados. A autora ainda complementa dizendo:

Nas feiras são também encontrados alguns itens impossíveis de estarem nas prateleiras dos supermercados, como animais vivos, ervas medicinais, produtos artesanais como o fumo de rolo, banha de carneiro, bucha vegetal e outros. Além do mais, como já dito, a feira não é puramente um lugar de comércio e pode ser considerada, em alguns casos, como para os artesãos, uma unidade produtiva completa, envolvendo vários membros de uma mesma família. Ali se pode perceber a totalidade do ciclo da produção, desde o plantio da matéria prima e seu beneficiamento à fabricação e venda dos produtos, o que retira da mercadoria seu caráter genérico e alienado, aproximando o produtor do bem-produzido e mesmo do consumidor (Madeira, 2007, p.25).

A Feira, eu diria, que seria um ponto de encontro para aquelas pessoas que a visita, um local de participação, na qual todos possam se encontrar, muitas vezes para saborear um delicioso pastel com um caldo de cana, ou mesmo comprar uma galinha caipira para fazer o almoço com a família. Aproximam-se assim o cotidiano e os tempos imemoriais.

Ilustração 25 Variedade de Verduras e Frutas



Fonte: Nunes, (2024).

O sol ainda nem apareceu seus primeiros raios, mas nas ruas, em volta de praças, feirões cobertos, ou mesmo em meio a mercados fechados, os personagens, ou seja, os homens e mulheres da feira já estão em plena atividade. Em alguns casos, a luz ainda é improvisada e o arrumar das bancas já se inicia.

Nesse momento, os produtos são colocados sobre uma armação de madeira ou mesmo de metal, coberta por uma lona, tecido grosso ou plástico preso a duas hastes laterais. Isso acontece todos os dias de feira: é a preparação para receber o consumidor. Os produtos são os mais variados sendo eles: frutas, verduras, legumes, queijos, carnes, peixes, raízes, cereais, plantas, quitandas, doces, roupas, calçados, temperos, entre muitos outros (ilustração

25, 26, 27). Eles começam a ser arrumados de maneira que se tornem mais visíveis e atrativos(Lucena, 2016,p.16).

O fenômeno socioeconômico da feira livre nos lembra dos agrupamentos humanos mais distantes, desde que as populações humanas deixaram de ser nômades, domesticando animais, praticando a agricultura e realizando suas trocas.

As feiras livres, em Anápolis, apresentam em sua organização diária, relações sociais no que diz respeito à valorização da cultura regional, tendo em vista as práticas e saberes populares capazes de criar uma originalidade espacial, movida pela vida simples e rica de seus principais personagens que são os feirantes, consumidores, ambulantes e outros.

Ilustração 26 Banca de Frutas e Temperos



Fonte: Nunes, (2024).

Dessa maneira, se mantém as experiências simbólico-culturais, político-econômicas no lugar. Pode-se dizer que feira é o local que acontece a troca, ou seja, onde os pequenos agricultores garantem a sua renda, trabalho e reprodução social (Lucena, 2016). Uma característica marcante das feiras livres é a presença significativa das mulheres que desempenham papéis de destaque. Essa participação das mulheres nas feiras é um indicador de transformações na divisão do trabalho e no papel das mulheres na economia e na sociedade.

Ilustração 27 Banca de Milho Verde e Peixe



Fonte: Nunes (2024).

Na Feira do Bairro Jundiaí, é comum se atendida por uma mulher nas bancas onde estão sendo comercializados os produtos naturais. As mulheres passam, agora, a serem reconhecidas como essenciais para o custeio econômico da família. Destaca-se que essa função sempre foi o papel do homem, ficando para a mulher o papel de cuidar da casa e dos filhos. Mas, atualmente esse cenário mudou.

Ainda de acordo com Madeira (2007), na feira de Taguatinga-DF, seu Cosmos possui a memória desses saberes e a prática de ser raizeiro. São 45 anos dedicados às ervas. Ele trata doenças como o vitiligo, a sinusite e a úlcera, moléstias da roça: quebranto, sopro no coração, sangue fino e muitas outras. Nessa feira, há uma forte presença de raizeiros, que possuem os conhecimentos há muitos anos e sabem o que vendem suas propriedades e a maneira de como preparar os remédios caseiros. Os autores destacam que:

“Ali são encontrados o angico, o juá, o barbatimão e a buchinha, óleos como o de copaíba, de eucalipto e andiroba, e as famosas garrafadas como as destinadas à depuração do sangue, expectorantes e muitas outras. Enfim, trata-se de tudo lá, desde gripes e micoses até câncer e insônia” (Madeira, 2007, p.48).

Dentre a variedade de produtos, ainda podem ser encontrados os vindo diretamente de fazendas de Minas, Goiás ou do Nordeste. Destaca-se a riqueza dos laticínios, o que é significativo neste pedaço do Planalto Central, em que pequenas e médias fazendas de pecuária ainda existem.

Na feira do bairro Jundiaí não é diferente e foi possível encontrar uma banca com uma variedade de plantas medicinais para serem comercializados, porém o comerciante só permitiu fotografar a banca, bem como as plantas que são vendidas. Como o movimento é

intenso, para agilizar a entrevista, o comerciante me passou a xerox de um livro, onde consta os nomes das plantas medicinais e sua indicação, porém anotei algumas, e ele citou outras. No (Quadro 12) se observa algumas dessas plantas.

Não permitindo o uso da sua imagem e nem divulgação de seu nome. Ao iniciar a entrevista do questionário, ele respondeu dizendo que:

É casado, natural de Araguari-MG, evangélico, tem 66 anos de idade, o local que vende a variedade de plantas medicinais (em pó, folhas embaladas, cascas, raízes etc.), é na feira do Jundiá e em lojas. Trabalha há 40 anos com plantas medicinais, a minha vocação aprendi com meu avô, mas que depois de ter aprendido, ainda estudei 02 anos de Fitoterapia, 02 anos de homeopatia e 01 ano em alimentação clínico funcional e ainda 01 ano em acupuntura. (fala do comerciante da feira).

As plantas medicinais que comercializa chega em Anápolis de quase todos os Estados brasileiro e são mais de 1000 mil espécies de plantas. São de todos os tipos, e ainda cultiva algumas e compra a maior parte delas. Logo abaixo, é possível perceber a quantidade de produtos que são comercializados na feira, cada um com sua indicação para o consumidor que procura.

Quadro 12 Plantas Medicinais Banca do Comerciante da Feira

Nome Popular	Família	Nome Científico	Parte Usada	Benefícios
1-Carobinha	Bignoniaceae	<i>Jacaranda puberula Cham.</i>	Folhas, pó e casca	Depurativo do sangue e vermífugo.
2-Mamacadela	Moraceae	<i>Brosimum gaudichaudii</i>	Pó e casca	Depurativo do sangue.
3-Pau Tenente	Equisetaceae	<i>Equisetum L</i>	Casca	Diabete e colesterol.
4-Barbatimão	Fabaceae	<i>Stryphnodendron Mart</i>	Casca	Anti-inflamatório e cicatrizante.
5-Gengibre	Zingiberaceae	<i>Zingiber officinale Roscoe</i>	Raiz	Anti-inflamatório, gastrite e úlceras.
6-Buriti	Arecaceae	<i>Mauritia flexuosa</i>	Óleo	Vermes intestinais.
7-Velame do campo/Branco	Euphorbiaceae	<i>Croton Fuvus Martius in Spix & Martius</i>	Raiz e batata	Depurativo do sangue, secante de feridas, e bom para o fígado.
8-Batata de Purga	Convolvulácea	<i>Operculina macrocarpa (L.) Urb.</i>	Raiz e batata	Cólicas, diarreias, febres, Sífilis, dores reumáticas, depurativo do sangue.
9-Algodãozinho	Apocynaceae	<i>Asclepias Curassavica L</i>	Batata	Gastrite, úlcera e bactéria no estômago.
10-Inhame	Dioscoreácea.	<i>Dioscorea cayanensis Lam</i>	Batata	Diabete, reumatismo, depurativo do sangue, contra o câncer e infecções da pele etc.

11-Ipê-roxo	Bignoniaceae	<i>Handroanthus Albus</i>	Casca	Câncer, reumatismo, diabete, coceira, sarna, doenças da pele etc.
12-Babosa	Asphodelaceae	<i>Aloe Vera</i>	Gel e casca	Estômago, febres intestinais, depurativa do sangue, cura feridas, caspa, calvície, xampu, contra o câncer etc.

Fonte: Reflora /Dataplant – Nunes, (2024) – adaptado pela autora.

Geralmente, as plantas comercializadas (Ilustração 29) primeira e segunda imagem em pó apresentam uma variedade de cheiros, dependendo da planta. Algumas têm um sabor adocicado, outras são amargas, e algumas podem ter cheiro perceptível, enquanto outras não têm aroma detectável. A quantidade de pó a ser utilizada pode variar. Por exemplo, um cabinho de garfo do pó pode ser misturado em um copo com água ou adicionado a vinho, conforme a preferência do usuário.

Por outro lado, as plantas medicinais comercializadas, (ilustração 28) terceira imagem, como folhas secas, apresentam diferentes tamanhos e formatos, e suas cores podem variar entre verde escuro, amarelado e verde claro, dependendo do estado de conservação. As folhas podem estar inteiras ou quebradiças, e o aroma pode estar presente ou não.

As Folhas Secas: folhas pequenas e flores secas, de cor amarela e branca, aroma suave e característico usadas, principalmente, para infusões calmantes. Pó: de cor amarelo-claro, de textura fina, com leve aroma floral. Usado, principalmente, em infusões ou misturado em preparações cosméticas para pele sensível. Usos e Preparos: as folhas secas são tradicionalmente utilizadas em chás para aliviar insônia e ansiedade. O pó pode ser usado em banhos de imersão para acalmar irritações na pele ou em compressas para aliviar dores (Lorenzi& Matos, 2008).

Ilustração 28 Variedade de plantas medicinais em pó e folhas



Fonte: Nunes (2024).

Foi possível observar que os consumidores que chegavam ao local procuravam diferentes tipos de plantas medicinais. Alguns perguntavam sobre opções para depuração do sangue, e o comerciante respondia indicando plantas como mamacadela e carobinha, sugerindo a combinação das duas para esse fim. Outras pessoas perguntavam se havia pau de tenente, uma planta conhecida por ser útil no tratamento da anemia e no estímulo do apetite. Em resumo, há uma infinidade de plantas, cada uma com seus benefícios curativos específicos.

Ilustração 29 Garrafas de mel, gengibre e outros produtos



Fonte: Nunes, (2024).

A venda de mel, em feira, é comum (Ilustração 29) primeira e segunda imagem respectivamente. Observando a comercialização desse produto, é possível encontrar diferentes tipos como o mel de laranjeira, mel silvestre, mel de eucalipto, mel de abelha jataí, mel de abelha Europa, cada um com características de sabor, cor e aroma únicos e ainda tem o mel orgânico. O mel é vendido em frascos de vidro, ou de plástico, porém o de vidro conserva mais tempo. Os consumidores podem encontrar em diferentes tamanhos de embalagens, desde pequenos potes de 250g até potes maiores de 1kg ou mais. O mel é usado com frequência para aliviar sintomas de tosse e dor de garganta além de poder acalmar irritações e reduzir a tosse (Reis, 2011).

Nas bancas de venda é possível visualizar a quantidade de plantas medicinais e demais produtos que são comercializados todas as quintas-feiras e domingos, tendo em vista que pessoas que visitam a feira, em busca de plantas medicinais, a maioria pertence a terceira idade. Estas que fazem uso das plantas, sempre passam pela banca para uma olhada em novos

produtos que chega a cada dia.

E ainda de acordo com a (ilustração 29) terceira imagem, é possível visualizar a “Gengibre”, esta que é originária do sudeste da Ásia, mas, atualmente, é cultivada em várias partes do mundo, incluindo Índia, China, Brasil e países africanos. É uma planta herbácea, perene que cresce a partir de um rizoma subterrâneo grosso e nodoso. Suas folhas são longas e estreitas, e suas flores são pequenas, de cor amarela ou púrpura, pode ser usada como anti-inflamatório, melhorar a digestão, aliviar náuseas, vômitos e indigestão. É eficaz no tratamento de enjoo matinal em grávidas e náuseas causada por quimioterapia (Reis, 2011)

Para descrever uma tabela que contém nomes de plantas medicinais, é importante destacar as informações essenciais de forma clara e organizada. A tabela pode ser simples, contendo apenas o nome popular e o nome científico das plantas, ou mais detalhada, incluindo informações adicionais como os benefícios, modo de uso, e partes usadas. Abaixo, apresento um modelo mais detalhado.

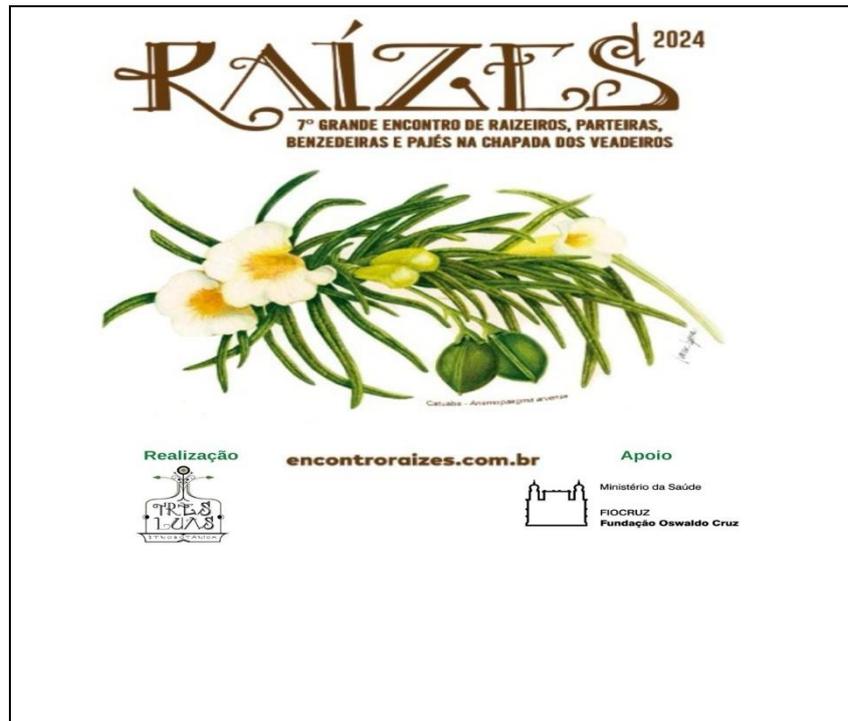
Pouco se sabe sobre a cultura dos raizeiros comerciantes espalhados pelo mundo todo, porém são estudos como este que podem ampliar o conhecimento acerca do uso de plantas medicinais, bem como aqueles que buscam a comprovação científica destes. A comercialização de plantas medicinais no setor Central e na feira em Anápolis/Brasil é feita por raizeiros e comerciantes que entendem, também, de fitoterapia, indicando várias plantas para o tratamento de várias doenças.

E ainda vale destacar que no Centro Oeste, na Vila de São Jorge e Alto Paraíso de Goiás, Chapada dos Veadeiros/GO, com o intuito de valorizar os conhecimentos dos povos tradicionais do Cerrado, teve o evento aberto a todos os interessados em plantas medicinais, preservação do Cerrado e cultura popular, que ocorre anualmente desde 2016. O evento já está em sua sétima edição: RAÍZES: 7ª Grande Encontro de Raizeiros, Parteiras, Benzedeadas e Pajés, aconteceu nos dias 23 a 26 de maio de 2024. Esse ano a FIOCRUZ foi a grande apoiadora e produzirá um documento técnico-científico sobre o evento.

A cultura dos raizeiros, comerciantes de plantas medicinais, é um patrimônio pouco explorado, mas de grande importância para a preservação do conhecimento tradicional e o avanço científico. Em Anápolis/Brasil, no setor Central e na feira local, a comercialização dessas plantas é conduzida por raizeiros e comerciantes que dominam a fitoterapia, oferecendo indicações terapêuticas para diversas enfermidades.

A Sétima Edição do Encontro RAÍZES celebrou os saberes tradicionais e a preservação do Cerrado, promovendo o diálogo entre raizeiros, parteiras, benzedeadas, pajés e a ciência, com o apoio da FIOCRUZ.

Ilustração 30 Sétima Edição do Encontro Raízes



Fonte: Fiocruz Ciência e Saúde pela vida. (2024)

Em destaque está a (ilustração 30), o folder do evento que reuniu várias pessoas, onde teve oficinas, rodas de conversas, teve o intuito de manter os conhecimentos dos povos cerradenses. Este evento retrata bem o papel do raizeiro que vai no campo e conhece as plantas medicinais, e a vivência no local faz com que eles preservem a vegetação, em que, muitas vezes, retira a casca de uma árvore, mas tem o devido cuidado para ela se recompor.

E para finalizar este capítulo, que objetivou compreender as práticas dos raizeiros, a(ilustração 31), fecha para a nossa compreensão o que é ser raizeiro na prática. A reportagem inicia-se a partir do minuto 37:22, apresentando o trabalho dos raizeiros, que preservam o conhecimento tradicional sobre plantas medicinais. No minuto 46:43, é destacada a importância da sabedoria dos raizeiros para a ciência na descoberta de novos medicamentos.

Os raizeiros de Vão das Almas, localizados entre Terezina de Goiás e Cavalcante, são guardiões de um conhecimento ancestral sobre o uso de plantas medicinais e práticas de cura natural. Esse saber, transmitido de geração em geração, está profundamente enraizado na relação harmoniosa que essas comunidades têm com a natureza. Utilizando raízes, folhas, cascas e outros elementos da flora do Cerrado, os raizeiros desenvolvem remédios e tratamentos que atendem a diversas necessidades de saúde, sendo uma alternativa acessível para a população local e um símbolo de resistência cultural e valorização das tradições afro-brasileiras e indígenas.

Ilustração 31 Vídeo sobre os raizeiros de Vão das Almas entre Terezina de Goiás e Cavalcanti Moinho em Alto Paraiso- Goiás.



Fonte: Globo Rural do dia 16/06/2024.⁶

O vídeo foca na história de Wilson Moraes, conhecido como Wilson Dona Flor, ou raizeiro. O ofício de ser raizeiro aprendeu com sua mãe, Dona Flor. Segundo ele, ser raizeiro vai além de lidar apenas com raízes; envolve também o manuseio de folhas, caules, cascas, troncos, sementes e outros elementos das plantas. Além disso, o vídeo inclui a fala de Dirani, que aprendeu a ser raizeira com sua mãe, que, por sua vez, aprendeu com sua bisavó. Essa transmissão de conhecimento entre gerações ilustra a contribuição significativa dos povos tradicionais para a preservação e disseminação do saber sobre plantas medicinais e as práticas de coleta sustentável.

Neste capítulo, exploramos a prática dos raizeiros em Anápolis, Goiás, e investigamos como o uso do território local molda e é moldado por essas práticas tradicionais. Ao analisar a interação entre os raizeiros com sua profunda compreensão das plantas medicinais e suas habilidades em utilizar os recursos naturais disponíveis, ilustram uma conexão histórica e cultural com o território. E para concluir, tem-se uma análise de como o estudo das práticas dos raizeiros sobre como o conhecimento local pode ser integrado e adaptado ao longo do tempo.

⁶ Disponível em: <https://youtu.be/Nx6sAX2LI58?si=McU-mSYHferTuEqM>, Acesso em: 17/08/2024

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre as práticas dos raizeiros e raizeiras no setor central e nas feiras da cidade de Anápolis-GO entre os anos de 2022 e 2024 revelou a profunda conexão desses saberes tradicionais com a terra e a cultura local. Ao longo deste estudo, foi possível observar como esses saberes, transmitidos ao longo de gerações, resistem e se adaptam às mudanças sociais, econômicas e culturais, mantendo-se relevantes e vitais para as comunidades que deles dependem.

Os múltiplos olhares lançados sobre as práticas dos raizeiros(as) destacaram a diversidade e a riqueza dessas tradições, que não se limitam ao uso de plantas medicinais, mas incluem um vasto repertório de conhecimentos relacionados ao corpo, à espiritualidade e ao meio ambiente. As feiras de Anápolis surgiram como espaços de significativa troca cultural, onde os saberes tradicionais encontram novas formas de expressão e onde o diálogo entre o popular e o moderno se intensifica.

Esta dissertação contribuiu para uma compreensão mais aprofundada das práticas dos raizeiros(as), evidenciando a importância de valorizar e preservar esses saberes como parte do patrimônio cultural imaterial da cidade e da região. A análise dos desafios enfrentados por esses praticantes, como a pressão da urbanização, a falta de regulamentação adequada e o risco de desvalorização cultural, destaca a necessidade de políticas públicas que promovam o reconhecimento e a proteção dessas práticas.

A pesquisa alcançou o objetivo geral ao explorar, detalhadamente, os saberes e práticas dos raizeiros que atuam no setor Central e na feira de Anápolis. Foi possível compreender que esses saberes estão fortemente enraizados na cultura local e representam uma forma de conhecimento que combina tradição, experiência e adaptação às realidades contemporâneas. Os raizeiros preservam conhecimentos antigos sobre o uso de plantas medicinais, mas, ao mesmo tempo, desempenham um papel ativo na saúde e no bem-estar das pessoas, oferecendo alternativas terapêuticas que muitas vezes são complementares à medicina convencional.

Destaca-se quanto aos objetivos específicos desta dissertação que o objetivo específico 1 que foi identificar a origem e sucessão dos saberes e práticas populares dos raizeiros no setor Central e nas feiras em Anápolis-GO. Este objetivo foi atendido ao rastrear a transmissão dos saberes entre gerações de raizeiros. A pesquisa revelou que a maioria dos conhecimentos é passada de forma oral, dentro das famílias ou através de aprendizes que demonstram interesse em manter essas tradições vivas. A origem dos saberes é,

frequentemente, ligada a ancestrais que praticavam a medicina popular, e essa continuidade é garantida pela prática cotidiana, pela troca de experiências entre raizeiros e pela confiança depositada neles pelos consumidores.

Quanto ao objetivo Específico 2 que foi apontar as estratégias de inserção do saber popular na perspectiva do setor Central e nas feiras em Anápolis-GO. A pesquisa identificou várias estratégias que os raizeiros utilizam para inserir e manter seus saberes populares no setor Central e na feira de Anápolis. Entre as principais estratégias, está a participação ativa em feiras populares, mercado e também nas bancas, onde os raizeiros não só vendem produtos, mas também oferecem conselhos e compartilham conhecimentos com a comunidade. A adaptação dos produtos para atender às necessidades urbanas, como a venda de pomadas, chás e xaropes, também é uma estratégia crucial. Além disso, os raizeiros utilizam o espaço do mercado municipal e as ruas como um lugar onde possa demonstrar seus conhecimentos, criando uma rede de clientes fiéis que reconhecem o valor do saber popular.

No objetivo específico 3 que apresentou a proposta de analisar os meios que a população acessa o conhecimento sobre o uso das plantas medicinais. O acesso ao conhecimento sobre o uso de plantas medicinais pela população de Anápolis ocorre por meio de diversas vias identificadas durante a pesquisa. No Mercado Municipal de Anápolis, as bancas das ruas e praças da cidade, e a feira, onde a interação direta com os raizeiros permite que o público aprenda sobre o uso correto das plantas medicinais. Além disso, a tradição oral continua a ser uma forma significativa de transmissão de conhecimento.

Quanto ao questionamento da situação problema da pesquisa: A investigação sobre as estratégias de permanência e continuidade dos saberes dos raizeiros na cidade de Anápolis, no Estado de Goiás, revelou que essas práticas tradicionais têm se mantido vivas através de uma combinação de fatores culturais, sociais e econômicos, que juntos formam um sistema de resistência e adaptação às mudanças contemporâneas. As principais estratégias identificadas são a transmissão oral entre gerações, onde conhecimentos são passados de pais para filhos e entre membros da comunidade. Além da transmissão familiar, muitos raizeiros têm incentivado a participação de jovens nas práticas, assegurando que a próxima geração se envolva e mantenha a tradição.

A presença dos raizeiros no Mercado Municipal e na feira de Anápolis também é uma estratégia fundamental para a continuidade de seus saberes. Esses espaços não são apenas locais de venda, mas também de troca de conhecimento e de interação com a comunidade, em que os raizeiros reafirmam sua relevância social e econômica.

A participação de raizeiros em discussões sobre políticas públicas voltadas para a

medicina tradicional e a fitoterapia é uma estratégia emergente que visa garantir o reconhecimento formal e a regulamentação de suas práticas. Esse reconhecimento pode ajudar a proteger seus saberes contra a apropriação indevida e garantir sua continuidade.

Essas estratégias de permanência e continuidade demonstram que os raizeiros em Anápolis não são apenas guardiões passivos de um conhecimento antigo, mas agentes ativos que adaptam e inovam suas práticas para enfrentar os desafios contemporâneos. A combinação de transmissão, adaptação às novas demandas, valorização cultural, e busca por reconhecimento legal tem sido essencial para a manutenção e vitalidade dos saberes dos raizeiros na cidade. Essas práticas, não apenas preservam a cultura local, mas também oferecem alternativas de saúde e bem-estar que são profundamente enraizadas na tradição e na experiência comunitária.

A hipótese formulada neste estudo propôs que a resistência e a continuidade dos saberes dos raizeiros em Anápolis se devem ao comércio popular e às feiras realizadas nos bairros da cidade. Os resultados da pesquisa confirmam amplamente essa hipótese, destacando a comercialização de plantas medicinais no setor Central e na feira como espaços fundamentais para a preservação e disseminação dos saberes dos raizeiros.

Em síntese, esta pesquisa reafirma que o saber que vem da terra, carregado pelos raizeiros(as), é uma fonte rica de conhecimento e resistência cultural. É necessário que essas práticas sejam reconhecidas e respeitadas em sua totalidade, garantindo que possam florescer e continuar a beneficiar as gerações futuras.

REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. Ateliê editorial, 2003
- ALMEIDA, Maria Cristina Jacinto de; FREITAS, Carlos Geraldo Luz de. Uso do solo urbano: suas relações com o meio físico e os problemas decorrentes. In: SIMPÓSIOBRASILEIRO DE CARTOGRAFIA, 1996, São Paulo. **Anais [...]**. ABGE, São Paulo, 1996 p. 195-200.
- ALMEIDA, Maria Zelia de Almeida. **Plantas Medicinais**. Universidade Federal da Bahia. 2011. 221p. Disponível em: <https://www.bibliotecaagptea.org.br/agricultura/biologia/livros/PLANTAS%20MEDICINAIS%20-%20MARIA%20ZELIA%20DE%20ALMEIDA.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2023
- ANAPOLIS, Prefeitura Municipal de Anápolis (2022). **Lista de Feiras regulares em atividade**. Disponível em: <https://www.anapolis.go.gov.br/servico/lista-de-feiras-regulares-em-atividade/>. Acesso em: 8 nov. 2023
- ANAPOLIS, Prefeitura Municipal de Anápolis (2022). **Mercado Municipal de Anápolis mantém tradição de 71 anos**. Disponível em: <https://www.anapolis.go.gov.br/patrimonio-historico-mercado-municipal-de-anapolis-mantem-tradicao-de-71-anos/>. Acesso em: 13 ago. 2023
- ARAÚJO, C. R. F., et al. Raizeiros e Raizeiras Enquanto Multiplicadores do Conhecimento Popular: um resgate na literatura. **Revista Saúde E Ciência**; on-line- vol. 3, n. 1, pág. 35-43, 2014. Disponível em: <https://rsc.revistas.ufcg.edu.br/index.php/rsc/article/view/282/279>. Acesso em: 10 jul. 2023.
- AZEREDO FILHO, Francisco Lopes de. **Dados geográficos e históricos do município de Anápolis 1937-1938**. São Paulo: Tipografia Artística A. Guarita & Cia, 1938.
- BADKE, M. R. **Conhecimento popular sobre o uso de plantas medicinais e o cuidado de enfermagem**. 2008. 96 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Departamento de Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.
- BARACUHY, José Geraldo de Vasconcelos et al. **Plantas medicinais de uso comum no Nordeste do Brasil**. 2016.
- BARBOSA, Altair Sales. **Cerrado: a constelação do meio dia**, 1ª ed. Gráfica e Editora América. Goiânia-Goiás, 2022.
- BORGES, Viviane Custódia. Pequi, Jatobá, Algodãozinho ... : a **biodiversidade do Cerrado na medicina popular**. 2011. 273 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011. Disponível em: <https://jbb.ibict.br/handle/1/869>, acesso em set.2023
- BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária - ANVISA. **Orientações sobre o uso de fitoterápicos e plantas medicinais**. 2022a. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/centraisdeconteudo/publicacoes/medicamentos/publicacoes-sobre->

medicamentos/orientacoes-sobre-o-uso-de-fitoterapicos-e-plantas-medicinais.pdf. Acesso em:31 ago. 2023

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Instrução Normativa nº 5, de 31 de março de 2010. Estabelece a lista de referências bibliográficas para avaliação de segurança e eficácia de medicamentos fitoterápicos. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, n. 63, p.91, Seção 1.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. art. 225, § 1º, III. Brasília: Presidência da República, 2016. Disponível em:http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em:5 fev. 2024.

BRASIL. **Decreto 6.040 de 7 de fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/Decreto/d6040.htm. Acesso em: 4 jul. 2024.

BRASIL. **Decreto 8.077 de 14 de agosto de 2013**. Regulamenta as condições para o funcionamento de empresas sujeitas ao licenciamento sanitário, e o registro, controle e monitoramento, no âmbito da vigilância sanitária, dos produtos de que trata a Lei nº 6.360, de 23 de setembro de 1976, e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/Decreto/d8077.htm. Acesso em: 5 jul. 2024

BRASIL. **Decreto nº 11.367, de 1.º de janeiro de 2023**. Institui a Comissão Interministerial Permanente de Prevenção e Controle do Desmatamento, restabelece o Plano de Ação para a Prevenção e Controle do Desmatamento na Amazônia Legal – PPCDAm, e dispõe sobre os Planos de Ação para a Prevenção e Controle do Desmatamento no Cerrado, na Mata Atlântica, na Caatinga, no Pampa e no Pantanal. Brasília: Diário Oficial da União, 2 de janeiro de 2023 – Edição extra. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/Decreto/D11367.htm. Acesso em:12 jul. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 11.481, de 06 de abril de 2023**. Altera o Decreto nº 8.750, de 9 de maio de 2016, que institui o Conselho Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/Decreto/D11481.htm, Acesso em: 6 jul. 2024

BRASIL. **Decreto nº 12.026, de 21 de maio de 2024**. Institui o Comitê Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/Decreto/D12026.htm, Acesso em: 5 jul. 2024

BRASIL. **Decreto nº 23.793, de 23 de janeiro de 1934**. Aprova o código florestal que com esta baixa. [REVOGADO] Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto/1930-1949/d23793.htm. Acesso em:28 jul. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 4.771, de 15 de setembro de 1965**. Aprova o código florestal que com esta baixa. [REVOGADO] Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto/1930-1949/d23793.htm. Acesso em:28 jul.

2024.

BRASIL. **Decreto nº 5.577, de 8 de novembro de 2005**-Institui, no âmbito do Ministério do Meio Ambiente, o Programa Nacional de Conservação e Uso Sustentável do Bioma Cerrado - Programa Cerrado Sustentável, e dá outras providências. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-

[2006/2005/Decreto/d5577.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%205.577%2C%20DE%208,Sustent%C3%A1vel%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%A2ncias.](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/Decreto/d5577.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%205.577%2C%20DE%208,Sustent%C3%A1vel%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%A2ncias.)

Acesso em:25 abr.2023.

BRASIL. **Decreto nº 5.813, de 22 de junho de 2006**- Aprova a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e dá outras providências. Disponível

em:https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-

[2006/2006/Decreto/D5813.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%205.813%2C%20DE%2022,%E2%80%9Ca%E2%80%9D%2C%20do%20art.](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5813.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%205.813%2C%20DE%2022,%E2%80%9Ca%E2%80%9D%2C%20do%20art.) Acesso em:18 abr. 2023

BRASIL. **Decreto nº 8.750, de 09 de maio 2016**. Institui o Conselho Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/Decreto/d8750.htm, Acesso em: 6 jul. 2024.

BRASIL. Departamento de Apoio Técnico e Educação Permanente. Comissão Assessora de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. 2019. **Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. CRF-SP (Conselho Regional de Farmácia do Estado de São Paulo). 86 p. Disponível em: <https://www.crfsp.org.br/images/cartilhas/PlantasMedicinais.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2023

BRASIL. **Lei 5.991 de 1973**. Dispõe sobre o controle sanitário do comércio de drogas, medicamentos, insumos farmacêuticos e Correlatos, e dá outras Providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5991.htm. Acesso em: 8 de maio 2024

BRASIL. **Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012**. Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa; altera as Leis n.s 6.938, de 31 de agosto de 1981, 9.393, de 19 de dezembro de 1996, e 11.428, de 22 de dezembro de 2006; revoga as Leis n.s 4.771, de 15 de setembro de 1965, e 7.754, de 14 de abril de 1989, e a Medida Provisória nº 2.166-67, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União, 28 de maio de 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12651.htm. Acesso em:28 jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde - Agência Nacional de Vigilância Sanitária - **RESOLUÇÃO-RDC Nº 14, DE 31 DE MARÇO DE 2010**, dispõe sobre o registro de medicamentos fitoterápicos. Disponível em:

https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2010/rdc0014_31_03_2010.html. Acesso em: 7 ago.2023.

BRASIL. Ministério da Saúde - Agência Nacional de Vigilância Sanitária - **RESOLUÇÃO-RDC Nº 60, DE 26 DE NOVEMBRO DE 2009**.Dispõe sobre a produção, dispensação e controle de amostras grátis de medicamentos e dá outras providências. Disponível em:

https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2009/rdc0060_26_11_2009.html, Acesso em: 5 jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde - MS Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA. **RESOLUÇÃO DA DIRETORIA COLEGIADA - RDC Nº 716, DE 1º JULHO DE 2022**.

Disponível em: https://antigo.anvisa.gov.br/documents/10181/2718376/RDC_716_2022_.pdf. Acesso em: 5 jul. 2024

BRASIL. Ministério da Saúde - MS Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA. **RESOLUÇÃO DA DIRETORIA COLEGIADA - RDC Nº 301, DE 21 DE AGOSTO DE 2019.** Dispõe sobre as Diretrizes Gerais de Boas Práticas de Fabricação de Medicamentos. Disponível em: https://antigo.anvisa.gov.br/documents/10181/5389382/%286%29RDC_301_2019_COMP.pdf/7d991c04-e7a1-4957-aed5-3689c62913b2 Acesso em: 5 jul. 2024

BRASIL. Ministério da Saúde - MS Agência Nacional de Vigilância Sanitária - ANVISA. **RESOLUÇÃO DA DIRETORIA COLEGIADA - RDC Nº 69, DE 8 DE DEZEMBRO DE 2014.** Dispõe sobre as Boas Práticas de Fabricação de Insumos Farmacêuticos Ativos. Disponível em: https://antigo.anvisa.gov.br/documents/10181/3637364/RDC_69_2014_.pdf/4e1c3d6d-120f-4801-b06f-cff4b242bbd0, Acesso em: 5 jul. 2024

BRASIL. Ministério da Saúde - MS Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA **RESOLUÇÃO DA DIRETORIA COLEGIADA - RDC Nº 575, DE 11 DE NOVEMBRO DE 2021.** Aprova a Errata nº 01 da Farmacopéia Brasileira, 6ª edição, de que trata a Resolução de Diretoria Colegiada - RDC nº 298, de 12 de agosto de 2019. Disponível em: https://antigo.anvisa.gov.br/documents/10181/6353758/RDC_575_2021_.pdf/3d887dcf-b43d-4050-ba8b-28978dde10f0, Acesso em: 6 jul. 2024

BRASIL. Ministério da Saúde - MS Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA. **RESOLUÇÃO DA DIRETORIA COLEGIADA - RDC Nº 788, DE 11 DE MAIO DE 2023.** Disponível em: https://antigo.anvisa.gov.br/documents/10181/6590352/RDC_788_2023_.pdf/7d78b8ee-3d5d-4f0c-be94-0757cf1bc1a7, Acesso em: 6 jul. 2024

BRASIL. Ministério da Saúde Agência Nacional de Vigilância Sanitária **RESOLUÇÃO DA DIRETORIA COLEGIADA - RDC Nº 84, DE 17 DE JUNHO DE 2016.** Aprova o Memento Fitoterápico da Farmacopéia Brasileira e dá outras providências. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2016/rdc0084_17_06_2016.pdf. Acesso em: 5 jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde Agência Nacional de Vigilância Sanitária **RESOLUÇÃO DA DIRETORIA COLEGIADA - RDC Nº 298, DE 12 DE AGOSTO DE 2019.** Dispõe sobre a aprovação da Farmacopéia Brasileira, 6ª edição. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2019/rdc0298_12_08_2019.pdf, Acesso em: 6 jul. 2024.

BRASIL. Ministério da saúde. Agência Nacional da Vigilância Sanitária **RESOLUÇÃO DA DIRETORIA COLEGIADA-RDC Nº 10, DE 10 DE MARÇO DE 2010.** Dispõe sobre a notificação de drogas vegetais junto à Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e dá outras providências. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2010/res0010_09_03_2010.html. Acesso em: 8 mai. 2024.

BRASIL. Ministério da saúde. Agência Nacional da Vigilância Sanitária **RESOLUÇÃO DA DIRETORIA COLEGIADA-RDC Nº 17, DE 16 DE ABRIL DE 2010.** Dispõe sobre as

Boas Práticas de Fabricação de Medicamentos. Disponível em:
https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2010/res0010_09_03_2010.html. Acesso em: 8 mai. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional da Vigilância Sanitária. **CONSULTA PÚBLICA Nº 85, DE 10 DE AGOSTO DE 2010**. críticas e sugestões relativas à proposta de Resolução que dispõe sobre as Boas Práticas de Processamento e Manipulação de Plantas Medicinais e Fitoterápicos em Farmácias Vivas. Disponível em:
https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2010/cop0085_10_08_2010.html. Acesso em: 5 jul. 2024

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária **RESOLUÇÃO DA DIRETORIA COLEGIADA - RDC Nº 26, DE 13 DE MAIO DE 2014** Dispõe sobre o registro de medicamentos fitoterápicos e o registro e a notificação de produtos tradicionais fitoterápicos. Disponível em:
https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2014/rdc0026_13_05_2014.pdf, Acesso em: 26 de set. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária **RESOLUÇÃO DA DIRETORIA COLEGIADA - RDC Nº 48, DE 16 DE MARÇO DE 2004**. Dispõe sobre o registro de medicamentos fitoterápicos. Disponível em:
https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2004/rdc0048_16_03_2004.html. Acesso em: 5 ago. 2024

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Plantas Medicinais de Interesse do SUS –RENISUS.2009**. Disponível em:
<https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/sectics/pnpmpf/ppnmpf/renisus>, Acesso em: 6 jul. 2024

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **RESOLUÇÃO - RDC Nº 18, DE 3 DE ABRIL DE 2013**. Dispõe sobre as boas práticas de processamento e armazenamento de plantas medicinais, preparação e dispensação de produtos magistrais e oficinais de plantas medicinais e fitoterápicos em farmácias vivas no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Disponível em:
https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2013/rdc0018_03_04_2013.html, Acesso em: 8 jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **RESOLUÇÃO DA DIRETORIA COLEGIADA - RDC Nº 26, DE 13 DE MAIO DE 2014**. Dispõe sobre o registro de medicamentos fitoterápicos e o registro e a notificação de produtos tradicionais fitoterápicos. Disponível em:
https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2014/rdc0026_13_05_2014.pdf. Acesso em: 8 jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 02 DE 13 DE MAIO DE 2014**. Publica a “Lista de medicamentos fitoterápicos de registro simplificado” e a “Lista de produtos tradicionais fitoterápicos de registro simplificado”. Disponível em:
https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2014/int0002_13_05_2014.pdf, Acesso em: 8 jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conferência Nacional de Saúde, 10., **Relatório final**. Brasília: Ministério da Saúde, 1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 338, de 6 de maio de 2004. Aprova a Política Nacional de Assistência Farmacêutica. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, n. 96, p.52-53, Seção 1.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro, Comissão Intergestores Tripartite. **RESOLUÇÃO Nº 1, DE 17 DE JANEIRO DE 2012**. Estabelece as diretrizes nacionais da Relação Nacional de Medicamentos Essenciais (RENAME) no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cit/2012/res0001_17_01_2012.html, Acesso em: 6 jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº 3.916, de 30 outubro de 1998. Aprova a Política Nacional de Medicamentos. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, n.215-E, p.18-22, Seção 1.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **PORTARIA Nº 702 DE 21 DE MARÇO DE 2018**. Altera a Portaria de Consolidação nº 2/GM/MS, de 28 de setembro de 2017, para incluir novas práticas na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares - PNPIC. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2018/prt0702_22_03_2018.html, Acesso em: 5 jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº 849, de 27 de março de 2017. Inclui na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), as seguintes práticas: Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, p.68, Seção 1.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº 886, de 20 abril de 2010. Institui a Farmácia Viva no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, n. 75, p.75, Seção 1.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Presidente. **PORTARIA 2.960 DE DEZEMBRO DE 2008**. Aprova o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e cria o Comitê Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/pri2960_09_12_2008.html. Acesso em: 5 jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Presidente. **PORTARIA 971 DE 3 DE MAIO DE 2006**. Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt0971_03_05_2006.html, Acesso em: 5 jul. 2024

BRASIL. Ministério da Saúde. **Lei 6.360 de 23 de setembro de 1976**. Dispõe sobre a Vigilância Sanitária a que ficam sujeitos os Medicamentos, as Drogas, os Insumos Farmacêuticos e Correlatos, Cosméticos, Saneantes e Outros Produtos, e dá outras Providências. Disponível em:

<https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=6360&ano=1976&ato=f0eETQq50MnRVTe0b>, Acesso em: 5 jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Práticas integrativas e complementares: **plantas medicinais e fitoterapia na Atenção Básica/Ministério da Saúde**. Caderno de Atenção Básica n. 31. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. 156 p. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/praticas_integrativas_complementares_plantas_medicinais_cab31.pdf. Acesso em: 26 abr. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Proposta de Política Nacional de Plantas Medicinais e Medicamentos Fitoterápicos**. 1981. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd03_18.pdf, Acesso em: 8 jul. 2024

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. **Política e Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos** / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2016. 190 p. ISBN 978-85-334-2399-2 Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_programa_nacional_plantas_medicinais_fitoterapicos.pdf. Acesso em: 5. abr. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Insumos Estratégicos em Saúde. Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. **Catálogo da Exposição Comemorativa dos 15 anos da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos** / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Insumos Estratégicos em Saúde, Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. – Brasília: Ministério da Saúde, 2022b. 36 p.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima. **Plano de ação para prevenção e controle do desmatamento e das queimadas no bioma cerrado (PPCerrado): 4ª fase (2023 a 2027)** [recurso eletrônico] – Brasília: MMA, 2023. 97 p.:il.; color.

BRASIL. Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA. **RESOLUÇÃO DA DIRETORIA COLEGIADA - RDC Nº 609, DE 9 DE MARÇO DE 2022**. Atualiza a Farmacopéia Brasileira, 6ª edição, de que trata a Resolução de Diretoria Colegiada - RDC nº 298, de 12 de agosto de 2019. Disponível em: https://antigo.anvisa.gov.br/documents/10181/6407199/RDC_609_2022_.pdf/e12afd17-cbca-41f9-a134-1a3d14b400a8. Acesso em: 5 jul. 2024

CANTONI, Rosângela. **História das Ciências**. 3. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2012.

CALIXTO, J.S.; RIBEIRO, A.E.M. **O Cerrado como fonte de plantas medicinais para uso dos moradores de comunidades tradicionais do alto Jequitinhonha**, MG. In: II Encontro nacional de Pós-graduação em Ambiente e Sociedade, Indaiatuba, 2004.

CARLINI, E. A.; FROCHTEN-GARTEN, M. L. **Em Toxicologia clínica** (Fase I) da espinheira santa (*Maytenus ilicifolia*); Brasília: CEME/AFIP, 1988.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Cidade**. São Paulo: Contexto, 2001.

CASTILHO, Denis; CHAVEIRO, Eguimar Felício. Por uma análise territorial do

Cerrado. **Cerrados: perspectivas e olhares**. Goiânia: Editora Vieira, p. 35-50, 2010.
Cerrados. Lavras, 2001. 180p.

CONVENÇÃO nº 169, 1989, Genebra, Suíça. **Conferência Geral da Organização Internacional do Trabalho**, 1989

CORREA, Roberto Lobato. **A Dimensão Cultural do Espaço**: Alguns Temas. p.1-22. In: Espaço e Cultura. ano 1, n.1, 1995. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3479>. Acesso em:30 set. 2022.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. **Regista USP**, São Paulo, n.75, p. 76-84, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13623/15441>, Acesso em:11 jul. 2023

CZERMAINSKI, Silvia Beatriz Costa. **A política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos**: um estudo a partir da análise de políticas públicas. Dissertação (Mestrado em Ciências Farmacêuticas). Faculdade de Farmácia/UFRS. Porte Alegre, 2009, 148p. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/19068/000735750.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em:17 ago. 2023

D'ALMEIDA, Sabrina Soares. **Guardiãs das folhas: mobilização identitária de raizeiras do cerrado e a autorregulação do ofício**. São Paulo, 2018. Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Antropologia. Área de concentração: Antropologia Social.

DA CONCEIÇÃO, Gonçalo Mendes. Plantas do cerrado: comercialização, uso e indicação terapêutica fornecida pelos raizeiros e vendedores, Teresina, Piauí. **Scientia Plena**, v. 7, n. 12, 2011.

DE SOUSA, Gabriel Soares; DE VARNHAGEN, Francisco Adolfo; DE PORTO SEGURO, Visconde.1816-1870. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. Typographia de João Ignacio da Silva. 1879. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/242787pdf>, Acesso em:10 out. 2023

DE SOUSA, Ronald Felipe Barreto. **Pra curar tem que ter fé**: Curandeiros, Benzedeiros e Rezadores–memórias de indivíduos numa perspectiva Histórica. Anais da Universidade Estadual do Ceará, 2021. Disponível em: http://uece.br/eventos/eehce2014/anais/trabalhos_completos/103-9359-10082014-221519pdf, Acesso em abr. 2024

DE SOUZA, Bruno Augusto; DA LUZ, Janes Socorro. **As Novas Centralidades e Eixos Comerciais em Anápolis (GO)**, 2012.

DIAS, Jaqueline Evangelista; LAUREANO, Lourdes Cardozo. **Protocolo comunitário biocultural das raizeiras do Cerrado**: direito consuetudinário de praticar a medicina tradicional. Turmalina: Editora Articulação Pacari, 2009

DOURADO, Edjane Ramos. Comercialização de plantas medicinais por “raizeiros” na cidade de Anápolis-GO. **Revista Eletrônica de Farmácia**, 2005.

ESPÍNDOLA, M.A.J.; ARRUDA, D.O. **Desenvolvimento Sustentável no Modo de**

Produção Capitalista. Revista Visões, v.1, n.4, 2008.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1995.

FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz - Ciência e Saúde pela vida. (2024)
<https://portal.fiocruz.br/noticia/2024/05/fiocruz-participara-da-7a-edicao-do-raizes-grande-encontro-de-raizeiros-parteiros>, Acesso em: 25 ago.2024

FLECK, L. Gênese e desenvolvimento de um fato científico; tradução de George Otte e Mariana Camilo de Oliveira. Belo Horizonte: **Fabrefactum**, 2010.

FONTOURA, Ivo Fernandes. **Formas de transmissão de conhecimento entre os Tarianoda região do Rio Uaupés - AM**. UFPE. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Recife,2006. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/933>. Acesso em: 6 mar. 2024

GOIÁS. **LEI Nº 18.104, DE 18 DE JULHO DE 2013**. Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa, institui a nova Política Florestal do Estado de Goiás e dá outras providências. Disponível em: https://legisla.casacivil.go.gov.br/pesquisa_legislacao/90203/lei-18104, Acesso em: 14 set.2024.

GRANDI, Telma Sueli Mesquita. Tratado das Plantas Mediciniais Mineiras. **Nativas e Cultivadas**, 2014.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade**. Niterói: Editora da UFF, 1997.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Mapa dos Biomas-2013**: Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/12789-asi-ibge-lanca-o-mapa-de-biomas-do-brasil-e-o-mapa-de-vegetacao-do-brasil-em-comemoracao-ao-dia-mundial-da-biodiversidade>, Acesso em: 2 out. 2023

IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Manual técnico da vegetação brasileira**. Coordenação de Recursos Naturais e Estudos Ambientais. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv63011.pdf>. Acesso em: 9 jul. 2023.

IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – **CIDADES** (2022), Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/anapolis/panorama>. Acesso em: 18 ago.2023

IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Manual técnico da vegetação brasileira**. Série Manual Técnico em geociências. n 1. Rio de Janeiro, 1992. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/ManuaisdeGeociencias/Manual%20Tecnico%20da%20Vegetacao%20Brasileira%20n.1.pdf>. Acesso em: 9 jul. 2023.

ICMBIO - **INTITUTO CHICO MENDES DA BIODIVERSIDADE**. MINISTERIO DO MEIO AMBIENTE. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/cbc/conservacao-da-biodiversidade/biodiversidade.html>. Acesso em: 9 jul. 2023.

IPHAN. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN**. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/patrimonio-cultural/patrimonio-imaterial>. Acesso em: 31

ago.2023

LAINETTI, R; BRITTO, S.N. R.A **Cura pelas Ervas e Plantas Medicinais Brasileiras**. São Paulo: Ediouro. 1980.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

LORENZI, H. MATOS; MATOS.Francisco José de Abreu.Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas. **Nova Odessa, São Paulo: Instituto Plantarum**, v. 544, 2008.

LUCENA, Thiago Isaias Nóbrega de. **Feiras livres: cidades de um só dia**, aprendizados para uma vida inteira [recurso eletrônico] / Thiago Isaias Nóbrega de Lucena, José Willington Germano. – Natal: EDUFRN, 2016.

LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli Elisa D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. 99 p.

MADEIRA, Angélica. A cidade e suas feiras: um estudo sobre as feiras permanentes de Brasília / Angélica Madeira, Mariza Veloso. __ Brasília, DF: IPHAN / **15ª Superintendência Regional**, 2007. 80 p.: il.; 21 cm. ISBN: 978-85-7334-63-1

MARCHIORI, José Newton Cardoso. **Fitogeografia do Rio Grande do Sul: campos sulinos**. Porto Alegre: EST edições, 2004.

MATOS, Francisco José de Abreu.**Farmácias Vivas: Sistema de Utilização de Plantas Medicinais** Projetado para Pequenas Comunidades. 4ª edição. Fortaleza, CE: Editora UFC.2007.

MATOS, Francisco José de Abreu. **Fitoterapia: Uso de Plantas Medicinais no Brasil**. a: Editora UFBA, 2014

MATOS, Francisco José de Abreu. **Plantas Medicinais da Região Amazônica: Aspectos Etnobotânicos e Farmacológicos**. Editora UFAM. 2012

MENESES, M. P. G. **Medicina tradicional, biodiversidade e conhecimentos rivais em Moçambique**. Coimbra: Centro de Estudos Sociais, 2000. p. 1-40. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/32743/1/Medicina%20Tradicional%2c%20Biodiversidade%20e%20Conhecimentos%20Rivais%20em%20Mo%c3%a7ambique.pdf>. Acesso em:11 jul. 2023.

MORIMOTO, Clayson; SALVI, Rosana Figueiredo. As percepções do homem sobre a natureza. **IN: Encontros de Geólogos da América Latina, Montividel**. Atas, p. 1-10, 2009.

NASCIBEM, Fabio Gabriel. **O saber popular e o saber científico: uma convergência possível?** - São Paulo: Blucher, 94 p.2022. Disponível em: [file:///C:/Users/net/Downloads/OpenAccess-Nascibem-9788580394320%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/net/Downloads/OpenAccess-Nascibem-9788580394320%20(1).pdf). Acesso em:23 jul. 2024

NERY, João Carlos Santiago. **Saberes e práticas em saúde: um estudo sobre os raizeiros(as) do Mercado Municipal de Araguaína - TO**. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Tocantins- Câmpus Universitário de Araguaína –Curso de Pós-

Graduação em Estudo de Cultura e Território, 2021. Disponível em:<https://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/3423/1/Jo%c3%a3o%20Carlos%20Santiago%20Nery%20-%20Disserta%c3%a7%c3%a3o.pdf>

PALMA, Josiane Santos. **Ações dos profissionais de saúde da atenção básica em relação às plantas medicinais**. 2011. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas. Acesso em: 27 maio de 2024, Disponível em:https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/8625/Dissertacao_Josiane_Santos_Palma.pdf?sequence=1&isAllowed=y

PASA, M. C. Abordagem etnobotânica na Comunidade de Conceição-Açú, Mato Grosso, Brasil. **Polibotânica**. México, v. 31, p.169-197, 2011.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

REFLORA. **PLANTAS DO BRASIL**. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/PrincipalUC/PrincipalUC.do;jsessionid=882619A59F03F23047348D274DC784F6>, Acesso em: 5 jul.2024

REIS, Guilherme Coelho dos, *et al.* Atividade antimicrobiana de méis de *Apis mellifera* L. (Hymenoptera: Apidae) de diferentes origens botânicas e geográficas. **Arquivos do Instituto Biológico**, 2011, 78\92\0, 219-228

RIBEIRO JR, Wilson Alves. Hipócrates de Cós. CAIRUS, HF; RIBEIRO JR., WA **Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

RODRIGUES, Ícaro Felipe Soares, et al. (org.). **Atlas escolar municipal de Anápolis**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2017.

RODRIGUES, V.E.G; CARVALHO, D.A. **Plantas Medicinais no Domínio dos**

SAINT-HILAIRE, August. **Viagem à província de Goiás**. Tradução de Regina RegisJunqueira. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 5. ed., São Paulo: Cortez, 2008

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2004.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP. 2002.

SÃO PAULO. **Lei. 13.550 de 02/06/2009**.Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo.Dispõe sobre a utilização e proteção da vegetação nativa do Bioma Cerrado no Estado, e dá providências correlatas. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/norma/156399>, Acesso em: 14 set. 2024.

SEVERINO, Vanessa Gisele Pasqualotto. **De uma prosa e uma planta, um remédio:** saberes tradicionais no uso medicinal de plantas na Comunidade Coqueiros [Ebook] / organizadores, organizadores, [et al.]. – Goiânia: Editora UFG, 2021. 211 p.: il.

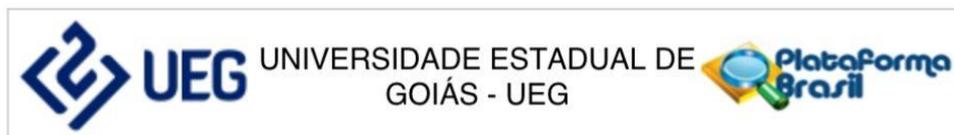
SILVA, J. D. A. *et al.* Ethnobotanical survey of medicinal plants used by the community of Sobradinho, Luís Correia, Piauí, Brazil. **Journal of Medicinal Plants Research**, v. 9, n. 32, p. 872-883, 25 ago. 2015.

SOUZA FILHO, C. F. M. **A Função Social da Terra**. Porto Alegre - RS: Fabris, 2016.

VEIGA, Valdir F. Veiga Junior; PINTO, Ângelo C. **O GÊNERO *Copaifera* L.** Instituto de Química, Universidade Federal do Rio de Janeiro, CT, Cidade Universitária, Ilha do Fundão, 21945-970 Rio de Janeiro – RJ. **Quim. Nova**, Vol. 25, No. 2, 273-286, 2002. Disponível em: https://s3.sa-east-1.amazonaws.com/static.sites.s bq.org.br/quimicanova.s bq.org.br/pdf/Vol25No2_273_15.pdf. Acesso em: 5 jul. 2023.

APÊNDICES

Apêndice A: Parecer Consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: "UM SABER QUE VEM DA TERRA": MULTIPLOS OLHARES SOBRE AS PRÁTICAS DOS RAIZEIROS(AS) NO SETOR CENTRAL E NAS FEIRAS NA CIDADE DE ANÁPOLIS-GO ENTRE OS ANOS DE 2022 A 2024.

Pesquisador: EDJANE RODRIGUES NUNES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 68790923.7.0000.8113

Instituição Proponente: UEG CÂMPUS ANÁPOLIS DE CIÊNCIAS SOCIOECONÔMICAS E HUMANAS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.094.048

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas dos arquivos Informações Básicas da Pesquisa ("PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2100136.pdf", de 17/05/2023) e projeto detalhado ("PreprojetoCEPmodificadoem17052023.pdf", de 17/05/2023).

Resumo/Introdução

Resumo:

A pesquisa situa-se no campo da Geografia Cultural, ciência que representa uma das áreas mais dinâmicas no campo da geografia, visto que estuda os produtos culturais, seus códigos e normas, analisando suas variações e transformações através dos espaços e lugares. Com isso verificase, nesse contexto, a importância de preservar o Cerrado, porque é de onde vem a maioria das plantas medicinais. O estudo objetivou compreender os saberes e práticas populares de raizeiros(as) no setor central e nas feiras em Anápolis-Go, analisando a origem e sucessão de seu saber. Para tanto, foi utilizado o método pesquisa-participante, com abordagem qualitativa, usando como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada. Participarão da pesquisa alguns raizeiros(as) que atuam no setor central, nas ruas, praças e feiras, suas narrativas

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903
UF: GO **Município:** ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 6.094.048

descrevem os contornos da pesquisa. Diante disso, evidenciou-se que o saber popular possui uma importância relevante, sobretudo pela diversidade do seu saber. Destacou-se que o contexto familiar constitui o principal ambiente de transmissão de conhecimento acerca dos remédios naturais, principalmente pela oralidade. Com isso verifica-se, nesse contexto, a importância de preservar o Cerrado, porque é de onde vem a maioria das plantas medicinais. Sabe-se que com o passar dos anos vai ficando difícil encontrar as mais variadas espécies de raízes que por sua vez fará muito falta para os que buscam esses tratamento alternativo com ervas medicinais.

Introdução:

No Brasil, antes mesmo de seu descobrimento, os índios usavam plantas para a cura de doenças, para o preparo de corantes e para ajudar na pesca. Com a colonização, a utilização das plantas para cura de doenças, basicamente apresentou influências não só da cultura indígena, mas também da africana e européia (RODRIGUES e CARVALHO, 2001). A presente pesquisa parte do saber de homens e mulheres, que lidam cotidianamente com a arte de lidar com plantas medicinais. As motivações que nos levaram a escolher esta pesquisa se deram, inicialmente, pelo interesse em compreender esse universo, que permeia as relações sociais cheias. Neste sentido, foi na tentativa de entender um pouco mais sobre os raizeiros(as), que muito me encanta que foi iniciado esta pesquisa para assim demonstrar a grande importância para preservar o cerrado. O saber popular é alguma coisa que vai além de uma simples comprovação ou imersão ao degustar, sendo útil de gerações para gerações. Esse saber veio se acumulando com o crescimento quantitativo e qualitativo da humanidade e seus avanços (SILVA; MELO NETO, 2015). A natureza vem sendo utilizada como fins terapêuticos por muito tempo e produtos minerais de plantas e animais contribuem para a saúde da humanidade. Nesse sentido, o reino vegetal compõe a maior contribuição para remédios e medicamentos, as plantas medicinais são formidáveis tanto como fitoterápicos quanto para a descoberta de novos fármacos (BRASIL, 2012). O uso de plantas medicinais é uma prática comum no Brasil e tem sido transmitida de geração em geração. Raizeiros(as) são conhecidos pelo seu saber sobre cultivo, preparo, indicação e comercialização de plantas medicinais. Nesse território, com base nas idéias de Saquet (2019), raizeiros assumem uma posição de contra-hegemonia, na medida em que as relações de poder dentro do território da saúde são desarmônicas e dificultam a conquista de seu espaço. Quanto ao recorte temporal, tratamos do tempo compreendido desde o início da pesquisa até a defesa da dissertação. O recorte espacial será na Cidade de Anápolis-Goiás. Cada raizeiro(a) possui seu próprio saber e práticas, que vão se moldando de acordo com suas necessidades e características culturais. Os

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903
UF: GO **Município:** ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 6.094.048

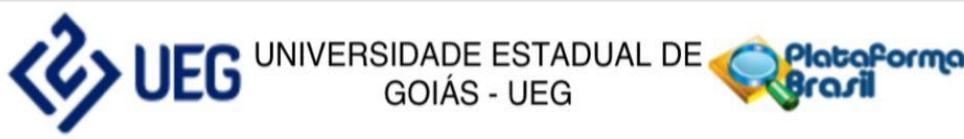
saberes populares com as plantas são passados de geração para geração, tendo um forte aspecto cultural envolvido. Nesse sentido, faz-se necessário a valorização das práticas culturais, como forma de considerar as manifestações e expressões populares detentoras do contexto regional como fator de identidade cultural. Além disso, a temática escolhida tem importância direta para a compreensão dos saberes e práticas populares em plantas medicinais a partir da narrativa de raizeiros(as). Logo, é fundamental maior aprofundamento sobre o assunto a fim de valorizar a cultura local, bem como de entender a dinâmica do saber popular no contexto regional. Trazer para o centro das discussões o(a) raizeiro(a) que pode ser o início de um processo de transformação que começa na academia e estende seus reflexos para a realidade social. Para debater sobre cultura nesta pesquisa trabalhamos vertentes complementares. Sobre os aspectos dos significados envolvidos no ofício de raizeiros(as) com as plantas medicinais, fundamentamos nas concepções de Geertz (2008), que entende a cultura como uma teia de significados tecida pelo homem orientando a existência humana. Para o autor, a cultura tem fundamento em uma ciência interpretativa, em busca de significados. Logo, os significados dos saberes e práticas populares para o homem pode ser entendido com fundamento neste autor. Trazemos, ainda, para a discussão os autores Laraia (2001) e Correa (1995), que discutem diversos contornos sobre cultura que ajudaram a explicar pontos específicos da pesquisa. Laraia (2001) aborda sobre os antecedentes históricos do conceito de cultura, sobre transmissão do conhecimento, sobre o etnocentrismo no contexto cultural e até mesmo sobre gênero. Corrêa (1995) nos ajuda a aprofundar a discussão da dimensão cultural no espaço. Entre as espécies vegetais do Cerrado que são usadas pela população, aquelas com propriedades medicinais estão entre as mais procuradas. Dessa maneira, oferecem papel importante na questão socioeconômica, tanto para as populações que vivem no meio rural, quanto as que vivem no meio urbano (CALIXTO E RIBEIRO, 2004). A biodiversidade do Cerrado oferece raízes, cascas, resinas, óleos, folhas, argilas, água, e outros recursos naturais que são mobilizados por suas populações para a prática da medicina popular, (DIAS; LAUREANO, 2014). No caso dos raizeiros(as) não é incomum realizarem a extração (raízes, folhas, cascas etc), de maneira predatória, provocando a degradação do Cerrado.

Hipótese:

Demonstrar que mesmo que este ofício dos raizeiros(as) tenha sido alvo de preconceitos e perseguições essa prática dos saberes não podem ser esquecidas.

Metodologia Proposta:

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903
UF: GO **Município:** ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 6.094.048

A metodologia a ser utilizada é a pesquisa de campo, através de observações, entrevistas, registros fotográficos, sonoros e audiovisuais da conversa, com o finalidade de realizar um trabalho com a verdade de quem vivenciou os fatos que esta pesquisa deseja mostrar. As entrevistas são consideradas extremamente importantes para comporem a pesquisa que visa contribuir, de forma teórica e empírica, para os estudos sobre os raizeiros(as), tendo em vista que o saber popular sobre a medicina natural tem contribuído para a cura de muitas doenças.

Critério de Inclusão:

O critério de inclusão dos entrevistados será a condição de serem raizeiros(as) que estão localizados no setor central e nas feiras, e respectivamente os consumidores que procuram estes locais para a compra de plantas medicinais e que possuem idade igual ou superior a 18 anos.

Critério de Exclusão:

Sendo de caráter excludente o participante que possuir idade inferior a 18 anos, e/ou não ser raizeiro(a) ou consumidor de plantas medicinais.

Tamanho da amostra no Brasil: 14

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender as práticas populares de raizeiros(as) no setor central e nas feiras na cidade de Anápolis-GO.

Objetivo Secundário:

Identificar a origem e sucessão dos saberes e práticas populares dos raizeiros (as) no setor central e feiras de Anápolis-GO;

Entender a inserção do saber popular dos raizeiros(as) no setor central e feiras de Anápolis-GO;

Analisar os meios que a população adquire o conhecimento sobre o uso das plantas medicinais e como adquirem essas plantas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos podem existir ao longo da pesquisa, como na realização das entrevistas e visitas de campo, havendo a possibilidade do desconforto, estresse ou dúvida ao responder o questionário.

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903
UF: GO **Município:** ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 6.094.048

Pode haver também o medo de exposição, caso o participante não deseje. Assim para prevenir o constrangimento e o desconforto, ao responder as perguntas, os indivíduos receberão esclarecimento prévio sobre a pesquisa através da leitura do TCLE; onde: a entrevista poderá ser interrompida a qualquer momento; será garantida a privacidade para responder o questionário; participação será voluntária.

Benefícios:

O benefício desta pesquisa é demonstrar aos participantes, a comunidade a qual estão inseridos e para a sociedade de que o saber dos raizeiros (as) não vem do mundo acadêmico, mas é transmitido de geração para geração. É um conhecimento complexo, que envolve a identificação das plantas, a coleta das raízes, folhas, frutos, sementes, resinas, o preparo do produto para a comercialização, a identificação das suas propriedades curativas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Verificar item "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Verificar item "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Recomendações:

Verificar item "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

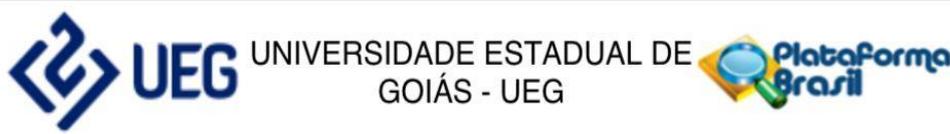
Prezada pesquisadora,

A Pesquisa apresenta relevâncias social, acadêmica e científica.

Como observação, ressaltamos que as pendências entre aspas (""") são referentes ao Parecer 6.019.226 (Versão 1). Logo abaixo a referência ao Parecer citado, estarão os comentários a respeito, ou seja, se a pendência foi ou não atendida nesta Versão 2.

1. Quanto ao Projeto Detalhado e às Informações Básicas da Pesquisa – referentes aos arquivos "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2100136.pdf" e projeto detalhado "PreprojetoCEPmodificadoem14042023.pdf", postados na Plataforma Brasil em 14/04/2023, e "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2100136.pdf" e projeto detalhado "PreprojetoCEPmodificadoem17052023.pdf", postados em 17/05/2023:

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903
UF: GO **Município:** ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 6.094.048

"1.1. Critério de inclusão e exclusão:

Solicita-se inserir, no documento Informações Básicas do Projeto, os critérios de inclusão e exclusão dos participantes da pesquisa, devendo estes ser apresentados de acordo com as exigências da metodologia a ser utilizada (Norma Operacional CNS n.º 001, de 2013, item 3.4.1.11). Um exemplo de critério de inclusão consta no documento "PreprojetoCEPmodificadoem14042023.pdf", página 6, item 'Riscos e Benefícios': 'Os raizeiros(as) que estão localizados no setor central e nas feiras em Anápolis, são de fácil localização, pois tem suas barracas, bancas ou Kombi, onde estão visíveis os produtos que são comercializados'. Ou seja, um critério de inclusão pode ser o da localização e da forma de organização das/os raizeiras/os."

RESPOSTA: A pesquisadora apresenta os critérios de inclusão e de exclusão nas Informações Básicas do Projeto, documento "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2100136.pdf", de 17/05/2023.

ANÁLISE: Pendência Atendida.

"1.2 Quanto aos Benefícios:

Define-se benefício da pesquisa como as 'contribuições atuais ou potenciais da pesquisa para o ser humano, para a comunidade na qual está inserido e para a sociedade, possibilitando a promoção de qualidade digna de vida, a partir do respeito aos direitos civis, sociais, culturais e a um meio ambiente ecologicamente equilibrado' (Resolução CNS n.º 510, de 2016, Artigo 2.º, Inciso III; Artigo 17, Inciso V). Desse modo, em que pese, ainda que sucintamente, o documento Informações Básicas aponte para o descrito acima no referido item, solicita-se informar, com clareza, tanto nas Informações Básicas do Projeto, quanto no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, quais serão os benefícios, diretamente relacionados à pesquisa, para o participante da pesquisa, para a comunidade na qual está inserido e para a sociedade."

RESPOSTA: A pesquisadora apresenta, com clareza, os benefícios da pesquisa para o participante da pesquisa, para a comunidade na qual está inserido e para a sociedade, nas Informações Básicas do Projeto, documento "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2100136.pdf", de 17/05/2023, e no documento "tcleEdjane17052023.pdf", de 17/05/2023.

ANÁLISE: Pendência Atendida.

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903
UF: GO **Município:** ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 6.094.048

Considerações Finais a critério do CEP:

Prezada pesquisadora,

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UEG considera o presente protocolo APROVADO. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado e lembramos que os relatórios de pesquisa devem ser enviados semestralmente, comunicando ao CEP a ocorrência de eventos adversos esperados ou não esperados, conforme disposto na Norma Operacional do CNS nº 001/2013 via modelo de relatório disponível no site do CEP/UEG. A submissão do mesmo deverá ocorrer no formato de NOTIFICAÇÃO via Plataforma Brasil. O prazo para a entrega do relatório final (modelo também disponível no site do CEP/UEG), via notificação na Plataforma Brasil, é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2100136.pdf	17/05/2023 02:48:30		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcleEdjane17052023.pdf	17/05/2023 02:32:10	EDJANE RODRIGUES NUNES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PreprojetoCEPmodificadoem17052023.pdf	17/05/2023 02:31:00	EDJANE RODRIGUES NUNES	Aceito
Outros	TermodecompromissoEDJANE.pdf	09/03/2023 16:51:33	EDJANE RODRIGUES	Aceito
Outros	RoteirodeentrevistaEdjane.pdf	09/03/2023 16:50:28	EDJANE RODRIGUES	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoEDJANE.pdf	09/03/2023 16:45:37	EDJANE RODRIGUES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903
UF: GO **Município:** ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 6.094.048

ANAPOLIS, 31 de Maio de 2023

Assinado por:
PATRICIA FERREIRA DA SILVA CASTRO
(Coordenador(a))

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903
UF: GO **Município:** ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br

Apêndice B: Roteiro de Entrevista

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
 UNU- ANÁPOLIS-CSEH NELSON DE ABREU JUNIOR
 MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES-PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO
 SENSU INTERDISCIPLINAR EM TERRITÓRIOS E EXPRESSÕES CULTURAIS DO CERRADO-
 PPGTECCER

Questionário Estruturado para Entrevista

Pesquisadora: Edjane Rodrigues Nunes

Primeira Parte: Entrevista com os Raizeiros(as)

Parte I - Dados pessoais.

- 01- Nome:
- 02- Estado Civil:
- 03- Idade:
- 04- Sexo: () M () F
- 05- Grau de escolaridade:
- 06- Naturalidade:
- 07- Exerce outra profissão? Qual?
- 08- Local da venda das plantas:
- 09- Religião:
- 10- Renda Mensal:
- 11- Há quanto tempo comercializa plantas medicinais?
- 12- Com quem você aprendeu esse ofício de ser raizeiro(a)?
- 13- Onde são colhidas as plantas medicinais que comercializa?
- 14- Qual o tipo de ervas que você trabalha? In Natura ou secas?
- 15- Você consegue descrever as principais ervas/raízes medicinais comercializadas? E para qual tipo de doença é indicada?
- 16- Você cultiva plantas que comercializa? Onde?
- 17- Para você de que forma o conhecimento sobre as plantas podem ser multiplicados?

Segunda Parte: Entrevista com os usuários de raízes

Parte I - Dados pessoais

- 01- Nome:
- 02- Estado Civil:
- 03- Idade:
- 04- Sexo: () M () F
- 05- Grau de escolaridade:
- 06- Naturalidade:
- 07- Profissão:
- 08- Renda mensal:
- 09- Religião:
- 10- Com quem aprendeu sobre o uso de plantas medicinais?
- 11- Há quanto tempo usa plantas medicinais (raízes, cascas, folhas)?
- 12- Tem preferência por medicamentos naturais por serem mais acessíveis?
- 13- Onde compra essas plantas?
- 14- Pode citar as plantas que você usa e para qual a finalidade? Você sabe fazer algum remédio? Qual?
- 15- Você cultiva alguma planta que usa em seu quintal?